FUNDADOR — JOAQUIM MANSO | QUINTA-FEIRA, 29 DE AGOSTO DE 1968 | ANO 48.º — NÚMERO 16 414

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — A RUELLA RAMOS

TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155 | REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO | PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA | EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SÁ
END. TEL. D I B O A — TELEX 1363 | RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA | ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º | NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

HUMPHREY CANDIDATO

PARTIDÁRIOS DE McCARTHY ESTUDAM A CRIAÇÃO DE UM QUARTO PARTIDO POLÍTICO (ler na pág. 20)

CHICAGO, 29 — (R.) — O vice-presidente Hubert Humphrey foi oficialmente declarado, esta madrugada, candidato do Partido Democrático à presidência.

No final do primeiro escrutínio, Humphrey tinha 1761 votos contra 601 do senador McCarthy e 146 para o senador McGovern, registando assim uma esmagadora vitória sobre os candidatos que condenam a actual política dos Estados Unidos no Vietnam.

Humphrey ultrapassou os 1312 votos necessários para ganhar a nomeação quando os delegados da Pennsylvania lhe deram os seus 103 votos.

Quando a nomeação do vice-presidente foi anunciada oficialmente, depois da meia-noite, a Polícia, empregando bastões e gases lacrimogéneos, lutou com manifestantes que protestavam contra a guerra do Vietnam em frente do hotel onde Humphrey se encontra instalado. O candidato democrático fará, esta noite, o discurso oficial de aceitação da candidatura, durante o qual indicará o nome do candidato á vice-presidência.

Entre os possíveis candidatos citam-se os nomes de Joseph Alioto, o «mayor» de San Francisco, o senador Edmund Muskie e o embaixador americano em Paris, Sargent Shriver, casado com uma irmã de Kennedy.

O vice-presidente nunca teve a sua posição sèriamente ameaçada na Convenção democrática e ficou com a vitória práticamente assegurada, a partir do momento em que, na terça-feira á noite, as delegações de vários Estados do Sul anunciaram que lhe dariam o seu apoio.

Durante o debate realizado ontem de madrugada, a Convenção já tinha dado uma nítida vitória a Humphrey ao aprovar a política da Administração Johnson sobre o Vietnam, a qual tinha sido especificamente apoiada por Humphrey. Ao mesmo tempo, a Convenção rejeitou a tese defendida pelos parti-

(Continua na 9.ª página)

Hubert Horatio Humphrey, candidato democrático á presidência dos E.U.A., terá como rival, nas eleições de Novembro, o republicano Richard Nixon.

Homens da Guarda Nacional do Illinois foram mobilizados, em elevado numero, para Chicago, na previsão de manifestações. Na foto, soldados daquela corporação bloqueiam uma rua próximo do hotel Hilton, quartel-general da Convenção Democrática. (Telefoto especial para o «Diário de Lisboa»)

Novos regulamentos de Imprensa na Checoslováquia

PRAGA, 29 — (R.) — Os checoslovacos disseram hoje adeus á sua liberdade de Imprensa de curta duração como parte do preço pela eventual retirada das forças de ocupação do Pacto de Varsóvia.

Nas redacções de Rádio Praga, da Televisão, do jornal do Partido «Rude Pravo», da agência noticiosa nacional Ceteka e de algumas outras publicações oficiais, «plenipotenciários do Governo» têm ordens para aplicar os novos regulamentos de Imprensa.

Decorreram apenas dois meses desde que uma vaga de liberalização acabou com a censura. Nos termos dos novos regulamentos, com que se concordou sem vontade nas conversações de Moscovo, após a invasão das tropas soviéticas e aliadas, não será permitida qualquer crítica á política do Kremlin.

Outra imposição vigora nas fronteiras do país, impedindo a entrada a jornalistas e turistas estrangeiros. Negociantes e visitantes em viagens oficiais necessitarão de vistos e certificados especiais afirmando o propósito da sua visita.

NA CIDADE DA GUATEMALA

CAÇA AOS HOMENS QUE MATARAM O EMBAIXADOR

CIDADE DA GUATEMALA, 29 — (R.) — Está em progresso nesta capital um caçada maciça da Polícia para prender homens armados que apanharam de emboscada o embaixador dos Estados Unidos, Gordon Mein, no seu automóvel, guiado por um motorista particular, e o mataram com uma rajada de balas de pistola e de metralhadora.

O assassínio, que ocorreu em plena luz do dia quando o embaixador regressava á sua missão, após ter participado num banquete em sua honra, foi o terceiro de um funcionário norte-americano, que se regista este ano.

O coronel John Weber e o tenente-comandante Ernest A. Munro, conselheiros militares americanos das forças guatemaltecas, foram mortos em Janeiro passado devido a um ataque de um grupo de terroristas.

O «Cadillac» do embaixador seguia ao longo da Avenida da Reforma, a cerca de dez quarteirões de distancia da sua missão, quando vários jovens saltaram de dois carros de fabrico japonês, abriram a porta da retaguarda do automóvel de Mein e o arrastaram para fora do veículo.

O embaixador resistiu e os jovens abriram fogo, fugindo quando Mein caiu, a sangrar, na rua, morrendo quase logo com nove balas no corpo.

O correspondente da Reuter, Claudio Moson, assistiu ao assassínio quando seguia o automóvel na Avenida, tendo á sua frente cinco carros, antes do do embaixador. O motorista do embaixador, um guatemalteco, ficou incólume.

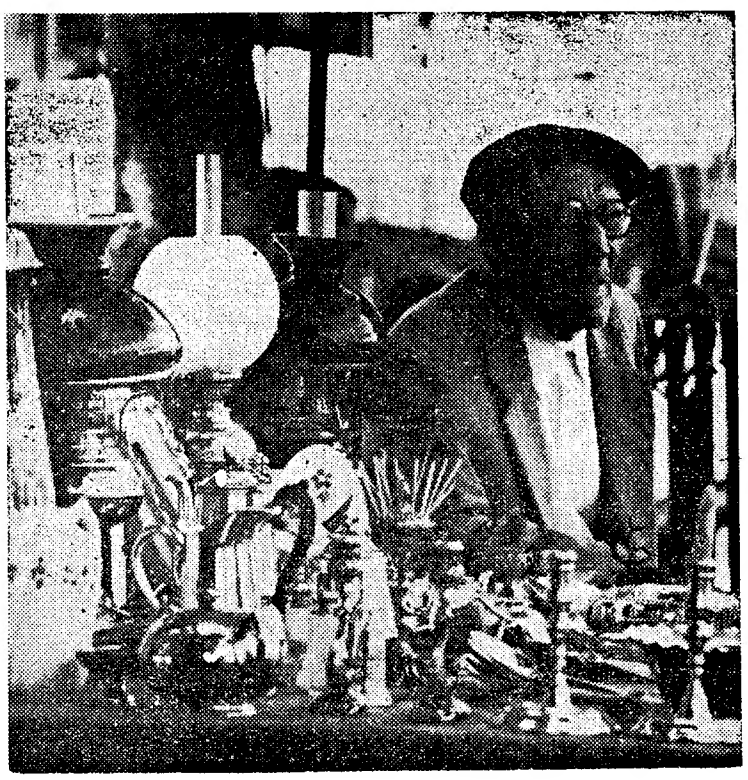
Carros da Polícia poucos minutos depois do crime espalharam-se através da cidade e um dos carros dos assassinos foi encontrado meia hora mais tarde.

O embaixador deixa viuva e três filhos.

Tanto grupos terroristas das esquerdas como das direitas têm estado em acção na cidade da Guatemala, onde ataques a tiro e á bomba, assaltos e ratpos por motivos políticos se tornaram quase parte da vida quotidiana.

As autoridades guatemaltecas atribuem a culpa a terroristas pró-comunistas dos assassínios de Janeiro ultimo.

HOJE — 28 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA



A FEIRA DA LADRA ESTÁ A PERDER O SEU CARÁCTER

Pratas, casquinhas, porcelanas, moedas e candeeiros antigos além de outras «coisas antigas» (objectos de madeira, relógios, quadros, etc., etc.) sempre foram a mercadoria tradicional oferecida pela «Feira da Ladra» ao visitante (que procura isso mesmo). Mas agora, os objectos novos também se instalaram no velho mercado, que vai lentamente perdendo as suas características. (LER NA PÁGINA CENTRAL)

De ontem para hoje

TOMOU POSSE O MINISTRO DAS COMUNICAÇÕES

Ao tomar posse do cargo de ministro das Comunicações, o sr. eng.º José do Canto Moniz afirmou no seu discurso: «A substituição de um ministro não é mais do que uma passagem de facho e nada mais há a fazer para quem chega do que continuar a obra em marcha, procurando avivar cada vez mais a chama que recebe. Estas simples palavras encerram todo um programa de acção na tarefa que agora, tão honrosamente para mim me é confiada. Na realização da melhoria das infra-estruturas e das superestruturas das comunicações do nosso País, procurarei com o maior afinco dar realização áquilo que está enunciado no III Plano de Fomento, actualmente em execução. No estudo dos problemas que se referem á coordenação de transportes, procurarei seguir as pisadas do meu antecessor, devotando-me com todo o interesse ao seu estudo, tendo presente que a sua resolução tem cada vez mais importancia para o País, quer pela função interna de todos os sistemas de comunicação, quer pelas exigências da sua integração nas comunicações internacionais.» A cerimónia decorreu na Sala do Conselho do Palácio Nacional de Belém, perante o Chefe do Estado e com a presença do sr. Presidente do Conselho, membros do Governo, o antigo titular da pasta, sr. eng.º Carlos Ribeiro, e outras entidades. O secretário-geral do Ministério das Comunicações, sr. eng.º Vítor Veres, em nome do funcionalismo superior daquele departamento, saudou o novo ministro, o que fez, também, o seu antecessor, como ministro interino, sr. eng.º Machado Vaz.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

O Chefe do Estado recebeu no Palácio de Belém, os srs. dr. Franco Nogueira, ministro dos Negócios Estrangeiros; dr. Moreira Baptista, secretário nacional da Informação; José Félix Mira, governador civil, cessante, do distrito de Évora; eng.º Pedro Campilho, administrador do Banco de Fomento Nacional; tenente-coronel Hélio Felgas e José Silveira Machado.

ESCUTAS CATÓLICOS

Apresentaram cumprimentos ao Chefe do Estado os escutas católicos das ilhas adjacentes e do ultramar, com alguns companheiros da Metrópole, que tomaram parte no 13.º Acampamento Nacional de Escutas, na serra de São Mamede, na região de Portalegre. A representação era constituída pelos escutas de ambos os sexos das ilhas da Madeira e dos Açores e das províncias de Angola, Guiné e Timor e por delegados dos centros metropolitanos, num total de cerca de cinquenta rapazes e raparigas, acompanhados pelo chefe nacional adjunto do C. N. E., sr. comandante Daniel Rocheta; pelo assistente nacional adjunto, rev. João Ferreira; pelo tesoureiro nacional, sr. dr. Américo Santa Marta; e pelo redactor-chefe da «Flor de Lis», sr. Costa Ramos. O sr. comandante Daniel Rocheta saudou o sr. Presidente da Republica, que, ao agradecer, fez o elogio da juventude escutista católica.

A MORTE NA ESTRADA

O trágico acidente (embate violento de dois automóveis) ocorreu na estrada nacional, a uns quatro quilómetros de Alcácer do Sal e causou duas mortes. Houve, ainda, um ferido, mas sem gravidade. Um dos carros era conduzido pelo sr. Mário António Pereira, de 24 anos, solteiro, empregado de escritório, nascido e residente em Grandola, que ia acompanhado pelo sr. Manuel Joaquim Tabica, de 46, comerciante, casado, natural de Abela (Santiago de Cacém) e morador no Monte do Convento, e pela sr.ª D. Maria da Conceição, de 64, solteira, natural de Barranco do Velho (Loulé) e residente em Grandola. Transportados ao hospital desta vila, os dois passageiros chegaram ali já mortos. O condutor, depois de receber tratamento a diversos ferimentos, recolheu a casa. O outro veículo era conduzido pelo seu proprietário, sr. Manuel Pirralho Arsénio, de 26 anos, natural de Montargil e ali residente, que ficou ileso.

TRÁGICO JANTAR

Quando jantava em sua casa, no Passeio Alegre, no Porto, o sr. António Tomás Cardoso e Silva, de 44 anos, casado, empregado de escritório, atravessou-se-lhe na garganta um naco de carne que logo começou a dificultar-lhe a respiração. Não conseguiu retirá-lo e, quase sufocado, a esposa fê-lo transportar ao Hospital de Santo António, mas o infeliz morreu asfixiado antes de ali chegar.

TOMOU POSSE O NOVO VEREADOR DO MUNICÍPIO DE LISBOA

No seu gabinete, o sr. general França Borges, presidente da Camara Municipal de Lisboa, deu hoje posse, como vereador efectivo, ao sr. Manuel da Conceição Mineiro Pessoa, um dos vereadores substitutos eleitos, que passa a ocupar o lugar do sr. dr. José Hermano Saraiva, recentemente nomeado ministro da Educação Nacional.

Estavam presentes os dois vice-presidentes, srs. Aníbal David e eng.º-agrónomo D. Segismundo da Camara Saldanha, todos os vereadores, os directores dos serviços e altos funcionários do Município.

O presidente, embora lamentando o afastamento do dr. José Hermano Saraiva, congratulou-se com a honra, extensiva á Camara a que preside, que representou a sua escolha para tão importante cargo, e manifestou confiança em que o novo vereador efectivo lhe dê a mais leal e dedicada colaboração.

Em resposta o sr. Mineiro Pessoa agradeceu as referências feitas e prometeu envidar todos os esforços para cumprir os seus deveres de vereador.

Almoço de homenagem ao dr. José Hermano Saraiva

Os srs. general França Borges, presidente, Aníbal David e eng.º agr. D. Segismundo da Camara de Saldanha, vice-presidentes, e vereadores da Camara Municipal de Lisboa, ofereceram hoje, em Montes Claros, um almoço ao antigo vereador dr. José Hermano Saraiva, novo ministro da Educação Nacional, cujos serviços á cidade foram enaltecidos pelo presidente da edilidade.

Ora diga-nos...

— Quantos dias de férias teve este ano?

Está quase no fim o grande mês das férias. Muitas pessoas queimam, por isso, os «últimos cartuchos», quer dizer, aproveitam ávaramente os últimos dias, enquanto vão pensando nos longos meses de trabalho que as esperam. Referimo-nos, é evidente, aos que têm férias, porque há muita gente para quem as férias são um luxo a que nunca se chega, durante uma vida inteira de trabalho. Por acaso, todos os entrevistados de hoje tiveram os seus dias de descanso, aliás merecidos, porque todos trabalham. E o leitor, que também trabalha, quantos dias de férias teve este ano?

● *O sr. Francisco Brito Tavares, «barman» de uma «boîte», andou, este ano, com muita sorte:*

— Tive quinze dias que terminam no fim do mês. Por direito, eram só oito, mas, como houve obras na casa, foi até aos quinze. Passei parte no Algarve e parte em Lisboa.

— É suficiente?

— Sim, é o bastante para descansar.

● *Mais sorte ainda, só o estudante José Luís Meneses (sextanista do Liceu Passos Manuel), que disse:*

— Agora, no Verão, são dois meses, mas tenho, ainda, as férias do Natal e da Páscoa.

— E que faz durante as férias grandes?

— Passeio e ajudo os meus pais. Muito trabalho? Não. Ajudo na escrita da casa e aqui, na leitaria, ao balcão e ás mesas, quando é preciso.

● *Por fim, o sr. João Miranda, empregado de escritório, teve de férias quinze dias úteis, mas...*

— Acho que é pouco. O ideal seriam aí uns 25 dias, para a gente poder descansar das fadigas de um ano. É uma opinião pessoal, haverá gente que até pensa que é muito. Os patrões, por exemplo, não pensarão como eu...

CICLO PREPARATÓRIO
E
CURSO LICEAL
DIURNO E NOCTURNO / Tel. 834658

PERDEU-SE
Bolsa de Senhora entre Monte Gordo e Vila Real de St.º António, com pulseira com 6 corações de estimação. Dão-se alvissaras.
Resposta, Av. Infante D. Henrique, 8 — MONTE GORDO

CRIADAS
Organismo oficial admite criadas com o salário mensal de 625$00 residindo nas camaratas, e 725$00 residindo fora, com direito a alimentação e reforma e com perspectivas de melhoria.
Devem possuir a habilitação da 4.ª classe e idade compreendida entre os 18 e 34 anos.
Resposta a este jornal ao n.º 392.

Aluguer sem condutor
CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS

Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10-B
Telefones: 72 76 54 - 72 49 75
LISBOA

PEQUENO LORDE
SALDA
RESTOS DAS SUAS COLECÇÕES DE VERÃO. APROVEITE VESTIR OS SEUS FILHOS MAIS BARATO
Av. GUERRA JUNQUEIRO, 15

AUTO-RÁDIOS
EXCELENTE SONORIDADE
LINHAS ELEGANTES
A MAIS MODERNA TÉCNICA
Concebidos para a marca Volkswagen
SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S. A. R. L.
FILIAIS, AGENTES E OFICINAS AUTORIZADAS EM: AMADORA, ANGRA DO HEROÍSMO, ARRIFANA, AVEIRO, BEJA, BOMBARRAL, BRAGA, CALDAS DA RAINHA, CASTELO BRANCO, CHAVES, COIMBRA, COVA DA PIEDADE, COVILHÃ, ELVAS, ESTREMOZ, ÉVORA, FARO, FUNCHAL, GUARDA, GUIMARÃES, HORTA, LEIRIA, LISBOA (AVENIDA PADRE MANUEL DA NOBREGA — RUA ESCOLA POLITÉCNICA), MIRANDELA, MOURA, PONTA DELGADA, PONTE DE SOR, PORTALEGRE, PORTIMÃO, PORTO, SANTARÉM, SANTIAGO DO CACÉM, SANTO TIRSO, SÃO TOMÉ, SETÚBAL, TOMAR, TORRES VEDRAS, VIANA DO CASTELO, VILA REAL, VISEU.

O ASSOREAMENTO DA RIA FORMOSA PREJUDICA O TRABALHO DA FROTA PESQUEIRA

OLHÃO, 29 — Depois das medidas tomadas pela capitania do porto para proteger a ilha da Armona, espera-se que a Junta Autónoma dos Portos do Sotavento do Algarve preste a atenção ao problema do assoreamento da Ria Formosa.

Desde há muito tempo que dezenas de barcaças vêm descarregando toneladas de areia nos viveiros de ameijoas, cujos proprietários argumentam que a areia actua como fertilizante. Além desta teoria ser muito discutível (a areia a empregar nos viveiros deveria ser grossa) importa, antes de mais, salvaguardar os interesses da navegação piscatória e comercial.

Grande parte da Ria está sèriamente ameaçada, pois o assoreamento, que cresce de dia para dia, constitui já grave risco para os barcos de pesca que chegam a encalhar, por vezes quase na praia-mar.

ESPECTÁCULO A FAVOR DOS B. V. DE MAFRA

MAFRA, 29. — Com a actuação dos artistas Luís Guilherme e Lídia Ribeiro, dos guitarristas José Maria Nóbrega e António Chaínho, do maestro José Maria Antunes e da Orquestra «Roma 66», decorre no sábado, no magnífico enquadramento do Jardim do Cerco, um espectáculo de variedades a favor da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários desta vila.

Após a actuação daqueles artistas, apresentados pelo locutor Luís Valentim, haverá baile até de madrugada.

RECTÂNGULOS DA VIDA

por MARIA JUDITE DE CARVALHO

UMA ESTRANHA AVE

Estava eu a beber não sei o quê, mas decerto uma bebida fresca porque é Verão e havia muito sol, quando levantei os olhos e vi. Primeiro achei estranho ou talvez impossível o que via, depois comecei a achar menos estranho e a pouco e pouco mais possível, quase normal, porque não? Era um homem a fazer *sky* aquático, mas um homem com asas, ou talvez um homem à vela porque o que ele tinha era mais uma vela do que asas. E a pouco e pouco eram asas, sim, e já não vela porque o homem a pouco e pouco libertara-se do solo-mar e ascendera a outro solo já não líquido mas fluído, e voava horizontalmente, à velocidade do barco a que estava ligado por uma longa corda, qual papagaio de papel.

O que mais me impressionou foi o facto de ninguém olhar para aquela estranha ave. Apetecia-me dizer: «Olhem, olhem», mas a verdade é que não conhecia ninguém, e, de resto, as pessoas pareciam pouco interessadas com o que se passava à sua volta e sobretudo no mar, lá adiante. As pessoas bebiam golinhos frescos, fumavam, conversavam lentamente, com moleza, deixavam correr o marfim, que é, como quem diz, a tarde.

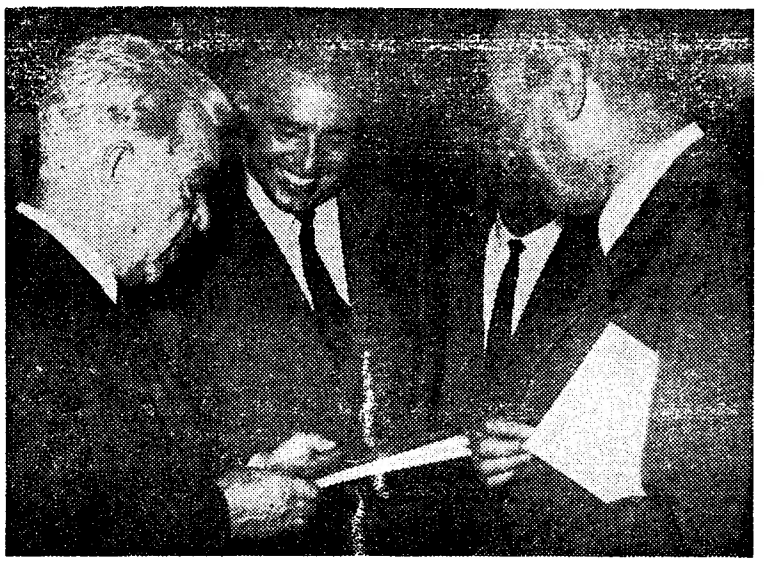
E o homem estava a cinco, a dez, a mais metros de altura? Era difícil saber. O barco deslizava e ele cortava o ar inquieto quente e ventoso daquela tarde. Teria sido o vento? Talvez. Houve um instante de ar zangado, de vento-espiral com invisíveis, escaldantes faúlhas, e o homem lá adiante caiu como se um caçador o houvesse ferido de morte. Mergulhou, pois, envolto em asas negras mas não houve problema porque no dia seguinte, no jornal, não vinha a sua morte.

«Portugal além da Europa» —fotografias do nosso Ultramar reunidas numa exposição inaugurada no Casino Estoril

O aspecto humano e o desenvolvimento cultural e económico das nossas províncias ultramarinas está bem documentado na exposição «Portugal além da Europa» ontem inaugurada no Casino Estoril. Mais de meia centena de excelentes fotografias e diapositivos dão a conhecer aspectos multiplos de Cabo Verde, Guiné, S. Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique, Estado da India, Macau e Timor, cada uma das províncias aparecendo com as suas principais características, quer de beleza paisagística, quer de realizações do homem.

O certame, promovido pela Estoril-Sol, de colaboração com a Agência-Geral do Ultramar tem, além de outras, a virtude de constituir excelente veículo de propaganda das parcelas portuguesas espalhadas pelo Mundo junto da considerável massa de turistas que, diàriamente, frequentam o Casino Estoril. Para tal concorrem, também, a presença, no recinto da exposição, de diversas publicações sobre o mesmo tema, algumas das quais editadas em várias línguas. Entre estas publicações destaca-se a excelente edição do «Diário de Lisboa» intitulada «Realidades Portuguesas» — um magnífico volume, de invulgar aspecto gráfico, em que se focam algumas das principais realizações nacionais.

O certame, que ficará patente ao publico até ao dia 5 do próximo mês, foi inaugurado pelo Subsecretário de Estado da Administração Ultramarina, sr. dr. Almeida Costa, que estava acompnahado pelo dr. Francisco Cunha Leão, agente-geral do Ultramar. Aquele membro do Governo e os restantes convidados foram recebidos pelos srs. Teodoro dos Santos e dr. Manuel Teles, administradores da Estoril-Sol.



Durante a inauguração do certame, o subsecretário, á esquerda, folheia interessado um volume de «Realidades Portuguesas». Na foto vêem-se, também, os drs. Manuel Teles e Cunha Leão

OPORTUNIDADE ÚNICA!

INICIA-SE A VENDA
DO EMPREENDIMENTO DE MAIOR CATEGORIA EM TODO O PAÍS

ALDEIA TURÍSTICA
DO TOURING CLUB DE PORTUGAL

SITUADA NA PRAIA DA FALÉSIA - ALBUFEIRA (A MAIS BONITA DO **ALGARVE**)

CIRCUNDADA DE DENSOS PINHAIS * LUZ ELÉCTRICA * ÁGUA CORRENTE * ESGOTOS
RUAS ASFALTADAS * TRANSPORTE ENTRE O AEROPORTO E O EMPREENDIMENTO

No caso de não utilizar a propriedade adquirida, nós encarregamo-nos de a alugar com um rendimento mínimo de 8 % garantido, que poderá actualizar cada ano

*** PARA OCUPAR IMEDIATAMENTE**

APARTAMENTOS E MORADIAS DE GRANDE LUXO

CONSTRUÍDAS EM PURO ESTILO ALGARVIO COM MATERIAIS DE 1ª QUALIDADE, EM TERRENOS DE 500 A 1.500 m².

TABELA DE PREÇOS

	ENTRADA	PREST. MENSAL	PREÇO TOTAL
1 ASSOALHADA, COZINHA E C. DE BANHO	25.000$	2.500$	250.000$
2 ASSOALHADAS, COZINHA E 2 C. DE BANHO	40.000$	4.000$	400.000$
3 ASSOALHADAS, COZINHA, C. DE BANHO E GARAGEM	60.000$	6.000$	600.000$
4 ASSOALH. COZINHA, Q. DE CRIADA, 3 C. DE BANHO E GARAGEM	75.000$	7.500$	750.000$
5 ASSOALH. COZINHA, Q. DE CRIADA, 3 C. DE BANHO E GARAGEM	90.000$	9.000$	900.000$

Equipadas com ar condicionado, cozinhas com frigorífico, fogão com forno, máquina automática de lavar roupa, esquentador de distribuição, exaustor de fumos, máquina de cozinha eléctrica com acessórios (batedeira), etc.

SEM ENCARGO ALGUM, E EXCLUSIVAMENTE PARA OS SENHORES COMPRADORES * PARQUE PARA CRIANCAS, SOB A VIGILÂNCIA DE PESSOAL COMPETENTE * PISCINA HIPISMO * COURT DE TÉNNIS * PESCA DESPORTIVA * SKI NÁUTICO * ETC.

INFORMAÇÕES AV. DA LIBERDADE, 258-9.º-Esq. LISBOA

OU NO LOCAL

FILMES CASTELLO LOPES 50 anos
apresenta
UM FILME DE AVENTURAS
FLASHMAN
CONTRA O HOMEM INVISÍVEL

com
PAUL STEVENS - CLAUDIE LANGE
Realização de J. LEE DONAN
Maiores de 12 anos
AMANHÃ ESTREIA
CONDES

M/6 ANOS
MONUMENTAL de CASCAIS
EMPRESA JOSÉ GUERRA
EXTRAORDINÁRIA CORRIDA
1 de Setembro (às 17,30 h.)
CAVALEIROS
Mestre Batista
Luís M. da Veiga
8 TOIROS 8
da ganadería de D. Maria M. Andrade Salgueiro
ESPADAS
os finos e aplaudidos diestros espanhois
Juan Ansejo CALERO
António Garcia UTRERITA
forcados amadores do aposento
do barrete verde de alcochete
PREÇOS: Sombra desde 80.00
Sol 25.00
JUVENTUDE 15.00
Venda de bilhetes:
Em Lisboa Agencia A.B.E.P. telefone 32 88 23
Em CASCAIS - Café Brisa - telef. 28 11 26
Bilheteiras da Praça - telef. 28 10 07
Bilheteira da Empresa - Tel. 28 31 03

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO IMPÉRIO

TÍTULO — «Não se trata assim uma senhora» («No way to treat a lady»).
REALIZADOR — Jack Smight, 1968.
INTÉRPRETES — Rod Steiger, Lee Remick, George Segal, Eileen Heckart, Murray Hamilton etc.

«Não se trata assim uma senhora» foi o título do filme com que ontem reabriram as portas do cinema Império, após um curto período de férias. Desde já podemos assegurar que a reabertura se processou num excelente nível, mercê das qualidades invulgares da película de Jack Smight que, desta maneira, concretiza as esperanças nele depositadas após a estreia de «Harper, Detective Privado».

«Não se trata assim uma senhora» é uma excelente mistura de géneros, um filme que conjuga elementos do policial, do terror e da comédia, numa mescla inteligentemente urdida. Christopher Gill (Rod Steiger), proprietário de um teatro e encenador de «Othelo», utiliza disfarces vários para, desta maneira, estrangular mulheres de meia-idade. Após os crimes, Gill pinta nas testas dos cadáveres os lábios vermelhos e sensuais dos beijos que não chegou a possuir. Essa é a sua forma de exteriorizar ressentimentos antigos: a imagem obcecante de uma mãe autoritária que ele muito amou. O traumatismo obriga Christopher Gill a uma autêntica despersonalização. Os seus disfarces ultrapassam o nível da simples «pista falsa» e representam criações de figuras e de personagens, com nomes, vozes e aspectos característicos. Esta multiplicação de personalidades é a forma de Christopher Gill desempenhar o seu «papel», viver figuras num palco novo, um recinto onde o prestígio da mãe não se faz sentir, onde ele interpreta verdadeiramente um papel, longe de qualquer tipo de comparação sempre possível na cena teatral. Christopher Gill exige dos jornais as reportagens condizentes com o seu talento assassino. E do inspector Morris Brummel (George Segal) irá, de igual modo, exigir o reconhecimento das suas qualidades. Estabelece-se, então, um curioso paralelo entre assassino e investigador. As conversas telefónicas entre ambos tornam-se frequentes. O próprio criminoso avisa o polícia da situação exacta das suas vítimas. Para que a comparação seja ainda mais flagrante, Morris Brummel sofre idêntica sorte familiar, tiranizado com amor pela mãe, uma figura magnificamente composta por Eileen Heckart. As cenas finais levarão o paralelo ás suas utimas consequências, colocando lado a lado, no estrado de um palco, o corpo ensanguentado de Gill, num derradeiro monólogo, e o de Morris Brummell, entorpecido por uma violenta pancada na cabeça. Ali, confundindo-se um com o outro, os adversários estabelecem as tréguas que antecedem o correr do pano.

«Não se trata assim uma senhora» é, acima de tudo, um excelente trabalho de realização de Jack Smight que logra esboçar um clima particularmente perverso. As sugestões vêm-nos de todo o lado. A figura de Christopher Gill debate-se num passado misterioso. No entanto, essa ambiência «proibida» confere a «Não se trata assim uma senhora» um interesse suplementar.

Entre os intérpretes, uma magnífica Lee Remick e um inesperado George Segal dão a réplica condizente ao *oscarizado* Rod Steiger, um actor empolgante que reparte o seu talento por várias figuras, criando para todas elas as *nuances* próprias.

Mas «Não se trata assim uma senhora» não vale unicamente pela interpretação. Repetimos: Jack Smight confirma créditos, desenvolvendo inteligentemente uma *mise-en-scène* cheia de virtuosismo, construída em profundidade, nunca deixando ao acaso pormenores que assim se integram num todo a que conferem uma significação interior insuspeitada.

LAURO ANTÓNIO

JACK SMIGHT filmografia

Vindo da Televisão, Jack Smight dirigiu até agora (e ao que sabemos) os seguintes filmes: 1965: «I'd Rather Be Rich» («Rica, Bonita e para Casar») e «The Third Day» («O 3.º Dia»); 1966: «Harper on the Moving Target» («Harper, Detective Particular»); 1967: «Kaleidoscope» («Alta Batota»); 1968: «No Way To Treat a Lady» («Não se trata assim uma senhora»).

8ª SEMANA
A PARTIR DE AMANHÃ
O MELHOR FILME DO ANO
AGORA EM DOIS CINEMAS
PARA REABERTURA DO
SÃO LUIZ
E PELA PRIMEIRA VEZ NO
ALVALADE
GALARDOADO COM
6 "OSCARS"
DA ACADEMIA AMERICANA
MELHOR FILME DO ANO
MELHOR REALIZADOR — Fred Zinnemann
MELHOR ACTOR — Paul Scofield
MELHOR ADAPTAÇÃO — Robert Bolt
MELHOR FOTOGRAFIA — (Colorida)
MELHOR FIGURINO — (Colorido)

E AINDA OS MAIS SIGNIFICATIVOS PRÉMIOS DA ARTE E DO PENSAMENTO
COLUMBIA FILMS apresenta um filme de
FRED ZINNEMANN
UM HOMEM PARA A ETERNIDADE
Baseado na peça de ROBERT BOLT
"A Man For All Seasons"
Maiores de 12 anos

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de lisboa
Vasco Morgado apresenta — ADULTOS
HOJE, 2 sessões: às 21 e às 23 horas
Bilhetes desde 5$00 — Ar refrigerado
Oh, que delícia de COISA

Disparate cómico de Gila, encenado por Carlos Avilez, com
RAUL SOLNADO
ANA PAULA ★ BARROSO ★ BORSATTI ★ HENRIQUETA ★ LUÍS FILIPE ★ CARLOS QUEIROZ e ainda FIALHO GOUVEIA

Barroso Lopes

A FEIRA POPULAR de LISBOA
A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
RECINTO DE DIVERSÃO E CONVIVÊNCIA SEMPRE AGRADÁVEL, MANTÉM O TÍTULO DO MAIS ALEGRE PONTO DE LISBOA
BOA MESA — MÚSICA MELODIOSA — ALEGRES DIVERTIMENTOS — LUZ A JORROS, NUM AMBIENTE DE FRESCURA E TRANQUILIDADE
PARA TODOS OS GOSTOS — PARA TODAS AS BOLSAS — PARA TODAS AS IDADES
ABERTURA AS 19 HORAS

FESTIVAL DE SINTRA

Entre os instrumentistas franceses de arco actualmente em exercício, Christian Ferras ocupa lugar proeminente. A despeito de ainda relativamente jovem (35 anos, ao que supomos), há muito que alcançou grande projecção internacional, através de uma carreira brilhantíssima pelos mais importantes centro musicais e graças a um elevado numero de gravações. Já não é a primeira vez que toca no nosso País, e dele conservámos gratas impressões.

Não diremos que o notável violinista nos desiludiu inteiramente no recital que acaba de dar no Palácio de Queluz. Mas não esconderemos que a sua actuação foi desigual e sobretudo que, embora nos tivesse parecido desta vez muito mais amadurecido como intérprete, Christian Ferras esteve longe de ser impecável no plano da execução.

Na *Sonata em ré menor*, de Brahms é que isto se tornou particularmente sensível, e em especial no 1.º andamento: qualidade de som e arcada deixaram bastante a desejar.

Não obstante, transpareceu uma concepção estilística de bom estofo e não nos passaram despercebidos certos pormenores de fraseado e de «clima».

No conjunto, resultou muito mais feliz a versão da *Sonata em sol menor*, de Bach, para violino solo. Bem estruturada e vívida, sem exageros de expressão enfática. E verificou-se aqui uma firmeza de arcada que em Brahms faltara. De destacar a *Fuga*, excelentemente planificada.

Já a realização da *Sonata*, de Debussy pecou por uma tal ou qual exterioridade. Houve excesso de ímpeto e ausência de fluidez em não poucas passagens.

Completaram o programa duas obras de Ravel: *Peça em forma de Habanesa*, um pouco tolhida no seu lirismo intenso e requintado ao mesmo tempo, e *Tzigane*, onde Ferras pôs á prova o seu virtuosismo e uma certa fogosidade bem temperamental.

Ao piano, Jean Claude Ambrosini mostrou-se colaborador atento e experimentado. Embora tivéssemos desejado, por vezes, maior subtileza.

Extra-programa: *Capricho Vienense*, de Kreisler, e *Dança* da «Vida Breve», de Falla.

NUNO BARREIROS

AS ESTREIAS DE HOJE

No Aviz

Título em português — «Caracas 5 para as 12».
Produção — Americana.
Realização — Marcello Baldi.
Intérpretes — George Ardisson, Pascale Andret, Harald Leipnitz, Horst Frank e Christa Linder.
Género — Aventura.
Distribuição — Doperfilme.
Processo — Ultrascope-color.
Classificação — Adultos.

TELESCOLA
Abertas as matrículas
Telefone 83 14 16

ESTREIA · AVIS
HOJE, ÀS 21.45 M. 17 ANOS

— UM RAPTO AUDACIOSO!
— A IMPLACAVEL LEI DOS «GANGSTERS»!
— UM RESGATE SEM CONCESSÕES!

com
GEORGE ARDISSON
PASCALE AUDRET
HARALD LEIPNITZ
HORST FRANK
CHRISTA LINDER

Realização
MARCELLO BALDI

CARACAS
5 PARA AS 12

ULTRASCOPE-COLOR
exclusivo
DOPERFILME

FILMES CASTELLO LOPES 50 anos
apresenta um filme MGM

BEM + INOCÊNCIA = HORROR

O filme de Jack Clayton
Todas as noites às nove
(Our Mother's House)
com
DIRK BOGARDE
Adultos METROCOLOR

AMANHÃ estreia MUNDIAL

NO CICLO
«Humor em Festival»

MARILYN MONROE
JACK LEMMON
TONY CURTIS

DOMINAM, ACTUALMENTE O PANORAMA CINEMATOGRÁFICO DE LISBOA!

QUANTO MAIS QUENTE MELHOR
(SOME LIKE IT HOT)

REALIZAÇÃO DE BILLY WILDER

ENTRA EM:

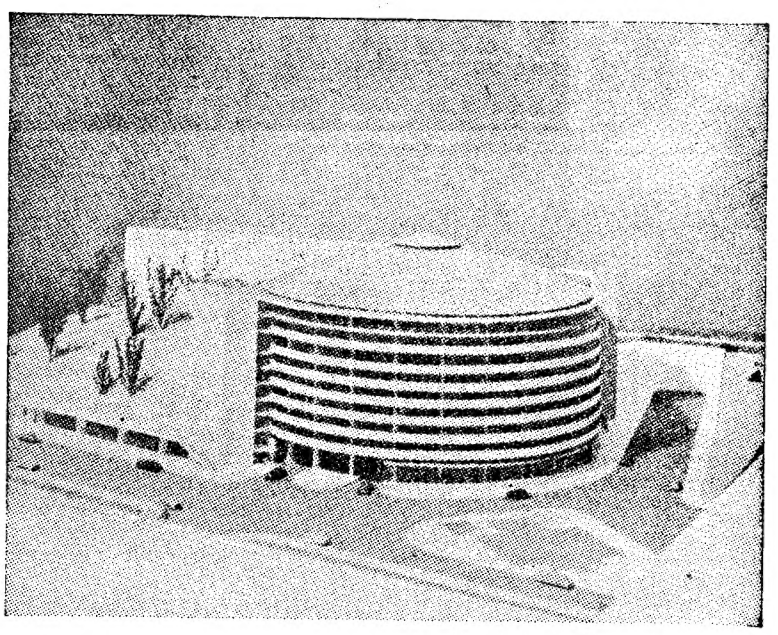
2ª SEMANA

DE LOTAÇÕES ESGOTADAS

NO
SÃO JORGE
PROGRAMAÇÃO RANK
RANK FILMES

ADULTOS

A SILO-AUTO (COMPANHIA DOS PARQUES DE ESTACIONAMENTO) VAI AUMENTAR O SEU CAPITAL



Maqueta do Parque das Carvalheiras, em construção, situado entre as Ruas Gonçalo Cristóvão, Sá da Bandeira Guedes de Azevedo, da cidade do Porto. Frente do edifício para a Rua Guedes de Azevedo

Constituida por escritura pública de 22/7/61, alterada pela de 23/11/67, respectivamente, lavradas de fls. 53 do L.º 286-B e de fls. 7 v.º do L.º 332-B, das Notas do 12.º Cartório Notarial de Lisboa e publicadas na III Série do «Diário do Governo» n.º 191, de 16/8/61, e n.º 279, de 30/11/67, a SILO-AUTO — Companhia dos Parques de Estacionamento, S. A. R. L., vai fazer o lançamento da 2.ª fase, de 20 000 contos, das acções destinadas ao seu aumento de capital.

O QUE É A SILO-AUTO

A actividade ou o objecto social da Silo-Auto é, principalmente, a construção e exploração comercial e industrial de parques de estacionamento de veículos automóveis (aéreos e subterrâneos) e, secundàriamente, os de mais comércios e indústrias, acessórios ou correlativos.

É a primeira companhia que se constitui em Portugal para a exploração de parques de estacionamento em altura e profundidade e o seu aparecimento tem a maior oportunidade, porquanto, nas cidades de Lisboa e Porto, a falta de locais para estacionamento de automóveis apresenta-se como um problema dramático, que preocupa sèriamente as autoridades governamentais.

Estes parques servirão também excelentemente tanto o turismo nacional como o internacional.

A Companhia foi-lhe prometida pela Presidência do Conselho a concessão de utilidade turística.

É concessionária exclusiva da Construção e Exploração do Parque de Estacionamento de Automóveis no local das Carvalheiras, à Rua Sá da Bandeira, da cidade do Porto, para uma lotação de 800 viaturas.

AUMENTO DE CAPITAL PARA 50 000 CONTOS

Com um reforço de 40 000 contos, representado por 80 000 acções do valor nominal de 500$00 cada uma, ao portador, emitidas ao par, em duas fases de 20 000 contos, ou de 40 000 acções de cada vez, autorizado por Despacho Ministerial de 13/12/967, *e comunicação da Inspecção-Geral de Crédito e Seguros de 3/8/68.*

CONDIÇÕES DE SUBSCRIÇÃO

1) — Esta emissão, sujeita a rateio, *é de particular interesse* para o público automobilista, embora com reserva de preferência para os que já forem accionistas (prova que terão de fazer no acto da nova subscrição com a apresentação do título representativo das acções que possuírem) e até ao valor nominal das suas acções ou ao montante global de 10 000 contos; os actuais Senhores Accionistas podem, todavia, fazer subscrições para além do número de acções a que têm direito pela preferência, mas estas subscrições têm de ser feitas em separado;

2) — O prazo da subscrição é por 15 dias, que termina em *14 de Setembro;*

3) — As acções são oferecidas ao par, ou seja a 500$00 cada uma;

4) — Os Senhores Subscritores *terão direito,* pelo espaço de três anos, sobre o montante de cada desembolso ou prestação, a um juro ou dividendo «extra» ou «intercalar» de 5 %, *pago antecipadamente* e liquidado sobre o capital efectivamente desembolsado, a receber trimestralmente, assim em relação ao tempo e sobre o valor de cada desembolso ou prestação, sendo o do primeiro ano descontado no acto do pagamento de cada uma das cinco prestações; e ainda terão direito aos dividendos normais que forem distribuídos nos exercícios futuros. Este dividendo «extra» é atribuído de harmonia com o § único do art.º 22.º dos Estatutos e fica cativo dos respectivos impostos;

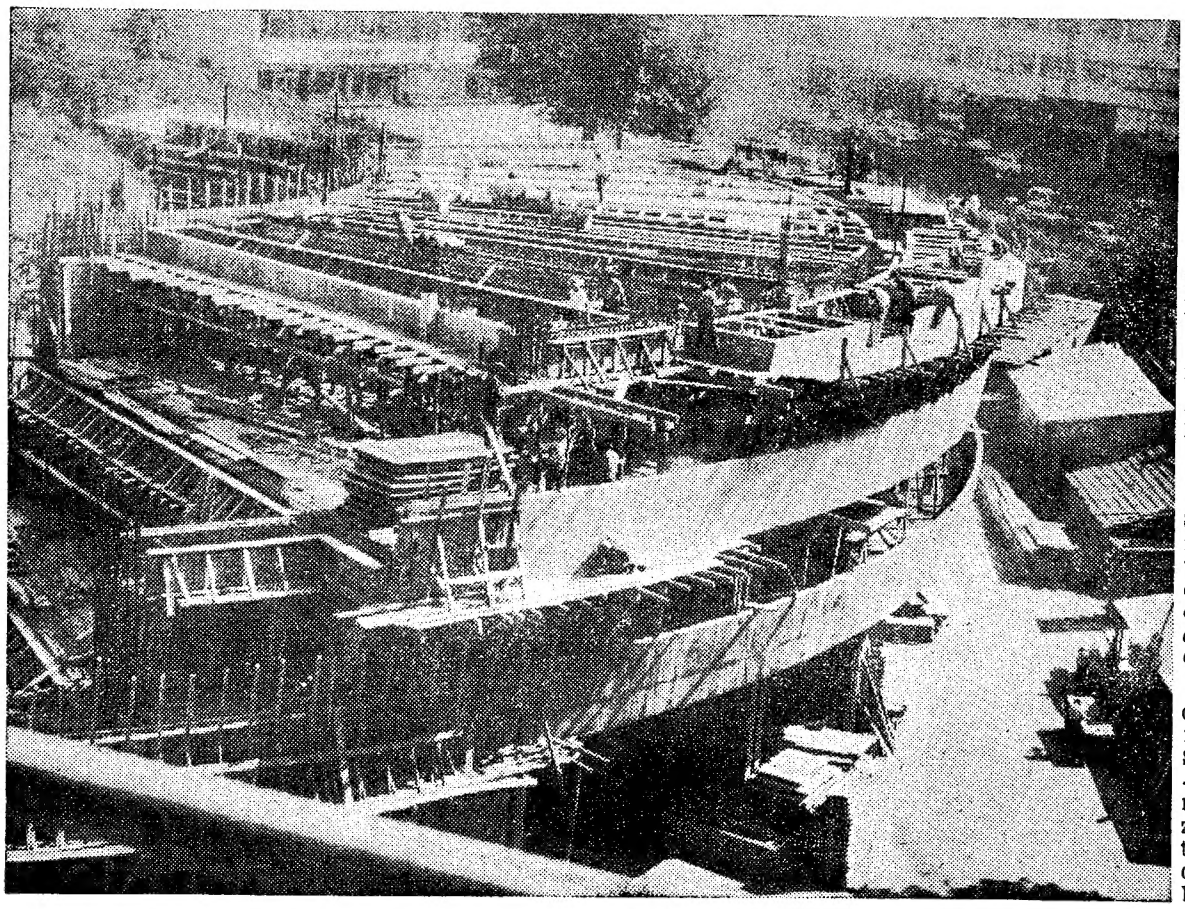
5) — Os títulos são de 1, 5, 10 e 50 acções, a designar no acto da subscrição;

6) — As condições de pagamento são:
20 % no acto da subscrição;
20 % três meses depois;
20 % seis meses depois;
20 % nove meses depois;
20 % doze meses depois;

7) — Aos subscritores *é facultado,* porém, *antecipar* estes pagamentos (antecipação que deve ser feita logo após a fixação do rateio — o que será anunciado) recebendo um juro de 4% em função do tempo do capital antecipado, *descontado igualmente no acto do pagamento;*

8) — A subscrição fica aberta na sede da Companhia, em Lisboa (Secção de Títulos), à Rua do Comércio, 8, 4.º, Esq.º, Telefone 36 68 60, quer directamente aos interessados, quer através dos Banqueiros destes, e, nomeadamente nos estabelecimentos de crédito abaixo mencionados e suas dependências em todo o País, em cujos estabelecimentos se entregarão as somas das várias prestações e antecipações, os quais regularizarão perante a Companhia o expediente da subscrição e a esses estabelecimentos e banqueiros se enviarão as cautelas provisórias correspondentes e, depois, as definitivas e se fornecerão todos os demais elementos de informação e de execução que nos forem solicitados;

9) — Será requerida oportunamente a admissão à Bolsa de Lisboa das acções desta Companhia.



O estado do adiantamento do Parque do Porto a cargo dos empreiteiros, Gil & Costa, Ld.ª

● Senhores Automobilistas:

Não espereis que o problema do estacionamento dos vossos automóveis seja resolvido só pelo Estado ou pelas Câmaras Municipais, que já têm muito em que pensar. Antes que surjam medidas drásticas ou restritivas de estacionamento ou de circulação, no vosso exclusivo interesse, quotizai-vos, construi e espalhai parques de estacionamento de automóveis em altura ou subterrâneos nos principais centros citadinos onde os vossos afazeres vos chamam diàriamente, dando-se primazia aos locais indicados nos Planos Directores das duas Cidades. Sejai, vós próprios, Senhores Automobilistas, a explorar directamente a economia desses Parques de Estacionamento, até como um bom emprego de capital, pagando, é certo, para estacionar, mas recebendo depois em dividendos. Esta iniciativa, no tocante à resolução do problema nas Cidades de Lisboa e Porto, já foi tomada pela SILO-AUTO, a qual deu início à sua construção, na Cidade do Porto, à Rua Sá da Bandeira, do primeiro Parque de Estacionamento em altura, por sistema de rampas, com capacidade para 800 automóveis, em regime de concessão e de exclusivo camarários. E dentro em breve dará início também à construção, na Cidade de Lisboa, à Praça da Alegria, do seu primeiro Parque de Estacionamento de Automóveis, em altura, para 450 automóveis, ambos previstos nos respectivos Planos Directores. E outros parques se seguirão depois nos locais de maior saturação de estacionamento.

Agrupai-vos, portanto, Senhores Automobilistas, em volta da SILO-AUTO, pois é ajudardes a vós próprios no estacionamento dos vossos carros permitirdes o reembolso de milhares de contos gastos anualmente em estacionamento.

Bastará, para resolver o problema em profundidade — dado que o parque nacional em viaturas ligeiras se cifrou em 1966 em 280 000 — que cada automobilista possua, *como uma obrigação sua,* ao lado do livrete e do título de propriedade do seu carro, pelo menos, uma acção da SILO-AUTO, no valor nominal de Esc.: 500$00, pagos suavemente pelo espaço de um ano.

O problema é, assim, da maior acuidade e actualidade, que a SILO-AUTO procura resolvê-lo no principal interesse de quem tem um carro, *até porque os accionistas terão preferência no estacionamento nos parques, além de outras regalias a fixar oportunamente.*

O momento é de actuação decisiva e de franca colaboração financeira. Habilitai, portanto, Senhores Automobilistas, a SILO-AUTO a executar o seu programa primário, ou, o mesmo é dizer, a construir parques de estacionamento de automóveis nos centros vitais das Cidades de Lisboa e Porto, pelo menos.

● Senhores Capitalistas:

Também vos é destinada, sobremaneira, esta subscrição, como um óptimo emprego de capital, pela sua boa remuneração, a avaliar pelos resultados obtidos em explorações congéneres no estrangeiro.

Almeida Bastos & Piombino & C.ª — Augustine Reis — Banco do Alentejo — Banco Fernandes Magalhães — Bank of London & South América, Lda. — Pancada, Moraes & C.ª — Sousa Cruz & C.ª, Lda.

Para quem quiser subscrever-se directamente bastará recortar este cupão e enviá-lo á Companhia, colado num bilhete postal.

(Silo-Auto — Rua do Comércio, 8-4.º-Esq.º)

NOME .....

MORADA .....

QUANTIDADE DE ACÇÕES (por extenso) .....

DESEJA PAGAR POR ANTECIPAÇÃO OU EM PRESTAÇÕES? .....

DIÁRIO DE EVA

CRIADOS À MARGEM DA MULHER OS MITOS IMITAM-NA

Em conversa com uma mulher inteligente, escritora de nome, ouvi a afirmação de que a mulher só se realiza verdadeiramente quando está só. A mulher sem homem é obrigada a assumir inteiramente a sua personalidade, a dar tudo de si no seu trabalho, nas suas relações sociais para preencher a sua vida. O gosto de conquistarmos o respeito dos outros por aquilo que fazemos e podemos fazer, pelas nossav virtualidades profissionais e humanas é inebriante. Não é absoluto, mas dá-nos uma dimensão de nós próprias que nos enriquece.

O trabalho profissional praticado e aceite abertamente pela jovem ensina-a a escolher e a tomar decisões. Conquista-lhe uma liberdade, de princípio exterior, que se reflecte na sua mentalidade, na sua posição em face do homem amado, na sua entrega em liberdade, que é o maior dom que o homem actual pode desejar receber da sua companheira.

A liberdade, mesmo a liberdade na relação entre os dois sexos, não pressupõe libertinagem. Cumpre à mulher delimitar os caminhos pelos quais quer seguir. O homem respeita instintivamente um querer esclarecido, tantas vezes o procura e desiste de o encontrar pela tibiez, pelo jogo do esconde-esconde, pela pouca naturalidade da mulher.

Todas as sociedades através dos tempos se têm apoiado na mentira. Mentira camuflada, sofisticada, engalanada. A mentira com aparência de verdade. Ou mentira confundida com verdade. A verdade é um jogo forte que as pessoas se desabituaram de jogar; nem sempre por cobardia, tantas vezes por comodismo, pelo aprendido sabor do mais fácil. A mulher através dos tempos tem sido cultivada na mentira.

Os mitos da mulher nunca corresponderam a determinado estadio, pelo menos real na sua evolução real. Os mitos foram criados à margem da mulher e com o intuito de a limitar.

As qualidades passivas da mulher foram enobrecidas durante séculos. A mulher que saía dessa medida era um virago e a situação de virago não era muito cómoda, por isso a mulher reprimia as suas autênticas tendências para caber no caixilho feito para si de outra medida que não a sua.

Chegou a altura da mulher jogar o jogo da verdade, que surpreende e assusta os homens. O jogo da verdade não é o jogo do ganha-perde total, um completo jogo de azar, mas é, todavia, um jogo forte, que requer energias conscientes. Nem toda a mulher está preparada para isso. Raras se sabem empenhadas nesse jogo, mas o processo continua e as mulheres, ao estarem empregadas, mesmo só até à altura de casar, aprenderam algo que as nossas bisavós desconheciam: a estar sós e a serem elas próprias antes de se ligarem a outrém. Talvez isso ajude a preservá-las de se perderem como pessoa.

Eis o vestuário que a equipa olímpica alemã levará ao México

POSTAL DE FÉRIAS

Os intermináveis metros de renda da minha avó e de minhas velhas tias recordam-me as longas horas de olhos vazios, de tanta gente metida no novelo de si própria. As rendas já ninguém as usa. Enchem gavetas de colchas, rendas e toalhas para dias de grande cerimónia. Não são das pessoas, são de não sei quem que virá um dia e é preciso pôr uma colcha e uma toalha decentes.

Isto a propósito da «Mulher Ideal Portuguesa». Também era preciso saber fazer rendas... Quer dizer, saber fazer dessas rendas, com horas de trabalho mal pagas, feitas às vezes por famílias inteiras e com indústrias a encomendá-las, a explorá-las e a vendê-las bem caras em lojas. Considerava-se a renda qualidade essencial da mulher portuguesa. E também cozinhar um prato regional. Não estruturar uma refeição de uma forma racional. Não averiguar princípios de economia doméstica, mas rendas e executar um prato regional. Curiosa «Mulher Ideal Portuguesa». Só o conceito ideal me aterroriza... Mas já se fala do «Homem Ideal». Francamente, digam as regras (!!?) para ver se resolvo entrar no concurso...

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANÍBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha

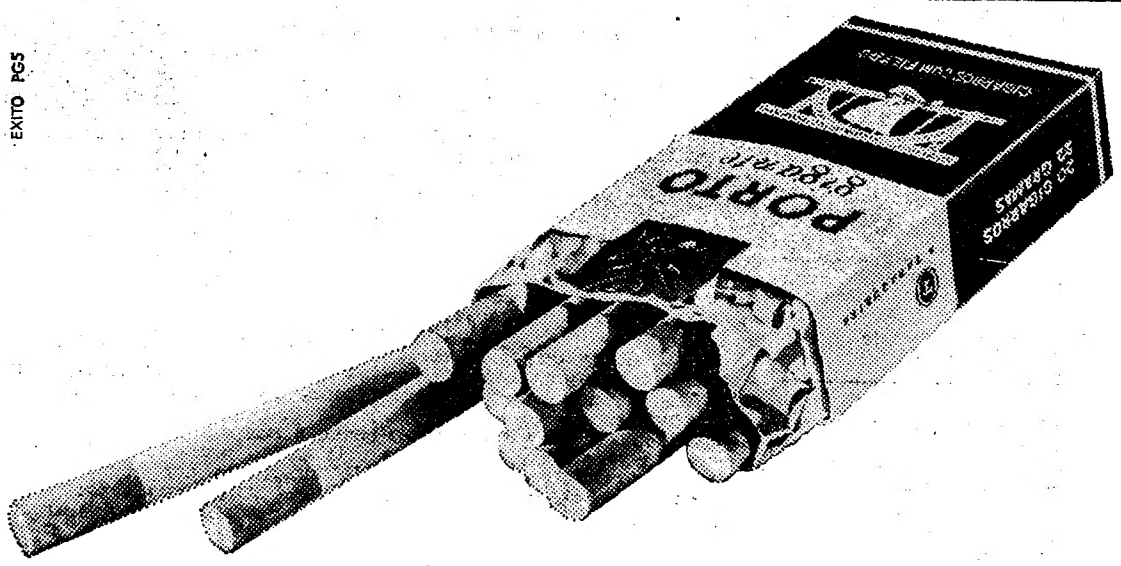
Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA

uma companhia mais longa em cada **PORTO**

-que belo dia!
-e que cigarro!

—É ISSO, PORTO GIGANTE É O COMPLEMENTO PERFEITO DUM BELO DIA DE SOL! E AGORA PORTO GIGANTE, O CIGARRO QUE PROLONGA AINDA MAIS OS SEUS MELHORES MOMENTOS.

EXITO PG5



PORTO
O
SEU CIGARRO
DE
SEMPRE
DÁ-LHE AGORA
UM
PRAZER
GIGANTE

PORTO
GIGANTE

PESSIMISMO DO POVO CHECO

EVENTUAL REGRESSO AO ESTALINISMO

PRAGA, 29 — (F. P.) — A «Primavera checoslovaca» terminou realmente. Nunca, na verdade, mesmo no período mais aceso da ocupação militar, o povo esteve tão pessimista como hoje.

A razão está em que, através do presidente do Conselho, Oldrich Cernick, e do presidente da Assembleia Nacional, Jose Smrkovsky, começou a conhecer-se em pormenor o compromisso de Moscovo. Para além das satisfações de princípio que se obtiveram, como a manutenção da equipa governamental vê-se a ressurreição dos conflitos políticos e, no que respeita aos intelectuais, o triunfo de uma ortodoxia que se traduzira no regresso ao estalinismo.

Para já, vê-se quebrada a unidade nacional. A legitimidade do 14.º Congresso do P. C. checoslovaco, realizado na clandestinidade, é contestada, sobretudo pelos eslovacos que afirmam não estar suficientemente representados.

SITUAÇÃO COMPLEXA

Estas dissensões, que se tornam publicas, vão no sentido daquilo que, segundo fontes informadas, Moscovo exigiu durante as negociações, isto é, que o 14.º Congresso seja considerado como nulo, e como não tendo sido realizado. Este Congresso tinha justamente afastado da comissão central do Partido Comunista checoslovaco todos os membros favoráveis á ortodoxia e, portanto, á U.R.S.S.

Alexandre Dubcek encontra-se, assim, perante a situação mais fluída e mais complexa da sua carreira. Ele tem de fazer «engolir» o compromisso de Moscovo sem comprometer a unidade do país nem desencorajar aqueles que sempre o apoiaram.

Conseguirá ele segurar os partidários da democratização do regime, ao mesmo tempo que os leva a aceitar um endurecimento por provisório que este seja?

Na Eslováquia, onde ele era, segundo a Rádio Eslovaca, esperado ontem á noite, a situação está muito mais tensa do que em Praga, pois os eslovacos tinham ligado ao processo de democratização o seu projecto de federalização. Segundo as «rádios eslovacas livres», eles reagiram péssimamente ás declarações de Husak.

Quanto aos jornalistas, estes consideram estar perante a escolha: ou fugirem para o estrangeiro, ou alinharem com a situação, ou então passarem a resistência passiva, com todos os riscos que isso comporta. Cernik acentuou muito bem, ontem á noite, que a Imprensa tem de conformar, para o futuro, estritamente a óptica governamental.

Agora que os jornalistas tinham concedido a si próprios 24 horas de reflexão, após a publicação do comunicado de Moscovo, a redacção do «Literarni Lysti», o semanário da União dos Escritores, declarou num folheto que não aceitaria nenhum compromisso e nenhuma censura, e convida os jovens a prosseguirem as suas manifestações.

No exemplar do seu jornal ontem, vem uma enorme caricatura que representa um tanque soviético. A legenda é esta: «Proletários de todos os países, uni-vos ou eu disparo».

Além disto, nenhuma informação verificável transpirou, sobre os debates da reunião do Governo, realizada ontem, nem sobre os trabalhos da comissão central do Partido Comunista checoslovaco, efectuados na fábrica Praga, nos arredores da capital.

Esta ausência de informações precisas só veio reforçar o péssimismo dos habitantes. São poucos os que, ao fim do dia, ainda acreditavam que o reforço do Governo e da sua pressão permitirão, afinal de contas, que Dubcek faça triunfar a sua política.

Vitória da linha dura?

A intervenção dos «ortodoxos» do Pacto de Varsóvia na Checoslováquia veio alterar, a curto prazo, as relações leste-oeste, como muitos observadores têm afirmado.

É natural que os Governos ocidentais endureçam as suas posições em relação á União Soviética, tida nos ultimos tempos como uma potência que não deseja atritos. Contudo, a invasão da Checoslováquia não ficará na memória das pessoas por muito tempo. Os seus reflexos nas relações leste-oeste também não perdurarão indefinidamente. A Convenção Democrática de Chicago começa já a aparecer nas primeiras páginas dos jornais em detrimento da crise checa. Depois será a campanha em grande. Em Novembro virão as eleições. Há ainda as Olimpíadas, etc.

Se nos recordarmos bem, em 1956, Kruchchev ordenou a intervenção soviética na Hungria e isso não impediu que, pouco tempo depois, viesse a ser olhado até com certa simpatia pela Imprensa Ocidental.

Onde esta intervenção poderá vir a ter grandes consequências é no movimento comunista mundial.

Contràriamente a tudo o que vêm dizendo desde há anos, os dirigentes chineses condenaram a intervenção do Pacto. A posição chinesa baseou-se mais numa opção política e ultrapassou o diferendo ideológico para colocar o diferendo num campo meramente político.

As posições vão extremar-se. Os Partidos da Europa Ocidental, tradicionalmente ligados a Moscovo, não deixarão de o estar depois do caso checo. Até porque a opção chinesa ainda lhes é mais difícil e estranha. A condenação da invasão por parte destes Partidos pouco mais é que platónica e não tem o peso de apoio dado por um Fidel Castro ou um Ho Chi Minh.

De facto, é em grande parte no Vietnam que se joga o futuro do diferendo sino-soviético. E, agora, o Vietnam do Norte, que não costuma pronunciar-se quando há o perigo de melindrar qualquer dos seus dois poderosos aliados, não hesitou em fazê-lo de uma maneira radicalmente oposta á do seu vizinho.

Pequim ficou mais isolada ainda na luta pela chefia do movimento comunista mundial. A linha dura, que se sabia passar por Havana e Hanói, parece que também passa, agora, por Moscovo.

A. V. C.

«Svoboda-Dubcek» – gritou-se em Berlim

BERLIM, 29 — (F. P.) — Ontem á tarde, foi organizada em pleno centro de Berlim-Oeste, uma marcha, em que participaram, gritando «Svoboda-Dubcek», milhares de jovens, na sua maioria membros da organização da extrema esquerda da «oposição extraparlamentar».

Os manifestantes brandiam estandartes e cartazes com inscrições como «U. R. S. S. sai de Praga, U. S. A. sai do Vietnam», «Corram com os ocupantes» e «Abaixo o capitalismo e o estalinismo».

Em Berlim-Leste, continuavam a chegar á embaixada da Checoslováquia mensagens de solidariedade.

Seiscentos mil soldados estrangeiros na Checoslováquia

BELGRADO, 29 — (F. P.) — Mais de 600 mil soldados estrangeiros, na sua maioria russos e alemães de leste, encontram-se actualmente na Checoslováquia, anunciou ontem o correspondente da agência Tanyoug em Praga, referindo-se a meios competentes.

Estas unidades, precisou, foram colocadas em dois ou três dias. Segundo especialistas competentes, uma operação tão vasta exigiu longos preparativos. O correspondente acrescenta que isto confirma a tese segundo a qual a invasão foi «planeada e preparada» com muita antecedência.

Elemento pró-soviético demitido

PRAGA, 29 — (R.) — O Partido Comunista eslovaco demitiu do cargo de primeiro-secretário Vasil Bilak, elemento da linha dura pró-soviético, e substituiu-o pelo liberal Gustav Husak.

Ao anunciar hoje esta decisão, a «Rádio Livre de Bratislava» disse que Bilak também deixou de fazer parte da nova comissão central do Partido Eslovaco eleita durante o congresso do Partido.

Gustav Husak, que desempenha as funções de vice-primeiro-ministro, anunciou ontem a sua demissão da nova comissão central nacional eleita pelo 14.º congresso do partido, em sessão secreta, declarando considerar ilegais as decisões tomadas nesse congresso, uma vez que os comunistas eslovacos não se encontravam devidamente representados.

Os delegados ao congresso do Partido Eslovaco aprovaram por unanimidade uma moção pedindo a todos os eslovacos, incluindo Alexandre Dubcek, que sigam o exemplo de Husak e se demitam da nova comissão central.

Mais um satélite da série «Cosmos»

MOSCOVO 29 — (F. P.) — Segundo anuncia a agência Tass, foi lançado onte pela U. R. S. S. mais um satélite da série «Cosmos».

Os seus parámetros são os seguintes:

— Apogeu: 219 km.

— Perigeu: 199 km.

— Inclinação em relação ao Equador: 51,7 graus.

— Período inicial de revolução: 88,5 minutos.

Este satélite destina-se a continuar a exploração do espaço de acordo com o programa divulgado em 16 de Março de 1962.

Todo o equipamento de bordo funciona normalmente.

Batalha próximo a Saigão

Um elemento dos serviços de saude (á esquerda) prepara-se para socorrer um militar americano ferido. Outros soldados correm, a fim de tomar novas posições, após a unidade a que pertencem ter caído numa emboscada preparada pelo Vietcong, na estrada entre Dau Tieng e Tay Ninh

SAIGÃO, 29 — (R.) — Tropas americanas, lutando contra uma força do Vietcong nas planícies pantanosas á volta desta capital, mataram 86 guerrilheiros numa acção de dois dias que se prolongou até ás ultimas horas da noite passada, segundo anunciou hoje um informador militar dos Estados Unidos.

Os americanos estabeleceram um cerco á volta dos guerrilheiros, enquanto bombardeiros a jacto e artilharia martelavam as suas posições.

O informador disse ignorarem-se os efectivos da força «vietcong». Contudo, julgava-se que, pelo menos, 130 guerrilheiros participaram na acção a 58 quilómetros a noroeste da capital.

Soldados americanos prenderam, também, 22 pessoas que julgam pertencer ao Vietcong e um guerrilheiro desertor.

Artilheiros norte-vietnamianos estiveram de novo activos durante a noite na parte setentrional do país.

Cerca de 30 foguetões foram disparados contra o quartel-general de Quang Ngai, onde se encontra instalado um regimento de infantaria sul-vietnamiano, matando dois soldados e ferindo um terceiro.

Dez descargas atingiram uma instalação dos fuzileiros navais na importante base militar da cidade de Da Nang, causando baixas ligeiras e poucos estragos.

Mais 10 descargas de foguetões foram disparadas contra a cidade de Tam Ky, matando cinco soldados sul-vietnamianos.

ARSENAIS

Pára-quedistas americanos, percorrendo a região a 25 quilómetros de Hué, a antiga capital imperial, encontraram vários arsenais norte-vietnamianos, que incluíam 200 000 cartuchos para carabinas, 1650 granadas de morteiro e quase 100 carabinas.

Novos combates foram anunciados á volta da cidade de Tay Ninh e do acampamento de forças especiais de Duc Lap, onde se registaram os ataques mais concentrados da actual ofensiva dos guerrilheiros.

Um informador militar sul-vietnamiano anunciou que tropas governamentais mataram 58 guerrilheiros e aprisionaram cinco numa série de acções a três quilómetros de Duc Lap durante o dia de ontem. As baixas governamentais foram ligeiras.

O comando dos Estados Unidos revelou que soldados de infantaria americanos lutaram com uma força de 250 comunistas a 11 quilómetros de Tay Ninh durante cerca de quatro horas, matando dezanove. Ficaram feridos dois americanos.

LENTA RECUPERAÇÃO DE EISENHOWER

WASHINGTON, 29 — (R.) — O antigo presidente Dwight Eisenhower, cujo nome foi retirado da lista dos doentes em estado crítico pela primeira vez há quase duas semanas, continuava hoje a sua lenta recuperação do seu ultimo e grave ataque cardíaco.

O soldado-estadista, de 77 anos, encontra-se internado no Hospital do Exército de Walter Reed, nesta capital, desde que teve em 16 de Agosto o seu quarto ataque cardíaco em cerca de quatro meses e o sétimo desde 1955.

Médicos disseram a noite passada que o estado do general «deve ainda ser considerado grave, embora não necessàriamente crítico nesta altura».

Anunciaram ainda uma «tendência favorável» no estado do ex-presidente desde que cessaram, no sábado passado, espasmos cardíacos periódicos e manifestavam «optimismo cauteloso acerca do seu restabelecimento.

Os médicos elogiaram o «desejo de viver» do general Eisenhower, mas um factor que tem grandemente auxiliado a sua luta pela sobrevivência são os cuidados soberanos que tem.

Poucos hospitais se podem vangloriar de melhores facilidades cardiológicas do que o centro médico de Walter Reed e os clínicos que cuidam de Eisenhower são os melhores do país, os medicamentos mais recentes encontram-se, também, á sua disposição.

O antigo presidente não tem sido informado dos acontecimentos políticos, tais como a invasão soviética da Checoslováquia, revelaram médicos, nem dispõe de aparelhos de rádio ou de televisão.

Ouve, porém, musica suave e é visitado com regularidade por sua esposa.

VERÍSSIMOS
SALDA
Fatos de Verão pronto a vestir, casacos, calças, fatos de banho, camisas, malhas, etc.
AV. GUERRA JUNQUEIRO, 8-C

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRA

O Partido democrático continua dividido

(Continuação da 1.ª página)

dários de McCarthy, Kennedy e McGovern sobre a suspensão incondicional dos bombardeamentos americanos no Vietnam do Norte.

ELOGIO DE JOHNSON

AUSTIN (Texas), 29 — (R.) — O presidente Johnson considerou, hoje, o vice-presidente Hubert Humphrey como um excelente candidato, especialmente muito bem qualificado, para a presidência e pediu a todos os democratas para o apoiarem.

A Casa Branca do Texas comunicou que Johnson telefonara ao vice-presidente para Chicago, para o felicitar poucos minutos depois de Humphrey conseguir a nomeação.

AUSÊNCIA DE AMBIENTE FESTIVO

CHICAGO, 29 — (Por Jean Lagranje, da F. P.) — As manifestações ruidosas e festivas que marcam tradicionalmente a nomeação de um candidato á eleição presidencial brilham, desta vez, pela ausência.

Em compensação, Hubert Humphrey, escolhido pelo Partido Democrático para o representar na compita de Novembro, pôde ver um cordão sólido de guardas nacionais, com a arma em posição de tiro, formando em volta do Hotel Hilton, que é seu quartel-general, um escudo protector e sólidamente armado contra cerca de 2000 manifestantes que continuam sentados, em silêncio, no relvado do parque que borda a grande avenida central. São rapazes e raparigas, brancos e de cor, «hippies», a que se juntaram, mal sairam da convenção, jornalistas e cineastas. Depois da grande batalha da noite passada, voltou a haver sossego. Os agentes, com as tradicionais matracas e aspecto rebarbativo, foram substituidos pelos guardas nacionais. Um rapaz de cor, de microfone em punho, fala aos manifestantes. Pede-lhes que continuem pacatamente sentados. Canta com eles canções norte-americanas antigas e exorta o comandante da Guarda Nacional a dar ordem aos seus homens para baixarem as espingardas.

Em vez de aceitar as críticas á actual orientação, a Convenção Democrática aprovou um programa eleitoral em que se afirma que os bombardeamentos só deverão terminar quando isso não puser em perigo as vidas dos soldados americanos e conforme a atitude de Hanoi. Isto representa o seguimento da linha traçada pelo presidente Johnson desde que a 31 de Março anunciou a redução dos bombardeamentos a uma zona compreendida entre os paralelos 17 e 21.

No momento do seu triunfo, ao qual assistiu do seu hotel através da Televisão, Humphrey tem de encarar o facto de o Partido Democrático continuar profundamente dividido acerca da questão do Vietnam.

Apesar de derrotada, a minoria favorável á paz deu claramente a entender por várias formas que não se encontra convencida.

No recito da Convenção registaram-se mesmo alguns incidentes entre delegados os quais são reveladores da atmosfera tensa em que os debates se realizaram.

O governador Harold Hughes, do Iowa, que apresentou a candidatura de McCarthy, por entre aplausos ensurdecedores dos jovens partidários, aproveitou a oportunidade para fazer um apelo á unidade do partido recordando-lhes: «Apresentaremos uma frente unida após a votação qualquer que tenha sido o candidato escolhido.»

Contudo, ao confirmar-se a derrota de McCarthy, havia lágrimas nos olhos de muitos jovens que incansávelmente trabalharam na sua campanha eleitoral desde que ele, práticamente desconhecido, iniciou há oito meses a campanha nas eleições primárias de New Hampshire.

A Convenção foi suspensa até ás 19 horas locais (24 T.M.G.).

MUSKIE É O CANDIDATO À VICE-PRESIDÊNCIA?

CHICAGO, 29 — (R.) — A National Broadcasting Company anunciou, ás primeiras horas de hoje, que soubera de fonte digna de crédito que o senador Edmund Muskie do Maine fora escolhido como candidato do Partido Democrático á vice-presidência, acompanhando, assim, Hubert Humphrey nas eleições de Novembro para a Casa Branca.

Shriver, Muskie e Alioto, os três políticos que têm sido mais apontados para preencher a candidatura democrática á vice-presidência dos Estados Unidos. Segundo a N. B. C., Muskie já teria sido escolhido para emparceirar com Humphrey, na eleição de Novembro

Detidas 150 pessoas

CHICAGO, 29. — (R.) — O vice-presidente Hubert Humphrey ficou, a noite passada, envolvido por fumos de gases lacrimogénios quando guardas nacionais, de baioneta calada, lutaram com manifestantes contra a guerra do Vietnam defronte do hotel desta cidade, onde se realiza a Convenção do Partido Democrático.

A Polícia anunciou que prendera 150 pessoas durante a manifestação.

Notícias não oficiais dizem que muitos manifestantes ficaram feridos quando os guardas, ajudados por polícias, empunhando bastões, repeliram os manifestantes de defronte do Conrad Hilton hotel, no centro de Chicago.

LIBERALISMO E PATRIOTISMO SÃO SINÓNIMOS PARA HUBERT HUMPHREY

NOVA YORK, 29 — (F. P.) — Retrato «á la minuta» de Hubert Horatio Humphrey, vice-presidente dos Estados Unidos, que a Convenção de Chicago designou candidato oficial do Partido Democrático ás eleições presidenciais:

— Nasceu em 27 de Maio de 1911, em Wallace, no Dakota do Sul, onde o pai tinha uma farmácia.

— Estudos de farmácia no «Denver College» e, em 1940, doutoramento em Ciências Políticas pela Universidade de Louisiana.

— Desempenhou vários cargos administrativos no Minesota.

— Derrotado, em 1943, nas eleições municipais de Minneapolis, é eleito presidente da Camara da grande cidade de Minesota dois anos mais tarde, e reeleito em 1947.

— Em 1948, distingue-se na Convenção democrática, pela atitude enérgica a favor da igualdade dos direitos cívicos. Entra no Senado, naquele mesmo ano, quase ao mesmo tempo que Lyndon B. Johnson, de quem se torna um dos melhores amigos.

— Candidato, em 1956, á investidura do Partido Democrático para a vice-presidência dos Estados Unidos, como companheiro de lista de Adlai Stevenson.

— Aspirante á presidência em 1960, retira a candidatura depois de ter sido batido pelo senador John Kennedy, nas eleições primárias do Wisconsin e do Virgínia Ocidental. A seguir, foi reeleito para o Senado.

— Escolhido por Johnson para companheiro de lista, nas eleições de 1964, eleito para a vice-presidência, cumpriu dedicadamente todas as missões que o presidente lhe confiou.

— Em 27 de Abril de 1968, anunciou oficialmente que se candidatava ás eleições de 5 de Novembro.

— Compraz-se em dizer que, para ele, «liberalismo» e «patriotismo» são sinónimos, e revolta-se quando o acusam de ter deixado de ser o liberal que era. Sempre se esforçou por dar a si mesmo a imagem de um homem optimista e «feliz», desejoso de partilhar a sua felicidade com os outros americanos. Personalidade muito emotiva, de excepcional verbosidade e para a qual o impossível não existe.

— Casou-se com Muriel Fay Buck, em 1936. Pai de uma rapariga e três rapazes. Apenas se lhe conhece uma grande paixão: a política. Certo dia, afirmou: «A política é a minha vida. E aprecio imenso a vida. O meu pai ensinou-me a querer-lhe muito, e foi esta a coisa mais importante que aprendi até hoje..».

McCARTHY FELICITA HUMPHREY

CHICAGO (Illinois), 29—(A.N.I.) —«Desejo felicidades a Humphrey» — declarou o senador Eugene McCarthy, aos jornalistas, momentos depois da eleição, no átrio do Hotel Hilton.

McCarthy esclareceu, todavia, que não apoiará a candidatura presidencial de Humphrey a não ser que ele modifique a sua posição quanto ao Vietnam.

Ao ouvir os seus simpatizantes gritando em coro «quarto partido», o senador declarou que não tem a intenção de se pôr á testa de um novo partido político de oposição á política oficial sobre o Vietnam.

«Sinto-me radiante» — disse H. H. H.

CHICAGO (Illinois), 29 — (F. P.) — «Sinto-me radiante» — declarou o vice-presidente Hubert Horatio Humphrey quando a Pensilvânia lhe garantiu a vitória.

Humphrey estava a acompanhar a votação na Televisão, instalado no seu quartel-general do Hotel Hilton que fora invadido por uma multidão de amigos e de jornalistas. Pouco depois de serem anunciados os votos da Pensilvânia, sua esposa Muriel apareceu, sorridente, na Televisão.

Logo após a sua designação Humphrey telefonou ao presidente Johnson que se encontrava no seu rancho do Texas. Recebeu por outro lado um telefonema de felicitações do seu adversário republicano Richard Nixon.

À PROCURA DA CRIANÇA RAPTADA

BEVERLY HILLS (Califórnia), 29 — (R.) — O filho de 4 anos de um banqueiro de Beverly Hills foi raptado, ontem, do seu lar, sob a ameaça de uma arma, por um homem que apareceu na residência, apresentando-se como operário — revelou a noite passada a Polícia.

A mãe do garoto, a sr.ª Stanley Stalford, foi amarrada pelo raptor e fechada numa dependência da casa.

As autoridades disseram ainda que o homem, que declarou á sr.ª Stalford que entraria em contacto com ela por causa do resgate, amarrara o rapaz, Stanley Stalford Junior, o metera num dos automóveis da família e fugira.

A sr.ª Stalford conseguiu libertar-se sózinha e pôs-se imediatamente em contacto com o marido, que se encontrava ausente do lar.

A Polícia ordenou que se procedesse a uma busca em todo o Estado, para encontrar o garoto e o raptor.

A residência dos Stalford está situada sómente a alguns quarteirões do lar donde Kenneth Young foi raptado, o ano passado.

Kenneth foi libertado, incólume, após a família ter pago um resgate de 250 000 dólares em notas de pequeno valor. O seu raptor nunca foi apanhado.

ESTUDANTES PRESOS EM SÃO PAULO

SÃO PAULO, 29.—(R.)—Vinte estudantes foram presos a noite passada nesta cidade quando manifestantes universitários travaram recontros com a Polícia por causa da prisão, na semana passada, de um jornalista em São Paulo.

Os estudantes, que organizaram a sua manifestação no Parque da Republica, em São Paulo, protestavam contra a prisão, no sábado passado, do jornalista Humberto Kinjo, que foi detido pela Polícia, em relação com alegadas actividades terroristas.

«MISS AMÉRICA NEGRA»

FILADÉLFIA, 29 — (R.) — Os negros realizarão o seu próprio concurso de beleza «Miss América Negra» em Atlantic City, Nova Jersey, durante o fim-de-semana de 6 de Setembro.

O concurso coincidirá com o da eleição de «Miss América», que se deve realizar naquela cidade na mesma data, segundo anunciou nesta cidade a Associação para o Progresso do Povo de Cor.

†

ANTÓNIO MARQUES PINTO JÚNIOR

Participação e Missa do 7.º Dia

Manuela da Mota Nogueira Pinto, António Manuel Nogueira Pinto, sua esposa Amélia Lameirão Nogueira Pinto e filhas, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento no passado dia 24, de seu muito querido marido, pai, sogro e avô. Amanhã, dia 30, às 11 horas, na Igreja de N.ª S.ª de Fátima, será rezada missa pelo eterno descanso de sua alma, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem associar-se a este piedoso acto.

P. N. A. M.

AGÊNCIA MAGNO (TELEF. 534167)

BORREIROS — GONDOMAR — PONTEVEDRA

†

Assunção Gonçalves Misa

MISSA DO 30.º DIA E AGRADECIMENTO

Sua família participa que, amanhã, dia 30 ás 8 horas, na igreja de São João de Britó, será celebrada missa pelo seu eterno descanso, agradecendo desde já ás pessoas que se dignarem assistir ao piedoso acto assim como ás que de qualquer forma manifestaram o seu pesar e a quem, por desconhecimento de moradas, o não fizeram directamente.

AGÊNCIA GIL

Em OLIVAIS SUL o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pelo nosso agente ANTÓNIO VALENTE.

A VELHA FEIRA DA LADRA ESTÁ A SER PREJUDICADA PELA INVASÃO DO PLÁSTICO E DO ARTIGO NOVO (PRINCIPALMENTE CALÇADO E ROUPA)

O leitor conhece a Feira da Ladra, não é verdade? E' claro que toda a gente a conhece, quanto mais não seja de nome. (Isto apesar de haver muito lisboeta que nunca a viu). Mas, adiante. Concluamos que sim, que toda a gente conhece a Feira da Ladra, (tradicional, típica, movimentada), cartaz turístico na cidade turística, perto das «ruas estreitinhas, casas velhinhas,»...

Pois bem (ou antes, pois mal): diz-se que a Feira da Ladra está a morrer, que agoniza tristemente, e já não é o que era dantes. Será assim? E porquê?

— *Estão a estragar isto a pouco e pouco* — diz-nos o sr. Fernando Pereira, comerciante de antiguidades, antiquário há 30 anos presente na Feira.

E s u b l i n h a, lamentando a adulteração verificada:

— *Era timbre da Feira só se vender aqui coisas usadas, nunca artigos novos. Mas agora é o que o senhor vê: tudo inundado de coisas novas. São roupas, calçado, plásticos, quinquilharias, rádios, etc., etc. E os estrangeiros aborrecem-se, até porque a maior parte da zona da Feira está hoje ocupada com esses artigos. Assim, é essa a primeira imagem que colhem E isso desgosta-os, aborrece-os, até porque vêm á procura de uma feira diferente, de acordo com o que ouviram dizer) e encontram, logo de entrada, tendas e mais tendas com aquilo que existe á venda no comércio fixo, nos estabelecimentos tradicionais.*

São, principalmente, os espanhóis que mais se aborrecem com isso. São muito dados a estas coisas do passado.

Ao lado, um comprador acena afirmativamente. Concordando com a opinião expressa:

— *Não há dúvida que a feira está a perder as características que a individualizavam.*

O sr. Fernando Pereira intervem.

— *E quer saber uma coisa? Olhe que, na maior parte, esses artigos novos que aqui se vendem acabam, quase sempre, por ficar mais caros ao comprador. Não há portanto, qualquer benefício para quem cá vem na mira de comprar mais barato.* (De novo, o comprador, visita frequente da Feira, corrobora ás afirmações ouvidas).

— Estou aqui há 30 anos, diz o sr. Fernando Pereira. Estão a estragar isto, com a invasão do plástico e do artigo novo. Era timbre da Feira só se vender aqui coisas usadas

A Feira da Ladra sempre foi conhecida por toda a gente como local de transacções de coisas usadas: moedas, relógios, louça, «bibelots», mobília, imagens sacras, quadros pratas, etc., etc. Os antiquários estabelecidos sempre a procuraram na esperança de encontrar algo que lhes interessasse. E sempre ali vão na esperança de encontrar coisas baratas, que os comerciantes da feira adquirem aos particulares, muitas vezes ignorando o seu real valor e autêntica antiguidade. Também eles lamentam as alterações verificadas, mormente nos ultimos anos. Uma solução seria, talvez, aranjar locais diferentes, afastados, para o funcionamento das duas feiras: a do artigo velho e a do artigo novo.

A opinião de Zazá

— *Nós já nos mudamos, aqui para defronte do Tribunal Militar, desde as obras de Santa Engrácia. Viemos aqui para cima, bem como o nosso colega Fernando Pereira com quem o senhor já falou, e outros* — dizem-nos a sr.ª D. Isaura de Jesus Lopes (mais conhecida por Zazá) e seu marido, sr. António Lopes.

São também dos mais antigos vendedores da Feira. Por aqui andam, igualmente, há 30 anos.

Lá em baixo, salvo um ou outro vendedor de antiguidades que se mantém no primitivo local, impera a mercadoria nova: calçado e vestuário (o pronto a vestir, principalmente, calças e casacos, camisolas, camisas.). E rádios, os universalizados «transistors».

E há também quem venda novo por velho, isto no campo das antiguidades:

— *Tudo isto é muito mau, para a Feira e para nós, claro. Afugenta a clientela que perde a confiança. E olhe que temos clientela muito boa, gente importante, do corpo diplomático, pessoas de valor* — acrescenta D. Zazá.

E prossegue:

— *Além disso, o cliente estrangeiro, o turista, é pessoa que se levanta cedo e aparece aqui, logo de manhãzinha. Precisamente quando por ai adiante se erguem e montam todas as tendas de roupas e plásticos. E isso causa muito má impressão. Afugenta os clientes.*

Para cada um sua razão

Passamos ao sector do *artigo novo*, do calçado, do vestuário, dos rádios, das malas, dos tapetes, dos plásticos (louças, etc., etc.), dos aluminios...

Ouvimos o sr. António Gonçalves Fernandes (há vinte e tal anos que vem vender á Feira, primeiro como empregado, agora por conta própria. Sempre vendeu vestuário. Em p r i m e i r a mão). Dicorda, naturalmente, dos contrários:

— *Não senhor, isto não prejudica a Feira. Todos se governam e todos vendem. Sempre aqui vendi roupas, roupas novas.*

— Não lhe parece, portanto, que a Feira esteja a perder interesse?

— *Bem, para quem gosta de ver só as coisas antigas, não há dúvida que este aumento de vendedores de artigos novos lhe deve desagradar. Mas que quer o senhor?! É vida! Todos temos de lutar por ela, que está bem difícil...*

— ...

— *Sim, o comércio está um bocadito em baixo. Há dias em que nada se vende. Há muitas feiras, sabe, e a criação de algumas ao domingo, na Brandoa e na Charneca, por exemplo, veio tirar muita gente aqui á Feira da Ladra. Com feira ao pé da porta, e, para mais, ao domingo,*

(Continua na 13.ª página)

Bacias, baldes e outros recipientes, grandes e pequenos, nas cores variadas do plástico que domina e no cinzento claro do zinco ou do aluminio; louça, muita louça... tudo é mercadoria nova que entrou na Feira, desgostou os «antiquários», mas tem procura e boa venda

TODOS TÊM RAZÃO E APONTAM UMA SOLUÇÃO

Como o leitor observa cada uma das partes ouvidas tem a sua opinião e defende-a com argumentos sólidos. Todos precisam de viver e não querem deixar a Feira. Uns defendem o seu cunho de sempre, outros representam a invasão do figurino actual. Todos possuem licenças, autorizações legais em vigor e pagam o que, para tanto, lhes é exigido. E procuram viver, o que é fundamental. Contudo, de um lado e de outro se encara favoràvelmente a hipótese de uma solução satisfatória: a separação. Todos, afinal, têm razão. E apontam uma solução. Que lhe parece, leitor?

PORQUÊ FEIRA DA LADRA?

A Feira da Ladra é, segundo as enciclopédias, a feira de Lisboa, que hoje se realiza junto da igreja de S. Vicente e onde se vendem objectos usados e de pouco valor (às vezes), ferro-velho, farraparia, etc. Antigamente fazia-se esta feira na lada (ou margem) do Tejo e daí lhe vinha o nome: Feira da Lada. Transferida dali ficou-lhe o nome; caindo, porém, em desuso o termo lada e nada representando, então, o povo transformou-o em ladra, palavra próxima e que para ele tinha significação. Foi assim, da obliteração havida que nasceu o nome actual da feira: «Era da Lada, há quatro séculos, a feira, na margem do Tejo», escreveu Camilo, nos «Ecos Humorísticos do Minho».

A invasão do plástico e do artigo novo cresce, quase de dia para dia. E' isso que mata a Feira, afirmam os vendedores de coisas antigas, velharias que, tantas vezes, são verdadeiras preciosidades. Mas os outros, os que vendem o artigo novo, argumentam que também têm direito á vida. E lá estão, o vestuário, as malas, o calçado e os plásticos

A TRADIÇÃO DA OURIVESARIA NACIONAL É DE PROBIDADE E DE COMPETÊNCIA

A Ourivesaria da GUIA

FUNDADA EM 1888

EM QUASE CEM ANOS DE EXISTÊNCIA AJUDOU A CONSTRUIR E A MANTER ESTA TRADIÇÃO

RUA D DUARTE 43
(Edifício do Hotel Mundial)

CHAVE D'OURO
O MELHOR CAFÉ...

Desperdiçar não é grandeza.
Coloque as suas economias em objectos que valham
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

LIBRA
Começaram a sair as lib
VULC
1.º 2.º 3.º 4.º 5.º 6.º 7.º
JÁ ANUNC
8.º) — DIONISIO G. DO
9.º) — J. GONÇALVES
A PASTA COUTO VULGAR dá-lh
dentes e libras, mas a Pas
DÁ-LHE A SAÚDE DA BO

JÁ LÁ VAI O MAU TEMPO

A previsão dos «manda-chuva» (é assim que, popularmente, são conhecidos os nossos meteorologistas, desde que, na TV, passaram a falar do tempo, das «depressões» e «anticiclones»), para o período que vai desde o passado dia 25 até ao próximo dia 5 de Setembro fala de «céu nublado e aguaceiros e chuva». E não há duvida que ela, a chuva, ontem caiu bem, abundante e forte, com trovoada violenta, granizo, raios e coriscos.

E' claro que houve vítimas (mor-tu gente fulminada) e prejuízos (inundações, incêndios, etc.).

Mas, a agricultura rejubilou, pois a estiagem tem sido grande e os vaticínios das colheitas começavam a ser nada famosos. Reinava, pois, o pessimismo em relação ao ano agrícola, sobretudo no que respeita a milhos e feijões, e, até, ás próprios uvas.

E como o povo diz (e bem) que não «se pode ter, ao mesmo tempo, sol na eira e chuva no nabal», a verdade é que também houve descontentes.

Foram muitas as terras atingidas pelo temporal.

Mortos e feridos

Assim, em toda a região de Viana do Castelo, as trovoadas incidiram, sobretudo, na zona noroeste do distrito, provocando grandes avarias nas instalações telefónicas e na rede eléctrica. O mesmo aconteceu noutros pontos do País, pois em todo o Norte e Centro as comunicações telefónicas estiveram interrompidas ou sofreram interrupções. No lugar de Labrunhal Cimeiro, a três quilómetros de Proença-a-Nova, uma faísca atingiu a casa da sr.ª D. Olímpia de Jesus, de 90 anos, viuva. O raio abriu uma fenda na parede do edifício e a infeliz nonagenária, que se encontrava á mesa, com a família, ficou horrívelmente carbonizada. A mesma faísca assombrou o genro daquela senhora, o sr. Dionísio Artur, empregado da Lisnave, em Lisboa, que, em gozo de férias, se encontrava, juntamente com a esposa, naquela localidade. Transportado ao hospital, regressou a casa depois de reanimado. O corpo da nonagenária deu entrada na casa mortuária do cemitério local, efectuando-se hoje o funeral.

Foram mais (ainda) as vitimas mortais. Com efeito, em Santa Eulália, Ribeiro da Pena, a jovem Conceição Mendes Gonçalves, de 20 anos foi fulminada, igualmente, por um raio quando jantava com o pai, uma irmã e o noivo. Festejava o seu regresso á aldeia natal.

Em Alpiarça, lugar do Moinho de Vento, um jornaleiro, de 63 anos, casado, também perdeu a vida, vitimado por electrocussão. Seu nome: José Rodrigues Fulgêncio.

Perto de S. Matias, nas proximidades de Beja, um automóvel embateu numa árvore, ao que parece, por se ter despistado, pois a estrada estava encharcada pela chuva que caía em abundancia. Balanço do acidente: dois mortos, pai e filho, e ferimentos graves no condutor do veiculo. Os mortos são o sr. Mário Caetano, de 42 anos, natural de Sines e comerciante naquela cidade, e Mário Manuel de Oliveira Caetano, de 17 anos, estudante.

Incêndios e inundações

No distrito de Santarém, os concelhos de Almeirim e Alpiarça foram os mais duramente castigados. Incêndios e inundações. Arderam palheiros e do prédio do sr. Manuel João da Silva, em Alpiarça, constituído por habitação e armazém de cereais, nada mais resta do que um monte de escombros.

Houve também muares fulminadas e muitos prédios atingidos, entre os quais algumas igrejas.

Nas proximidades de Lisboa, a zona mais afectada foi a de Queluz, cuja população não ganhou para o susto, pois chovia torrencialmente, chegando a temer-se uma catástrofe semelhante á de Novembro. As inundações não tiveram conta e os bombeiros locais tiveram, em curto espaço de tempo, de atender 45 chamadas.

O tempo vai melhorar

Muito embora a agricultura rejubilasse, ao ver a água embeber a terra ressequida, também sofreu prejuízos, mormente na fruta da época.

Mas, o mau tempo passou (ou vai passar. Tenhamos esperança, pois a previsão dos meteorologistas anuncia melhoria nítida das condições atmosféricas. Hoje, ó dia já esteve de melhor cariz e amanhã a melhoria ainda será mais acentuada. Sim que «a influência da depressão complexa afasta-se gradualmente para nordeste». E haverá sol e calor.

Torre de Babel

João Medina

BIZARRIAS DE UM GUARDA-LIVROS

Michel Ermacora, guarda-livros da sociedade Carel-Fouché desde 1957, tinha um grande sonho exótico (outros dirão uma tineta pouco vulgar): destruir a sociedade actual. Mas como é que se desrói uma sociedade? Qualquer anarquista amador e sem imaginação responderia que uma sociedade se desintegra do mesmo modo que um edifício de renda económica: pela dinamite, pelo boato, pelo trabalho de sapa, pelo susto, etc. Um dos mestres do anarquismo afirmou uma vez que lhe bastavam cem revolucionários resolutos para subverter toda a Europa, continente que abarca várias sociedades; tomando à letra esta farronca de Bakunine, o guarda-livros concluiu com muita lógica que um só revolucionário bastaria para minar, corromper e subverter a sociedade onde vive. Mas a questão do método continua de pé: como destruir uma sociedade?

Chegados a este ponto, salientemos a novidade metodológica concebida e aplicada pelo guarda-livros da sociedade Carel-Fouché: ao contrário de todos os grandes clássicos da anarquia (Cloots, Babeuf, Netchaev, Ravachol, Kropotkine, José Fontana, etc.), o contabilista francês achara a pedra filosofal, a subversão-sem-lágrimas, aquele ponto que Arquimedes pedia para dali levantar o mundo com a mesma facilidade com que um Hércules de feira ergue os seus pesos; Michel Ermacora encontrara a maneira de destruir a sociedade sem precisar de companheiros, sem associações secretas, sem suor, sem doutrinação, sem propaganda, sem apelo às massas; em suma, Ermacora descobrira nada menos do que a Revolução do tipo «do it yourself», a Revolução suscepitvel de ser enviada pelo correio, em lições individuais, sem fadiga, sem mestre. Como? Será possível encomendar a desordem nas ruas ou a dinamitação das pontes do mesmo modo que se escolhe no catálogo da Redonte de Roubaix uma camisola de lã ou um jogo de toalhas? Quase, responde Michel Ermacora, o guarda-livros da firma Carel-Fouché, autor dum desvio que roça os doze milhões de francos. Como destruir então uma sociedade sem o recurso à guerra social, ao petardo, à doutrina, à catacumba, ao sinal secreto, à associação clandestina, à violência?

Sim, Ermacora tinha localizado efectivamente o ponto de Arquimedes donde se podia erguer o mundo e fazê-lo rolar no abismo, a mola secreta que, uma vez premida, iria desintegrar a sociedade capitalista. E tudo isto sem espalhafato nem conspiração, antes muito limpo, muito asséptico. Ao anarquista de face macerada, olhos acesos pelo ódio e pela esperança, grande camisolão negro de gola alta e calças de veludo escuro, sucedia o anarquista «new fashion», o «dandy» do petardo, o punhos-de-renda do Apocalipse social, o Ali-Babá a pilotar Alfa-Romeos e a gastar em Monte-Carlo os doze milhões de francos subtilizados à firma Carel--Fouché. Mas como é que esta ascese para sibaritas e «play-boys» pode conduzir à subversão, ao caos, ao tiroteio nas ruas e ao desmoronamento da santa finança, nervo e alma da nossa civilização? Esta pergunta fê-la o juiz que prepara o processo de Michel Ermacora, escroque de alto coturno, autor dum desfalque que fará data na história das burlas financeiras. Como é que o roubo, o desfalque, os cheques falsos e as falsas assinaturas implicam a derrocada do capital?

A resposta de Ermacora à polícia e ao magistrado foram confusas e duma prolixidade ideológica raríssima, quem ataca a contabilidade corroi o fundamento mesmo de um mundo fundado no lucro, portanto no «deve» e «haver». Sem uma sã contabilidade, o capital perde-se como um rio no deserto, some-se, deixa estiolar toda a cultura ocidental, vem a derrocada, reinam caos, a noite, a anarquia, o total desgoverno nas ruas e nas mentes. O raciocínio pode parecer duma heterodoxia mais do que duvidosa aos olhos dum discípulo de Stirner ou de Bakunine. Mas a lógica revolucionária ermacoriana está sobretudo em contradição com os factos: a sociedade Carel-Fouché continua de boa saúde e os doze milhões desviados reingressaram no circuito capitalista. E a Sociedade, o Capital e outras grandes divindades laicas continuam de pé, indiferentes aos pobres guarda-livros metidos a Sisifos e a escroques. Michel Ermacora aguarda julgamento e o capitalismo continua à espera do Hércules capaz de lhe cortar dum só golpe a cabeça múltipla.

Galamares, Agosto de 1968.

S OURO

...ás na PASTA COUTO
...ÁR

...ADAS
...VALE — PORTO
...LVA — LISBOA

...a brancura natural dos
...a Medicinal Couto,
... E DOS DENTES

XII FESTIVAL DE SINTRA

TEATRO CARLOS MANUEL — SINTRA

Hoje, 29 de Agosto, Ás 21.30 h.

GRUPO DE BAILADOS «VERDE GAIO»

Programa: «Fantasia romântica», «Engrenagem» e «Ilha dos Amores»

Dia 31 de Agosto, às 21.30 h.

TEATRO CARLOS MANUEL — SINTRA

COMPANHIA PORTUGUESA DE ÓPERA DO TEATRO DA TRINDADE com a ORQUESTRA DE ÓPERA DA EMISSORA NACIONAL e o CORO DO TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS, na obra de Rossini

BARBEIRO DE SEVILHA

Os bilhetes adquirem-se na Agência de Informações do S. N. I., nos Restauradores, na Junta de Turismo da Costa do Sol e na Comissão de Turismo de Sintra. Os transportes estão assegurados com autocarros que partem dos Restauradores.

CHOCOLATES TÁGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

JÓIAS

Antigas e modernas Compra cobrindo todas as ofertas ● OURIVESARIA PIMENTA ● Rua Augusta, 253

Este é o projecto do «Paradise Centre» (Centro Paraíso) que custará 15 milhões de libras e vai ser construído na «Baixa» de Birmingham. Incluirá cinemas gémeos, salas de conferências e de reunião, blocos para escritórios e hotel com 300 quartos

Vendiam chá por «whisky»...

O pessoal da 26.ª esquadra da P. S. P. de Belém, tem estabelecido ultimamente um serviço de vigilancia discreta na zona da Praça do Império, devido ao facto de nos ultimos tempos terem sido arrombados vários automóveis, principalmente de estrangeiros.

E foi assim que encontraram dois ciganos, um de 18 e outro de 19 anos, que ofereciam aos turistas garrafas com rótulos de três marcas conhecidas de «whiskies», a 60 e a 70 escudos, conforme o seu tamanho.

O cigano mais velho fugiu, mas o outro foi preso, tendo-lhe sido apreendido um saco contendo cinco garrafas. Trata-se de Leopoldino Vieira Mendes, de 18 anos, solteiro, vendedor ambulante, residente na Vila Correia, em Pedrouços, que confessou que as garrafas continham... chá. Do mal o menos!

O Leopoldino foi enviado á Polícia Judiciária, com o material que vendia ambulantemente...

O TEMPO QUE FAZ

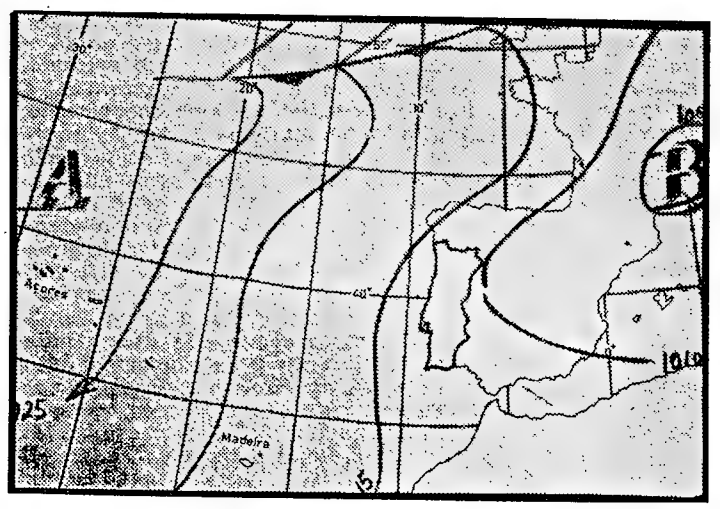
Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava geralmente muito nublado; havia neblina e caíam aguaceiros dispersos em alguns locais

TEMPERATURAS EXTREMAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Anadia 27°,5; mínima: Penhas da Saude, 7°,8

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS — Coimbra, 18°; Faro, 21°; Funchal, 23°; Lisboa, 19°, Penhas Douradas, 0°; Portalegre 16°; Porto, 17°

TEMPERATURAS OBSERVADAS, AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 20°.6 na água do mar: 6°,6



Carta de prognóstico para as 24 horas de hoje

EVOLUÇÃO PROVAVEL DO ESTADO DO TEMPO EM PORTUGAL CONTINENTAL ATÉ AS 24 HORAS DO DIA 30 — O território de Portugal continental deverá ser influenciado por uma massa de ar transportada na circulação conjunta de uma depressão sobre o sul da França e do anticiclone dos Açores.

Previsão geral até às 24 horas de amanhã

MELHORIA GRADUAL DO ESTADO DO TEMPO; PERÍODOS DE CÉU MUITO NUBLADO, COM BOAS ABERTAS, DIMINUINDO DE NEBULOSIDADE; POSSIBILIDADE DE AGUACEIROS DISPERSOS NAS REGIÕES MONTANHOSAS, DIMINUINDO DE INTENSIDADE; VENTO FRACO OU MODERADO DE NORTE

SOL

Amanhã: Nascer ás 7 e 3 Ocaso ás 20 e 10

PREIA-MAR: Dia 29 — 1 e 30 (3,8 m); 19 e 52 (3,8 m). Dia 30 — 8 e 20 (3,6 m); 20 e 51 (3,5 m). Dia 31 — 9 e 30 (3,4 m); 22 e 08 (3,3 m). BAIXA-MAR: Dia 29 — 1 e 01 (1 m); 13 e 18 (1,2 m). Dia 30 — 1 e 50 (1,3 m); 14 e 11 (1,4 m). Dia 31 — 2 e 50 (1,5 m); 15 e 21 (1,6 m).

Amanhã Dia 6 Dia 14 Dia 22

AS INICIATIVAS DO BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO DESTACADAS NA INAUGURAÇÃO DA NOVA AGÊNCIA DE ALGÉS

«Sempre atento á repercussão no plano interno das alterações das estruturas económicas e monetárias internacionais, o Banco Português do Atlântico tem levado a efeito uma série de iniciativas no intuito de impulsionar todos os sectores da actividade económica nacional», afirmou esta manhã, o sr. Arthur Cupertino de Miranda, presidente do conselho de administração daquela organização bancária, na cerimónia da inauguração da sua nova agência de Algés.

Ao acto inaugural, que se revestiu de grande interesse nos meios comercial e social da progressiva localidade, assistiram ainda os srs. Brás Cabrita de Almeida Conde, administrador-delegado daquela instituição de crédito; eng.º Saraiva e Sousa, administrador, além de vários directores e funcionários superiores. Entre as numerosas personalidades de relevo nos meios oficiais e sociais que estiveram presentes ao acto, encontravam-se os srs. arquitecto António Bernardo da Costa Cabral Macedo, presidente da Câmara Municipal de Oeiras e coronel eng.º Carlos Amaro Sá Teixeira de Azevedo Ferraz, comandante da Escola Militar de Electromecânica de Paço de Arcos.

Após uma breve visita ás instalações, o sr. Arthur Cupertino de Miranda usou da palavra para saudar os convidados e agradecer a sua presença, começando por recordar o papel outrora desempenhado por Algés como estância de veraneio e salientando depois o surto de progresso daquela zona limítrofe de Lisboa, que levou o Banco Português do Atlântico a estabelecer-se também ali, a fim de «contribuir para um progresso mais acentuado e mais vigoroso da linda vila de Algés».

Recordou depois o sr. Cupertino de Miranda que «o Banco Português do Atlântico ocupa no esquema da Banca nacional um lugar de excepcional relevo entre os maiores Bancos comerciais» e que «o volume de crédito distribuído, durante o ano de 1967, foi de algumas dezenas de milhões de contos dos quais uma cosiderável soma corresponde ao apoio que o su afiliado Banco Comercial de Angola concedeu á florescente actividade económica daquela nossa Província Ultramarina».

E, mais adiante, disse:

— Retomando o pensamento inicial de que o Banco Português do Atlântico com as suas amplas e modernas estruturas técnicas se encontra em condições de colaborar de forma decisiva para o acelerameto do processo económico português, desejo chamar a atenção de V. Ex.ª para o facto de na escala dos 500 maiores bancos mundiais, compilada pela American Banker, ocupar ele um lugar de destaque no centro desse quadro. Parece-nos desnecessário formular quaisquer outros comentários sobre o alcance desse estudo para podermos afirmar que o Banco, onde quer que se encontre ao serviço das actividades económicas portuguesas, tem a conveniente estrutura para atingir os seus patrióticos objectivos.

Prosseguindo, afirmou o presidente do conselho de administração do Banco Português do Atlantico:

— Mas, porque consciente dos complexos que ás instituições creditícias também devem competir, não tem o Banco Português do Atlantico limitado a sua acção aos aspectos puramente clássicos das operações bancárias. Sempre atentos á repercussão no plano interno das alterações das estruturas económicas e monetárias internacionais e á necessidade de se estudarem as soluções mais adequadas a esses desajustamentos, tendo em especial consideração os factos sobrevindos nos mercados internacionais desde Novembro do ano passado, o Banco Português do Atlantico tem levado a efeito uma série de iniciativas no intuito de impulsionar determinados sectores da actividade económica nacional, aqueles que mais decisivamente podem contribuir para o equilíbrio da nossa balança comercial.

ROSA RAMALHO E A ELECTRÓNICA

A RTP apresenta hoje, ás 22 e 50, uma nova edição do seu programa «Horizonte», cuja direcção de produção está confiada a Baptista Rosa.

No seu numero de hoje é tentada uma experiência de camara indiscreta, a cargo do categorizado operador, Augusto Cabrita. Rosa Ramalho a popular barrista de Barcelos, foi levada aos estudios da RTP e, colocada com dois dos seus netos na mesa de «regie» final, assistiu á projecção do filme que, em Fevereiro, lhe foi consagrado no programa «Estrada do Êxito». A simpática velhinha, que nunca se vira na televisão, teve reacções muito pitorescas que a camara e os microfones captaram.

Para além desta rubrica, «Horizonte» inclui ainda outros motivos de interesse: Dimitrios Rondiris e o actor Alvaro Benamor conversam sobre teatro grego; um jornalista holandês canta fados de Coimbra; Alberto Sordi fala de si e dos seus filmes; Carmen Dolores declama quatro poemas inéditos de Camilo Castelo Branco, que os seus descendentes cederam especialmente ao programa; e, finalmente, Amália e Aznavour, face a face, debatem problemas do mundo da canção.

EMPOSSADO

O NOVO VICE-PRESIDENTE DO CONSELHO ULTRAMARINO

O ministro do Ultramar conferiu esta manhã posse ao novo vice-presidente do Conselho Ultramarino, comandante Peixoto Correia, seu antecessor na gestão daquela pasta.

A' cerimónia assistiram, entre outras individualidades, o ministro da Saude, o subsecretário da Administração Escolar, os dois subsecretários dos departamentos dependentes do Ministério do Ultramar e o governador de Cabo Verde.

Lido o auto de posse pelo sr. dr. Cruz Alvura, usaram da palavra o ministro e o empossado.

Antes desta cerimónia, o sr. comandante Peixoto Correia havia tomado posse do cargo de vogal do Conselho Ultramarino, a qual lhe foi conferida, nas instalações do Conselho, pelo vogal mais antigo, dr. Gouveia da Veiga.

FIZERAM A «MUDANÇA» DE PARTE DE UM ESTABELECIMENTO...

A RETA — Sociedade de Importação e Exportação queixou-se á Polícia Judiciária de que os gatunos, utilizando uma chave falsa, se introduziram, no seu estabelecimento da Rua Martens Ferrão, 26-A, de onde roubaram objectos no valor de cerca de 46 contos.

Foi a empregada que abriu a casa, de manhã, que deu pela falta dos artigos, comunicando logo o caso ao gerente.

Este verificou que, entre outras coisas, tinham desaparecido 7 malas de voagem, com 75 centímetros de comprimento, 7 máquinas fotográficas, 23 cobertores, ferros de engomar, radiadores, secadores de cabelos, utensílios domésticos, colchas, guarda-chuvas, termos, cacarolas, tabuleiros e diversos objectos próprios para brindes.

Os gatunos tiveram de utilizar, certamente, uma camioneta...

Os largos de Santos e Vitorino Damásio vedados ao trânsito

Para se proceder á reconstrução de pavimentos, vão ser vedados ao transito de veículos os largos de Santos e Vitorino Damásio, por um período total de 120 dias, a partir de segunda-feira. Os trabalhos efectuar-se-ão por duas fases, sendo a primeira iniciada pelos arruamentos sul do Largo Vitorino Damásio e nascente do Largo de Santos, com a duração aproximada de 60 dias. A segunda fase engloba os arruamentos a norte dos referidos largos, prevendo-se a sua conclusão nos 60 dias seguintes. O transito, neste período, far-se-á pelas Rua de Santos-o-Velho, Calçada Marquês de Abrantes e Rua da Esperança.

«RAINHA» DO SADO

SETUBAL, 29 — Para encerramento da Feira de Santiago, realiza-se, depois de amanhã, ás 21 e 30, na Praça Carlos Relvas, desta cidade, a eleição da «rainha» do Sado.

O certame enquadra-se num espectáculo com artistas da Rádio e da Televisão.

ENLOUQUECEU A BORDO DO NAVIO

A fim de desembarcar um tripulante, acometido de loucura, arribou ao Tejo o navio polaco «General Walter». O tripulante, Lukasz Trojonolskzi, de 33 anos, telegrafista, recolheu ao Hospital Julio de Matos.

Vauxhall
DE SUCESSO 1968 EM SUCESSO...
Victor 102
Modelos: 1600 e 2000

EQUIPADO COM MOTOR PERKINS
AUTO-INDUSTRIAL GM
LISBOA • AV. DUQUE DE LOULÉ, 93 • TEL. 56 25 51 — COIMBRA • LEIRIA
ESTORIL • AV. DE NICE • TEL. 26 35 96 — CALDAS DA RAINHA

VULCAIN
RELÓGIO SUÍÇO DE PRESTÍGIO MUNDIAL

O «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se á venda no SALÃO ROYAL, em CASTELO DE VIDE, no próprio dia.

ASTRO TÉCNICA
Tome nota deste nome na sua agenda no seu próprio interesse, leia este jornal no dia 1 de Setembro próximo

FEIRA DA LADRA

(Continuação da página central)

muita gente deixou de cá vir. Esta é a minha opinião.

— E vende mais caro do que nas lojas?

— *Olhe, meu amigo, isto é conforme os clientes. Por causa do maldito desconto, dessa mania que o português tem (desde há muito e que parece não querer perder, infelizmente, nem que se lhe abrisse a cabeça para o convencer das vantagens do preço fixo) temos de pedir sempre bastante mais do que o preço justo, para depois virmos por aí abaixo, no triste regatear com do freguês...*

E depois, é conforme, umas vezes vende-se mais caro, outras mais barato. É conforme a força do freguês.

E desabafa (em lamento):

— *Sabe o que isto é meu caro senhor?! É um autêntico negócio de ciganos...*

O que devia haver era preço fixo e honestidade de ambos os lados: de quem compra e de quem vende. Mas que quer?! É a vida e ai de quem não lutar...

Plásticos e alumínios: Louças e outras coisas

No chão, em largos metros alinham-se bacias, jarros e outros recipientes vários todos de plástico, depois segue-se louça de alumínio.

Interrogamos quem vende: o sr. Américo da Costa Nunes e sua mulher. Casal ainda jovem que «faz a Feira da Ladra há uns 7 anos».

A resposta é a mesma, quanto ao antagonismo entre artigo velho-artigo novo:

— *Todos temos que nos governar, que se há-de fazer?!*

Agora, com o aumento da Feira, até há à venda mais novo do que velho. Há lugar para todos. E todos temos as nossas licenças.

— ...

— *Isso sim, isso é que seria bom: separar os dois negócios que aqui existem. Cada um ia para o seu lado e já não havia queixas.*

— E que tal vai o negócio?

— *É fraco, são muitos dias de feira. Alguns há em que nem dá para a despesa.*

— E vendem mais caro ou mais barato do que nos estabelecimentos?

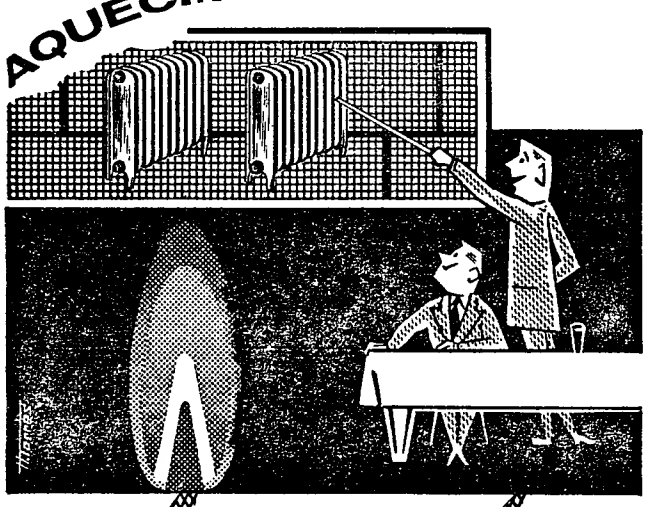
— *Mais ou menos a mesma coisa, mas ás vezes, acontece... Temos que nos defender até porque não vendemos todos os dias. Quando não há feiras ficamos em casa.*

E conclui com um sorriso esclarecedor:

— *Olhe que quer que lhe diga? Já temos o nome: somos feirantes e está tudo dito!*

Sociedade «ESTORIL»
VENDA DE BILHETES PARA OS DOMINGOS
Aos sábados na estação do Cais do Sodré das 15 às 22 horas

Não espere pelo inverno para o estudo do seu proble-ma de AQUECIMENTO

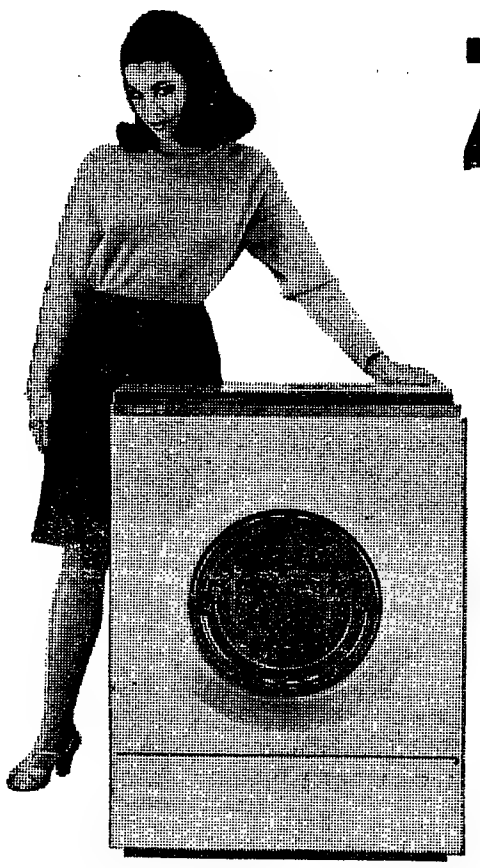


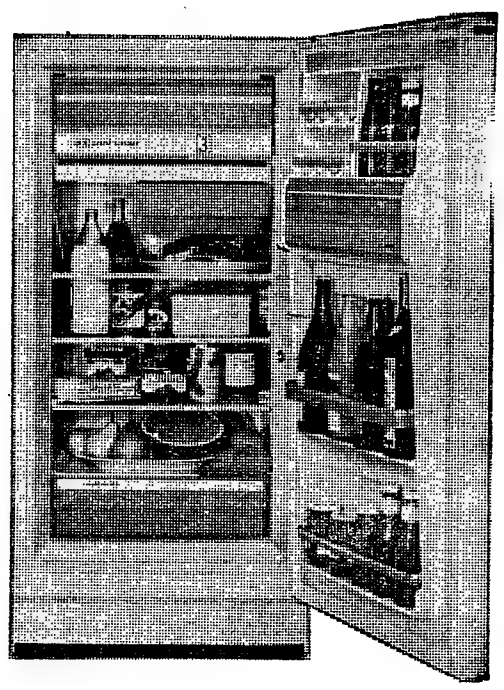
Consulte desde já os **SERVIÇOS DE GÁS INDUSTRIAL DAS C.R.G.E.,** que procederão ao estudo do seu caso, sem qualquer compromisso da sua parte.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE - LISBOA

ZOPPAS

frigoríficos
máquinas de lavar
inteiramente
automáticas





Na linha de frigoríficos e máquinas de lavar ZOPPAS, a Fábrica Portugal apresenta as mais modernas inovações da Técnica actualmente conhecida.

FÁBRICA PORTUGAL

Zoppas

o detergente que recomendamos

À VENDA EM TODA A PARTE

†

ENGENHEIRO

João Nunes Correia

MISSA DO 3.º ANIVERSÁRIO

Sua mulher pede um pensamento ou uma oração a todas as pessoas que o conheceram e estimaram. Uma Missa será mandada rezar em sua memória pela Administração de Indústrias Térmicas Nunes Correia, S. A. R. L., amanhã, às 12 horas, na Igreja de Nossa Senhora da Encarnação.

CARTÓRIO NOTARIAL DE VALONGO

A cargo da Notária Licenciada ISABEL CARMÁLIA ANTÓNIA DE OLIVEIRA E CARVALHO FIGUEIREDO TOMÁS FERREIRA.

Certifico, nos termos e para os efeitos do disposto no artigo 97.º, do Código do Notariado, que em 25 de Junho do corrente ano, foi lavrada neste Cartório, de fls. 99 a 100 v.º do livro B-22 de «Escrituras Diversas», uma escritura de habilitação por óbito de MANUEL MOREIRA GAIOLA JÚNIOR, natural da freguesia de Alfena, concelho de Valongo e residente na cidade do Rio de Janeiro, Brasil, onde faleceu em 5 de Julho de 1967, no estado de solteiro, sem testamento, tendo deixado como herdeiros legítimos seus irmãos MARIA MOREIRA GAIOLA, que também usa o nome de MARIA ANDRÉ MOREIRA, casada sob o regime da comunhão geral de bens com Jerónimo Carneiro de Sousa; e CRISPIM MOREIRA GAIOLA, que também usa o nome de CRISPIM MOREIRA, casado sob o mesmo regime com Maria Emília Martins de Sousa, ambos naturais da referida freguesia de Alfena, onde residem, respectivamente, nos lugares de Transleça e Ferraria.

Está conforme o original o que certifico

Cartório Notarial de Valongo, vinte e quatro de Agosto de mil novecentos e sessenta e oito.

A ajudante do Cartório

Ana Catarina Paiva Dias Vale

No CARTAXO e DIÁRIO DE LISBOA está à venda na CASA PEDRO ALVES, SUC., RUA DO BATALHOZ.

Junta Nacional das Frutas

CONCURSO PÚBLICO PARA A ARREMATAÇÃO DA EMPREITADA DAS INSTALAÇÕES DE ACONDICIONAMENTO DE CÂMARAS NO CENTRO NACIONAL DE ESTUDOS E DE FOMENTO DA FRUTICULTURA-ALCOBAÇA

Faz-se público que, pelas 15 horas do dia 2 de Outubro de 1968, se procederá, na Sede desta Junta, Rua Rodrigo da Fonseca, 8, Lisboa, ao concurso público acima designado.

O processo deste concurso, encontra-se patente na morada acima indicada todos os dias úteis nas horas de expediente.

O depósito provisório é de 48 750$00.

Lisboa, 29 de Agosto de 1968.

O VICE-PRESIDENTE
A. Cândido Ferreira

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL DE SANTA MARIA

CONCURSOS PARA O 4.º TRIMESTRE DE 1968

Batatas	**Conc. Público n.º 82/68**
Legumes frescos e Hortaliças	**Conc. Público n.º 83/68**
Carne de vaca congelada ou verde	**Conc. Público n.º 84/68**

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 às 12 e das 14 às 17 horas, excepto aos sábados (das 9 às 12,30 horas), na Secretaria do Serviço de Aquisições.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicada nos Cadernos de Encargos.

Lisboa, 28 de Agosto de 1968

O CHEFE DOS SERVIÇOS DE AQUISIÇÕES
Manuel Brioso Pina de Jesus

180 CONTOS RENDEM-LHE 1.125$00 MENSAIS—JURO DE 8 %

J. PIMENTA

ANDARES

APARTAMENTOS MOBILADOS

UMA ORGANIZAÇÃO ANTIGA

E CONCEITUADA MAS MODERNA

J. PIMENTA, S. A. R. L.

Um magnífico conjunto situado perto do mercado e estação de Paço d'Arcos com vista excepcional de mar de todas as janelas, terá acabamentos especiais com materiais de longa duração inclusive caixilharia em alumínio.

ANDARES DE 3 A 10 DIVISÕES

J. PIMENTA, S. A. R. L. e J. PIMENTA, LDA.

Possuem propriedades para venda desde 120 contos na Reboleira — Amadora. Centro da Amadora frente à estação do C. F. Portas de Benfica. Parede. Alapraia e brevemente em Cascais e Lisboa.

NÃO CONFUNDA UMA ORGANIZAÇÃO DE BEM SERVIR COM SIMILARES
INFORMAÇÕES

Lisboa — R. Conde Redondo, 53, 4.º Esq.º — Tels. 47843 e 45843
Queluz — R. D. Maria I, 30 — Tels. 952021 e 952022
Amadora — Reboleira — Tel. 933670

AZULEJOS

AZULEJOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS DESDE $60

Distribuidores exclusivos nos distritos de Lisboa e Setúbal, dos azulejos Celena

BANHEIRAS DE FUNDIÇÃO E CHAPA ESMALTADA

Grande quantidade de polibains de ferro fundido

PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA

PLÁSTICO PVC RÍGIDO

Distribuidores exclusivos do material plástico PVC rígido, para revestimentos de paredes, tectos, divisórias para escritórios, portas extensiveis e planas e chapas de cobertura, da Fábrica de Plásticos Valverde

A BOA QUALIDADE A BAIXO PREÇO

A maior gama de materiais de construção, especialmente revestimentos, tintas, drogas, ferragens e ferramentas

J. PIMENTA, LDA.

RUA D. MARIA I, 30 QUELUZ

Praça Padre Eduardo Ferreira de Amaral, 3-A — AMADORA (Junto ao Jardim Parque)

É MELHOR!
É FABRICADO NA ALEMANHA

PROJECTOR DACORA VISTA

2.240$00

LUZ FRIA (QUARTZ-JODE)
COMANDO SEMI-AUTOMÁTICO
OBJECTIVA ULTRA-LUMINOSA
ARREFECIMENTO CONTÍNUO POR VENTILAÇÃO
PARA TODOS OS «SLIDES» A CORES ATÉ 5 x 5

TODO O MATERIAL PARA AMADORES E PROFISSIONAIS

DISTRIBUIDORES IMPORTADORES **profoto** LIMITADA
RUA DE SANTA JUSTA, 25 — LISBOA
ASSISTÊNCIA TÉCNICA PERMANENTE

HIPOTECAS

FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA
AO JURO DA LEI

A CONFIDENTE

ROSSIO, 3-2.º **TELEF. 369384**

O CARRO QUE FOI CONSTRUIDO PARA VOCÊ VENCER!

AUSTIN COOPER "S" MK II

Seguindo as pisadas do seu irmão mais velho:

A mesma estabilidade
A mesma espantosa velocidade
As mesmas possibilidades de conversão

MAS...

Acabamentos mais requintados
Condução citadina simplificada
Menor raio de viragem...

E SEMPRE O MESMO PRESTÍGIO AUSTIN

Distribuidores Gerais J.J. Gonçalves Sucrs., S.A.R.L. — Lisboa - Porto
Santarém - Matosinhos - Évora - Braga - Agentes em todos os distritos

PEQUENO MAGAZINE

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 29 de Agosto de 1938 publicava:

«Os estrangeiros que residiam ou andavam viajando pelas nações da Europa mais ameaçadas pela guerra que se anuncia e nós esperamos que se evite, começaram a debandar para os seus países

Resultado: abundam os viajantes, mas faltam navios para os transportar.

Como geralmente acontece em casos tais, apareceram já açambarcadores de passagens. Quem se decide a pagar mais 30, 40 ou 50 por cento não fica em terra.»

CURIOSIDADES

● Moda masculina

A moda masculina, a implantar nos Estados Unidos da América do Norte no próximo Outono, fará dos que a adoptem autênticos pintalegretes.

Particularidades do modelo principal, que, dizem os costureiros, terá a maior voga: gola «pescoço de tartaruga», casaco Nehru, e camisa de folhos — num conjunto reminiscente dos tempos do mais refinado romantismo.

● O «record» do merceeiro

Argus Ashton, merceeiro da Nova Zelandia, orgulha-se de um feito que diz ser um «record» mundial: pesar açucar — 185 cartuchos de três quilos cada, em cinquenta e sete minutos e quarenta e um segundos.

● Serra eléctrica para matadouros

Acaba de ser aperfeiçoado um novo modelo de serra eléctrica, extremamente leve, que elimina muito do esforço de corte, habitual nos matadouros.

Tem capacidade para cortar a carcaça de um boi em 10 segundos.

ANEDOTAS

Uma velhota entra num «eléctrico». Quando o condutor lhe vem cobrar o bilhete ela dá-lhe uma moeda de dois tostões.

— São dez tostões.

— Pois não lhe dou mais porque não tenho troco.

— Então, fará o favor de sair — insiste o condutor.

— Ah! Isso nunca! Leve-me até onde o dinheiro chegar.

*

No exame:

— Aurora, diga-me o nome de alguns sais.

— Sal comum, sal gema.

— Outros.

— Sais ingleses.

— Mais, vamos.

— Sal... Salsicha, salpicão...

*

Na noite de núpcias:

— Isabel, querida, reparaste em que mala meti os comprimidos?

— Quais comprimidos, amor?

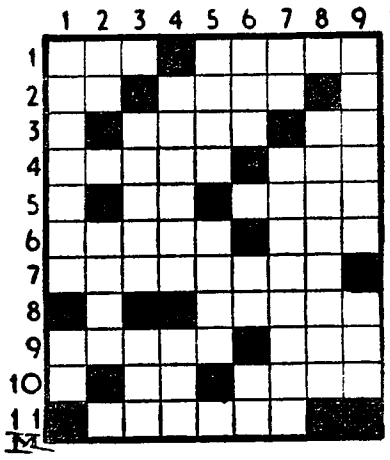
— Ó filha, os comprimidos para a insónia.

E sabes porque é que eu prefiro a velha geração? Porque é ela que tem o dinheiro todo...!

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 4924



HORIZONTAIS: 1 — Reza Descendente 2 — Enxerga Mofará. 3 — Repara. Graceja 4 — Ligada Pixe 5 — Preposição Ofegue. 6 — Empregais Argola de corrente 7 — Manchasse 8 — Pescado. 9 — Verte Sofrimento 10 — Concedeu. Tem por fim. 11 — Vila e sede de concelho do distrito de Portalegre

VERTICAIS: 1 — Ovino. Compaixão. 2 — Poça de navio. Conhece 3 — Flutuar. Partida 4 — Cerque Haver 5 — Banda Trabalho oculto e ardiloso 6 — Furia A si. Oca. 7 — Nota de musica. Prisão 8 — Lampejos 9 — Semelhante ou relativo ao arroz. Pertencia

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4923

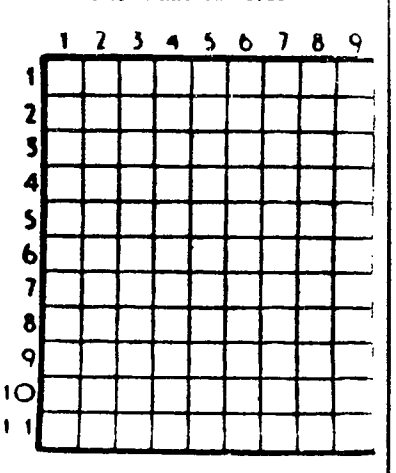
HORIZONTAIS: 1 — Alada. COM. 2 — Coplas 3 — Amarral. O. 4 — BOM. Errar 5 — Are. Ne. Im. 6 — Só. Aditou. 7 — Gera. 8 — Soou. Opa. 9 — O. BEM. 10 — Cuidariam. 11 — Al. All. SE.

VERTICAIS: 1 — Acabos. Soca. 2 — Moroso. Ui. 3 — Acame Obi 4 — Dor. Águeda. 5 — APRENDE Mal. 6 — Lareiro R. 7 — Coir Tapai 8 — Os. Aio. Ás. 9 — Ormuz. Ame.

(Provérbio: COM O BOM SÓ O BEM SE APRENDE)

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8768



HORIZONTAIS: 1 — Condutor de camelos 2 — Rezas Em mais alto grau. 3 — Chefe etíope. Abreviatura de matemática 4 — Li Morte. Nota musical. 5 — Acredite. 6 — Origem Víscera dupla 7 — Desterrei. Ratas. 8 — Arrostas 9 — Caminhar Preposição e artigo definido (pl.). Mil e cinquenta em romano 10 — Fluido aeroforme. Nome que se dá ao comboio expresso de Paris. 11 — Semelhante. Jovial.

VERTICAIS: 1 — Ilha do arquipélago dos Açores. Desavença. 2 — Lavrai. Ruim Abreviatura das palavras inglesas Royal Air Force. 3 — Conjunção. Planta de haste oca nos entrenós. Nota musical. 4 — Pertences. Ave africana 5 — Venda a crédito. Filtra. 6 — Preposição. Preparas com mirra. 7 — Seguiam. Escudeiros. Apelido. 8 — Escameços. Nota musical. Muito. 9 — Aldeia de Itália. Solário.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8767

HORIZONTAIS: 1 — Paro. Ocre. 2 — Ame. Trair. 3 — Rã. Contar. 4 — Irra. Aúde. 5 — Sais. Ires. 7 — Piar, Cana. 8 — Arre. Ásia. 9 — Ra. Moi. Cr. 10 — Citar. Coa. 11 — Asar. Vaso

VERTICAIS: 1 — Paris. Parca. 2 — Amara. Irais. 3 — Re. Rimar Tá. 4 — Cãs Remar. 5 — Tá Or. 6 — Ornai. Cai 7 — Coturras. Ca. 8 — Ríada Nicos 9 — Erres. Aarão.

Logan's
Scotch Whisky de luxe
of White Horse

IMPORTADO DIRECTAMENTE DA ORIGEM

AGENTES

COSTA PINA & VILAVERDE, LDA.
Rua do Bonjardim, 420 — PORTO

J. A. DA COSTA PINA, LDA.
Rua do Alecrim, 73 — LISBOA

VENTOINHAS

ELÉCTRICAS DE VÁRIOS MODELOS

- RÁDIO TRANSISTORES
- GRAVADORES DE SOM
- GIRA-DISCOS
- ELECTRO-DOMÉSTICOS

Toshiba
QUALITY SINCE 1877
MADE IN JAPAN

DISTRIBUIDORES NOS DISTRITOS DE:
LISBOA, SANTARÉM, LEIRIA, CASTELO BRANCO, GUARDA, VISEU, PORTALEGRE, ÉVORA BEJA e FARO

SOC. CENTRAL DE VENDAS, LDA
R. Fanqueiros, 258/262-3
Telef. 366187/8/9 — LISBOA

SOC. EMP DE ARTIGOS DE ELECTRICIDADE, LDA
R. S. Mamede (ao Caldas), 30-G
Telef 865449 866614 — LISBOA

A VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

Hidro-Eléctrica do Zêzere

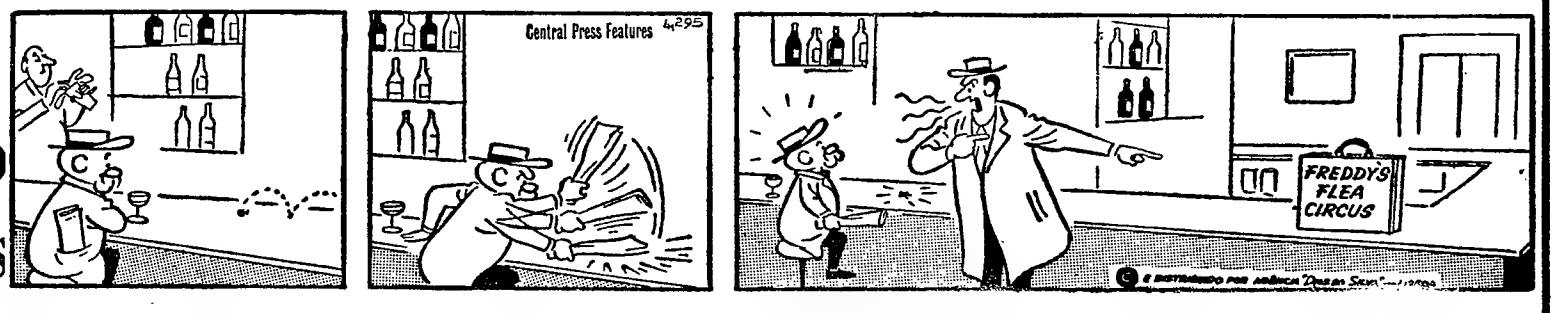
S. A. R. L.

AVENIDA SIDÓNIO PAIS, 24-1.º — LISBOA

Informa que, a partir do próximo dia 2 DE SETEMBRO, o seu telefone passa a ter o número:

562401 — P. P. C. A. (10 linhas)

AVENTURAS DO TIO CARLOS



DESPORTO

PUGILISMO

Floyd Patterson:
Embate para o título mundial sob o céu da Suécia

Floyd Patterson, o menos falado de todos os campeões de «pesados», não desiste.

Conquanto tenha já passado a casa dos trinta anos e durante a vigência do seu contrato com o prudente Gus d'Amato tenha amealhado boa fortuna crê, ainda, ter possibilidades de conquistar o título.

Seria mais outro recorde a juntar aos que já possui: ter sido o mais novo campeão mundial de pesados de todos os tempos (foi campeão com 21 anos e dois meses enquanto Cassius Clay o foi com 21 anos e seis meses) e, também, poder considerar-se o primeiro e único campeão de pesados que, até ao momento, perdeu e reconquistou o título. Perdeu em Nova York para o sueco Ingemar Johansson, em 1957, e reconquistou o ceptro em Miami (no decorrer de 1958), ao mesmo adversário: um ano e três meses depois de ter sido derrotado, vinga o insucesso.

Muito popular entre os suecos (que não esquecem a sua estadia de 1956, em terras nórdicas), Floyd Patterson volta á Suécia onde, no dia 14 de Setembro próximo, defrontará Jimmy Ellis, em combate válido para o título mundial da categoria.

De todos os actuais «pesados», Jimmy Ellis é aquele com características biométricas mais adequadas ás de Floyd Patterson.

Não esqueçamos que tanto Floyd como Ellis são dos mais baixos pesados da actualidade, pois não chegam a ter 1,90 metros de altura e os seus pesos rondam entre 84 e 86 quilos. Se pensarmos que Joe Frazier tem 1,96 m de altura e 102 quilos de peso, Cassius Clay tem 1,93 m e pesa 101 quilos, Jerry Quarry, 1,91 e 94 quilos, fácilmente se percebe a dificuldade de ambos.

Todavia, a velocidade e a técnica de ambos tem-lhes servido para coleccionar em saborosos triunfos. Floyd Patterson entrou já na história do pugilismo e Jimmy Ellis é o «candidato n.º 1» á coroa de Cassius Clay, por ter ganho as eliminatórias da World's Box Association

Um oficial da Marinha grega transporta o facho olímpico para um navio do seu país que levará o símbolo até Itália, no caminho para o México

ATLETISMO

O Sporting promove um torneio internacional com a participação de espanhóis

O Sporting, que tem pela modalidade das *corridas, saltos* e *lançamentos* um carinho especial, aliás, expresso na sua excelente equipa, este ano campeã regional e nacional, vai promover no próximo dia 1 de Setembro, no Estádio José Alvalade, um torneio internacional com a participação de atletas espanhóis (alguns dos quais já seleccionados para o Espanha-Portugal, que se realizará em Madrid nos dias 7 e 8 de Setembro) campeões de várias disciplinas.

Deslocar-se-ão, portanto, a Lisboa, cerca de uma vintena de atletas do país vizinho, em representação do Clube Vallehermoso, de Madrid.

Este torneio internacional, que tem a particularidade de ser disputado anualmente — uma vez em Lisboa outra em Madrid — tem o programa olímpico dividido ao meio, efectuando-se, agora, metade, e o restante no próximo ano em Madrid.

A classificação é feita por pontos, participando dois atletas em cada disciplina (5-3 2-1). No caso das estafetas a pontuação é de 5-2.

Estarão em disputa duas taças, qualquer delas com nomes de sportinguistas já falecidos e que muito contribuíram para a elevação do atletismo «leonino» e quiçá nacional — «Afonso Salcedo» para a equipa vencedora; e «Martiniano Domingues», para a equipa vencida. Por outro lado os atletas vencedores das provas receberão medalhas comemorativas do encontro.

O programa já elaborado está distribuído do seguinte modo:

Às 17 horas — Martelo.
Às 17.45 horas — 400 metros barreiras, peso (senhoras), altura e triplo.
Às 17.55 horas — 400 metros.
Às 18.05 horas — 100 metros.
Às 18.15 horas — 80 metros barreiras (senhoras).
Às 18.25 horas — 400 metros (senhoras) e peso.
Às 18.35 horas — 1500 metros e disco (senhoras).
Às 18.45 — 5000 metros.
Às 19.05 horas — Estafeta 4×400 metros.

A caravana espanhola chegará a Lisboa, amanhã, á tarde.

«Diário de Lisboa»

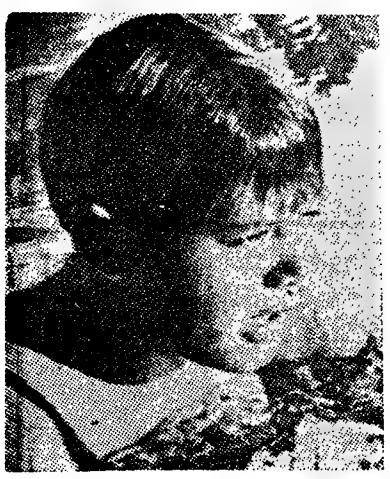
Do Clube de Futebol «Os Belenenses» recebemos uma amável carta de agradecimento pelo relevo dado nestas colunas á pretensão da colectividade sobre transmissões pela Televisão de jogos do Campeonato Nacional.

*

Igualmente registamos as palavras dos «Parodiantes de Lisboa», em referência ao «Festival da Luz», efectuado no Estádio do Sport Lisboa e Benfica. «Fica a dever-se á Informação — com particular realce para o «Diário de Lisboa» — uma boa parte do êxito conquistado pelo referido festival» — salienta a conhecida organização publicitária, que nada tem a agradecer-nos, porquanto nos limitámos a salientar uma iniciativa dos popularíssimos «ases do riso» que redundou em mais um triunfo para os «Parodiantes».

Outro «record» de Debbie Meyer

LOS ANGELES, 29 — (F. P.) — A nadadora americana Debbie Meyer bateu por uma diferença de seis segundos o seu próprio «record» dos 800 metros livres, vencendo a final das provas de selecção olímpica dos Estados Unidos da América do Norte com a marca de 9 m. 10 s. e 4 décimos.



DEBBIE MEYER

TÍTULO DESTITUÍDO

PITTSBURGO (Ohio), 29 — (A. N. I.) — Ao pugilista Paul Fuji, de Honolulu, foi retirado o título de campeão mundial de «meios-médios-ligeiros», pela Associação Mundial de Pugilismo, por não defender o título com o seu mais directo «chalenger», o argentino Cicoline Loche.

Fuji assinara contrato para combater, no dia 14 de Novembro, em Tóquio, com o terceiro pretendente, o filipino Pedro Adigue.

ESTÁ CONSTITUÍDA
A SELECÇÃO DE LISBOA PARA O «NACIONAL» DA II DIVISÃO

Realizando-se no próximo dia 31 do corrente e 1 de Setembro, em local ainda a designar, o Campeonato Nacional da 2.ª Divisão (inter-associações), organizado pela Federação Portuguesa de Atletismo, a Associação de Lisboa, depois de ter ouvido a opinião do seu conselho técnico, indicou os atletas que a vão representar naquela competição:

100 metros — António Manso (CDUL)-Fernando Ferreira (Vit. Setubal).
200 metros — António Manso (CDUL)-L. Fonseca e Silva (CDUL).
400 metros — Alfredo Teixeira (CDUL)-João Rolim (CDUL).
800 metros — Rogério Gonçalves (Moscavide)-João Rolim (CDUL).
1500 metros — Américo Barros (CDUL)-António Marques (Moscavide).
5000 metros — José Silvestre (Moscavide)-António Trindade (CUF).
10 000 metros — Mário António (Belenenses)-António Trindade (CUF).
3000 m. obst. — Américo Barros (CDUL)-Bento Pinheiro (Belenenses).
110 m. barr. — Abreu Matos (CDUL)-Pedro Madeira (Vit. Setubal).
400 m. barr. — Joaquim Peralta (CDUL)-Guimarães Marques (CDUL).
Vara — António Cabrita (Vit. Setubal)-José Rodrigues (CDUL).
Dardo — Carlos Alfredo (Moscavide)-Leonel Carvalho (CDUL).
Disco — Alberto Rosário (CDUL)-Carlos Alfredo (Moscavide).
Peso — Vítor Ventura (Moscavide)-José Bastos (CUF).
Martelo — Rui Neves (CDUL)-José Bastos (CUF).
Altura — Arnaldo Pinto (Moscavide)-José Lima (Belenenses).
Comprimento — Abreu Matos (CDUL)-António Silveira (Belenenses).
Triplo-salto — Arlindo Gouveia (CDUL)-João Marreiros (CDUL).
4X100 metros — (António Manso, Fernando Ferreira, Abreu Matos, L. Fonseca e Silva).
4X400 metros — (Alfredo Teixeira, Guimarães Marques, João Rolim, Joaquim Peralta).

Cancelado o encontro triangular Benfica-Valência-Sporting

Em face dos sucessivos adiamentos propostos pela Federação de Atletismo de Valência, e, ainda, devido a não haver datas disponíveis nos calendários oficiais portugueses da presente temporada, viu-se a Associação de Atletismo de Lisboa obrigada a cancelar definitivamente o previsto encontro triangular Benfica-Valência-Sporting.

Um treinador e um atleta castigados

Na sua ultima reunião, a direcção da Associação de Atletismo de Lisboa, apreciando vários factos referentes á presença do atleta (individual) José Morais, nos encontros Benfica-selecção de Pontevedra, sem a devida autorização, decidiu:

1.º — Aplicar a pena de 30 dias de suspensão, a contar de 19 do corrente, ao individual José Alfredo Campos Morais;

2.º — Aplicar uma repreensão registada ao treinador do Sport Lisboa e Benfica, Fernando Matos Fernandes, por inexactas declarações.

Mais ainda, oficiar ao Sport Lisboa e Benfica no sentido de se evitarem situações menos condizentes com a Regulamentação em vigor e que só um possível esquecimento do respectivo Departamento terá originado.

Atletismo no Benfica

O Sport Lisboa e Benfica leva a efeito, na pista do Campo Grande, torneios de captação para sócios e simpatizantes dos 13 aos 19 anos, ás 4.as-feiras e domingos, com os seguintes programas:

4.as-feiras ás 21 e 30 horas *(dias 28 de Agosto e 5, 12 e 19 de Setembro): 80 m, 250 m, 700 m, 2000 m, altura, comprimento e peso.*

Domingos, ás 10 horas *(dias 1, 8 e 15 de Setembro): 80 m barreiras, 80 m planos, 300 m, 1000 m, comprimento e altura.*

AUTOMOBILISMO

O JÁ FAMOSO «RALLYE» DA TAP

Confirmando o extraordinário interesse que o «2.º Rallye Internacional da TAP» vem encontrando em toda a Europa, a organização acaba de receber as inscrições de três dos mais cotados elementos da famosa «squadra» italiana «Jolly Clube». Aos nomes de Paolo De Leonibus, já vencedor do «Rallye ás Rias Bajas», e de Roberto Angiolini, director do «Jolly Clube», deverá acrescentar-se o de Cavallari, segundo classificado no último «rallye» internacional do Automóvel Club de Portugal.

Também, da Dinamarca, foi enviada a inscrição de Neozonis, um dos mais famosos pilotos escandinavos, bem como de três outros volantes de menor nomeada.

Entretanto, nas províncias ultramarinas gera-se um movimento de grande interesse em relação á competição, pelo que no Grupo Cultural e Desportivo da TAP têm sido recebidas numerosas consultas relacionadas com a presença de concorrentes ultramarinos.

O Real Automóvel Clube de Espanha acaba de informar a organização de que levará a efeito, no próximo dia 8 de Setembro, uma competição no Circuito do Jarama, que se encontra dotada com prémios que ascendem a 220 mil pesetas, e na qual está prevista a participação de volantes nacionais. Tal competição dará ensejo a que os concorrentes portugueses tomem contacto com o traçado do Circuito do Jarama, cenário da primeira prova de classificação do «Rllye» Internacional da TAP.

*

Também o Grupo Desportivo Estoril Praia promove no campo de futebol de Amoreira, Monte Estoril, no próximo dia 1 de Setembro pelas 14 horas a 2.ª Gincana Perícia Automóvel, daquele clube.

Estão em dispujta cerca de vinte taças e as inscrições aceitam-se na sede daquele clube até 31 do corrente, ou no local da prova.

NOTÍCIAS DO FUTEBOL

Alterações no xadrez futebolístico da equipa do Luso do Barreiro, que continua a ser orientada por Faia: ingresso de Durand (Cuf), Totala (Tramagal) e Godinho (Almada), regresso de Lança — que estivera ao serviço do Torres Novas — e saída de Guimarães (para os cufistas), Barroca (também para a formação agora dirigida por Costa Pereira) e Brinca (que optou pelo Sintrense).

●

Pinto, do Montijo, está em negociações com a CUF do Barreiro, que acaba de firmar contrato com o internacional junior Eduardo, que pertencia ao Sesimbra.

●

Reforços para o Futebol Clube do Porto: Sousa (do Paços de Ferreira) e Alberto (do Naval 1.º de Maio, da Figueira da Foz).

●

Humberto, Malta da Silva e Nelson continuam sem chegar a acordo com o Benfica para a renovação dos seus contratos.

●

O futebolista argentino Luporim está em negociações com o Sporting de Braga.

●

O Penafiel acaba de conseguir o concurso do Cesarino, ex-junior benfiquista regressado agora do Ultramar.

EM GIJON

COMPORTAMENTO BRILHANTE DOS CAVALEIROS PORTUGUESES

GIJON, 29 — (F. P.) — No Concurso Hípico Internacional que decorreu nesta cidade, a equipa portuguesa teve um grande triunfo na ultima jornada, realizada ontem, ao obter os três primeiros lugares na «Prova Potência».

O ten. Brito da Cruz distinguiu-se, especialmente, obtendo o primeiro lugar com «Sazama» (0-4-4-0) e o terceiro, montando «Fox Glove» (3 pontos). Malta da Costa obteve o segundo posto, montando «Dum Dum».

No conjunto do concurso, o cap. espanhol Gorostegui e o seu cavalo «Jumper» tiveram as melhores classificações. Em amazonas a pontuação superior foi a da sr.ª Hollroyd (Portugal) e á jovem portuguesa Castro foi atribuído o «Troféu do Desportivismo» por ter concorrido a todas as provas embora não tivesse sorte com os seus cavalos.

A ACADÉMICA
VENCEU NA BEIRA

BEIRA, 29 — (L.) — A Associação Académica de Coimbra venceu, onte á noite, a selecção de futebol da Beira, por 3-0, no ultimo encontro da sua digressão por Moçambique.

Ao intervalo, os «estudantes» já venciam por 2-0. Os golos foram obtidos por Manuel António, Quim e Mário Campos.

DESPORTO

Esta noite, em Lisboa e no Porto: futebol ao nível oficial

- **NO RESTELO:**
  Sporting-Atlético e Benfica-Belenenses
- **NAS ANTAS:**
  Leixões-Varzim e Porto-Tirsense

Esta noite, no Estádio do Restelo, a Associação de Futebol de Lisboa volta a organizar a «Taça de Honra» da primeira divisão, torneio já tradicional no nosso calendário futebolistico: dez anos de vida progressiva são o seu melhor atestado.

O jogo inicial (que terá lugar ás 20 e 45 horas) opõe as turmas do Sporting Clube de Portugal e do Atlético Clube de Portugal. Depois, ás 22 e 30 horas, efectua-se o embate entre o Clube de Futebol «Os Belenenses» e o Sport Lisboa e Benfica. Na próxima semana (a 4 de Setembro), os vencidos disputam os lugares inferiores da tabela, enquanto os vencedores de hoje jogam para o posto cimeiro.

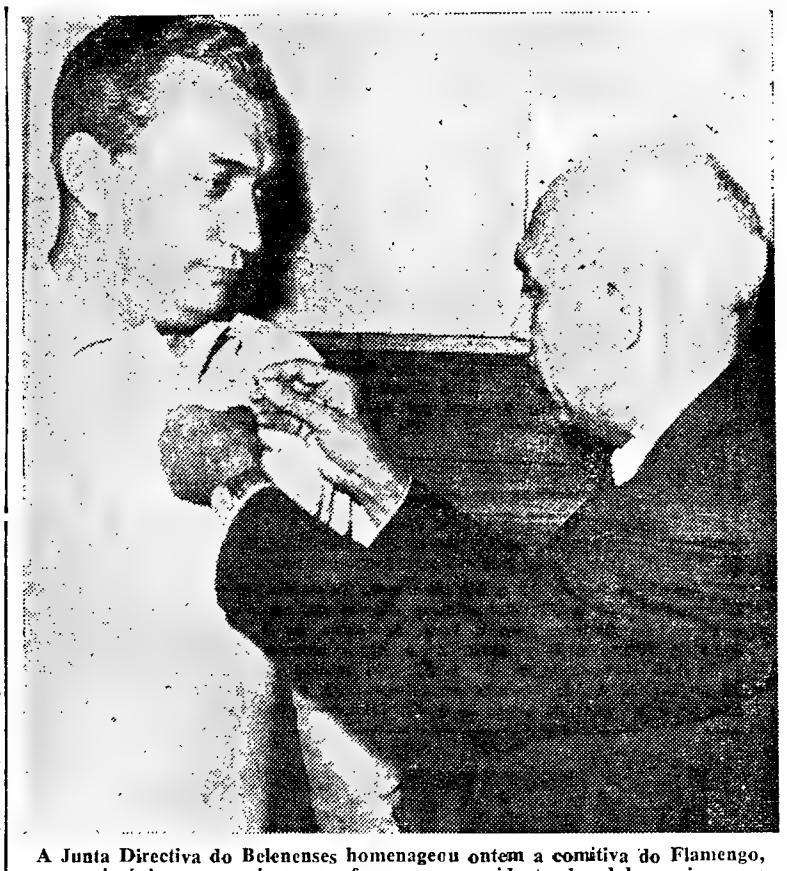
Esclarece-se que não haverá qualquer prolongamento: na eventualidade de um empate no término do tempo regulamentar. o vencedor será decidido pela contagem dos «pontapés de canto» sofridos. Se, mesmo assim, o empate prevalecer, a decisão será dada após a marcação de séries de «grandes penalidades».

Por seu turno, a Associação de Futebol do Porto também leva a cabo o seu «Torneio Início». Os jogos dividem-se por duas séries e prolongam-se de hoje até 2 de Setembro próximo. Na primeira série, encontram-se o Futebol Clube do Porto, o Varzim, o Tirsense e o Leixões, enquanto que o segundo agrupamento reune o Salgueiros, Leça, Penafiel e Boavista.

O Estádio das Antas será o cenário de todos os jogos do primeiro grupo. Entretanto, os encontros respeitantes ao segundo conjunto de clubes efectuam-se no Estádio do Bessa, com a final já marcada para o campo «Eng.º Vidal Pinheiro».

Eis o calendário deste «Torneio Início», no respeitante aos jogos de hoje: Leixões-Varzim, ás 20 e 30 horas; Futebol Clube do Porto-Tirsense, pelas 22 e 15 horas. A jornada final desta série decorrerá no próximo dia 1 de Setembro.

Quanto á série numero dois, o sorteio de jogos determina: Boavista-Penafiel, ás 20 e 30 horas, e Salgueiros-Leça, pelas 22 e 15 horas, de amanhã. A 2 de Setembro efectua-se a jornada final.



A Junta Directiva do Belenenses homenageou ontem a comitiva do Flamengo, em cerimónia que serviu para oferecer ao presidente do clube carioca um emblema de brilhantes da colectividade portuguesa, acto a que procedeu o juiz dr. Gouveia da Veiga

HOJE À NOITE

ASSEMBLEIA — Do Casa Pia Atlético Clube, na sua sede, Largo do Conde Barão, 50-2.º, ás 21 e 30.

FUTEBOL — Taça de Honra da I Divisão, da Associação de Lisboa: Atlético-Sporting, ás 20 e 45; e Belenenses-Benfica, ás 22 e 30, no Estádio do Restelo.

— Taça de Honra, da Associação de Santarém: Tramagal-Ferroviários, ás 20 e 30; e Leões-Torres Novas, ás 22 e 30, no campo Alfredo Aguiar, em Santarém.

JOGOS JUVENIS DO BARREIRO — Rapazes: Escalão A (futebol de 5) — Real-Serpa Pinto-A, ás 20 h.; Ginásio-Unidos, ás 21 h.; e Galitos-Casalense, ás 22 h., no campo da C. U. F.

NATAÇÃO — Festival de Aniversário da Associação de Lisboa, na piscina do Sport Algés e Dafundo, a partir das 21 h.

REUNIÃO — Das colectividades de Santarém, na sede do Grupo de Futebol dos Empregados do Comércio, ás 19 e 30, para criação de uma Associação dos Desportos.

TIRO
NA FIGUEIRA DA FOZ

Organizada pela Associação Naval 1.º de Maio e patrocinada pelo Ministério do Exército, Comissão Municipal de Turismo e Sociedade Figueira-Praia, realiza-se nos dias 31 de Agosto e 1 de Setembro a 6.ª edição da prova de tiro «Defesa Nacional». Os troféus em disputa são os seguintes: Defesa Nacional, Ministério do Exército, Força Aérea, Guarda Fiscal, Camara Municipal da Figueira da Foz, Comissão Municipal de Turismo da Figueira da Foz, Direcção Geral dos Desportos, Companhia de Carvões e Cimentos do Cabo Mondego, Comendador Mário Barraca, Empresa Vidreira da Fontela, Covina, Grémio do Comércio da Figueira, Guarnição Militar da Figueira e Celbi.

FESTIVAL DAS ESCOLAS DE NATAÇÃO DA PISCINA DA PRAIA DAS MAÇÃS

Depois de amanhã, ás 16 horas, decorre o festival de apresentação das escolas de natação da piscina da Praia das Maçãs. Apresentar-se-ão cerca de 200 alunos — todos jovens, contando o mais novo 4 anos —, os quais receberam as primeiras lições de natação ou aperfeiçoaram os seus estilos, sob a orientação do prof. José Manuel Pintassilgo, coadjuvado por sua esposa, D. Maria Isabel Pintassilgo.

Do programa fazem parte provas de todos os estilos, para as várias categorias, consoante as idades e sexos.

A distribuição dos prémios faz-se no domingo á tarde.

NOTÍCIAS DE BASQUETEBOL

Reis Pires, na Académica «Tó-zé» e Esteves no Sport. Marinhense e Jorge Silva no V. Setúbal

O internacional Reis Pires, segundo fonte autorizada, passará a representar os estudantes, na próxima época, com interesse para ambas as partes. Ao que se diz, o referido elemento passará a ministrar iniciação desportiva na capital do Mondego.

Também «Tó-Zé» e Esteves, outros elementos benfiquistas, tomarão novo rumo, embora o 1.º estivese indigitado para a Académica. Tal, porém, ficou sem efeito, por não ter conseguido regularizar a sua situação profissional com vista á transferência para Coimbra. Assim, ambos ingressaram no Sporting Marinhense.

Por sua vez o categorizado «pivot» encarnado Jorge Silva, juntamente com os seus colegas de equipa, deixará os «encarnados» rumo á capital sadina.

Joaquim Carlos no Barreirense

O categorizado internacional Joaquim Carlos passará na próxima época a representar o Barreirense como jogador-treinador.

FUTEBOL FEMININO EM VIALONGA

No campo do Vialonga, efectuase na noite do próximo sábado um festival desportivo com receita destinada á obra assistencial dos Bombeiros Voluntários do Zambujal.

O programa, cuidadosamente elaborado pelos entusiastas locais, inicia-se ás 20 e 0 horas com uma partida de futebol feminino entre as já «consagradas» equipas do «Arte e Desporto» e «Estudantes Universitárias do Ultramar», que disputam um troféu denominado «Reis Borgts» em homenagem ao grande incrementador deste espectáculo desportivo.

Depois, terá lugar um encontro entre turmas representativas do Zambujal e Vialonga.

JOGOS JUVENIS DO BARREIRO

Resultados dos jogos ontem efectuados:

Rapazes (Escalão B), futebol de nove, meias-finais: C. U. F., 1-Seixal, 0; Ginásio, 2-Amoreirense, 0.

Rapazes (Escalão C), basquetebol: Ginásio, 27-Leais B, 9; Serpa Pinto, 58-Galitos, 8.

FUTEBOL
CAMPEONATO DE INGLATERRA

LONDRES, 29 — (A. N. I.) — Resultados dos encontros disputados esta noite para o campeonato da Liga Inglesa de Futebol:

Primeira Divisão — Chelsea-Sheffield Wednesday, 1-0; Leedds-Sunderland, 1-1; Manchester United-Tottenham, 3-1; Newcastle-Nottingham Forest, 1-1; Southampton-Stoke, 2-0; Wolverhampton-Leicester, 1-0.

Segunda Divisão — Blackburn-Blackpool, 1-1; Cardiff City-Birmingham, 4-0; Crystal Palace-Norwich, 2-0; Derby-Hull, 2-2.

Quarta Divisão — Chesterfield-Peterborough, 2-0; Lincoln-Yokend, 2-1; Notts County-Halifax, 1-2.

Para a «Taça da Liga»: Chester-Tranmere, 1-2.

TÉNIS NO ESTORIL

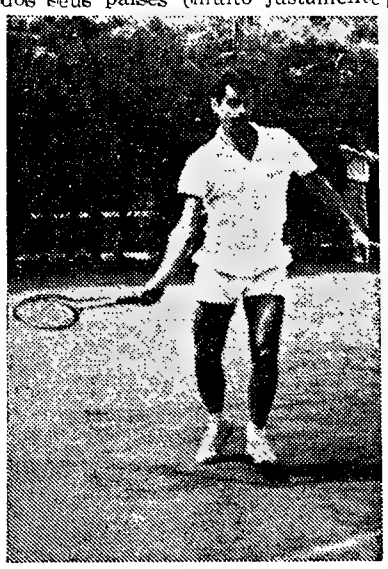
Gisbert, Couder, Jauffret ou Wilson: dúvidas até ao fim dos campeonatos

Mais uma vez as instalações do Clube de Ténis do Estoril registaram a presença de numeroso público que seguiu interessado os diversos encontros em que tomaram parte os campeões estrangeiros de ténis que estão disputando os Campeonatos Internacionais.

Juan Gisbert e Juan Couder actuaram ontem pela primeira vez, demonstrando estarem em excelente forma; na realidade, estes campeonatos deverão ser muito nivelados e de grande incógnita quanto ao vencedor final. Tanto os espanhóis Couder e Gisbert como o francês Jauffret ou Boby Wilson, todos componentes das selecções dos seus países (muito justamente são considerados os melhores jogadores europeus), irão decerto proporcionar encontros sem tréguas e de difícil vaticínio quanto ao vencedor final.

Os encontros de ontem tiveram os seguintes resultados:

Guilhermo Castañon venceu Vasco Palmeirim por 6/1, 6/1; José Castañon venceu Eduardo Osório por 6/0, 6/3; Naty Santacana venceu Leonor Santos por 6/2, 8/6; Juan Gisbert venceu David Cohen por 6/0, 6/3; Boby Wilson venceu G. Henley por 6/0, 6/1; Charo Couder venceu Paula Lefevre por 6/1, 6/0; João Lagos venceu Carlos Pinho por f. c.; François Jauffret venceu João Roquette por 6/3, 6/4; Magrit Schultz venceu Maria do Carmo Arnoso por 6/1, 6/1; Bernhoft venceu Carlos Figueira por f. c.; Juan Couder venceu Manuel Dinis por 6/0, 6/1; Susan Petersen venceu Peggy Brixhe por 6/2, 6/2; Noerkaer/Bernhoft venceram G. Henley/Pedro Vasconcelos por 6/1, 6/4; Olívio Silva/José Vilela venceram Vasco Palmeirim/J. A. F. Benito Garcia por 6/2, 6/4.



Juan Conder: uma vedeta joga ténis no Estoril

Encontros para hoje

Petersen contra Naty Santacana, Gisbert contra João Lagos, Boby Wilson contra Guilhermo Castañon, Charo Couder contra Magrit Schultz, Juan Couder contra Bernhoft, François Jauffret contra José Castañon, Gisbert/Couder contra David Cohen/Manuel Dinis, Jauffret/Boby Wilson contra Carlos Garnel/Eduardo Osório, João Lagos/João Roquette contra Noerkaer/Bernhoft e José Castañon/Guilhermo Castañon contra Olívio Silva/José Vilela.

Uma representação da Federação Portuguesa de Lawn Ténis, constituída pelos drs. José Herédia, José António Benito Garcia e Appleton Figueira, foi recebida no Palácio de Belém por Sua Ex.ª o Sr. Presidente da Republica a quem convidaram para assistir aos campeonatos internacionais.

O Sr. Presidente da Republica aceitou o convite e estará presente na finalíssima de domingo.

SORTEIOS DO FUTEBOL EUROPEU

GENEBRA, 29 — (F. P.) — O sorteio dos oitavos-de-final das duas competições europeias («Taça dos Clubes Campeões» e «Taça dos Vencedores de Taças») foi marcado para 3 de Outubro, em Genebra.

Quanto ao sorteio das eliminatórias do torneio de juniores de 1969, organizado pela U. E. F. A., efectuar-se-á em 19 de Setembro, em Berna.

MOÇAMBICANOS NO «RALLYE» DE MONTE CARLO

BEIRA, MOÇAMBIQUE, 29 — (A. N. I.) — Uma equipa constituída pelos dois automobilistas beirenses dr. Jorge Vila e Freitas Costa, deve participar no próximo «Rallye de Monte Carlo» — anuncia o matutino «Notícias da Beira».

Os dois volantes, que participaram no segundo «Rallye Internacional da TAP», em 1967, devem apresentar-se em Monte Carlo com um «Isusu 1600 GT» ou com um «Volvo», especialmente preparado para aquele tipo de competição.

BOLETIM DO DIA

DADOS E INFORMAÇÕES DE CONSULTA QUOTIDIANA

PROGRAMA DA TV

Às 19 e 30: Telejornal e Agenda da Praça; 19 e 50: Desporto em Câmara Lenta;; 20 e 05: A Grande Aventura; 20 e 35: Vamos Jogar no Totobola; 20 e 45: História da Musica; 21 e 15: «Carrossel Mágico»; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 55: «Melodias de Sempre», com António Silva, Elvira Velez, Fernanda Borsatti, Hortense Luz, Leónia Mendes, Luís Cerqueira, Luís Horta, Oscar Acursio, Raul Solnado, Rui de Carvalho Alice Amaro, Artur Garcia, Eugénia Maria, Gabriel Cardoso, Gina Maria e Helena Tavares Coro e Orquestra dirigidos por Alves Coelho, Filho; 23 e 05: Horizonte; 23 e 55: Telejornal, Meditação e Fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — Às 19 e 30: Abertura, Telejornal e Agenda da Praça; 19 e 50: Enciclopédia; 20 e 20: Actualidade desportiva: resumo dos jogos Atlético-Sporting e Belenenses Benfica para a Taça de Honra da A. F. L.; 20 e 50: Cartaz TV; 21 e 05: Barreira de sombra; 21 e 20: «Carrossel Mágico»: 2 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico, 21 e 55: No mundo da arte: «Alexander Calder fez 70 anos»; 22 e 15: «Missão impossível»; 23 e 10: Recital de musica portuguesa com obras de Candido Lima; 23 e 40: Telejornal; Meditação e Fecho

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

Programa da Rádio

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Canções do Nosso Tempo; 17 e 25: A Orq de...; 17 e 35: Do Choupal até à Lapa; 18 e 05: Sucessos Franceses, 18 e 20: Programa da Mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Musica e Sonho; 19: Cartaz dos Espectáculos; 19 e 10: Rádio Universidade; 19 e 50: Orq. Nelson Riddle; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Solistas Ligeiros; 20 e 40: 12.º episódio do folhetim «A Fidalga do Bolsemão»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: «O Conjunto «Les Haricots Rouges»; 21 e 40: Tom Maior; 22 e 30: Futebol: — Taça de Honra da A. F. L. — Transmissão do estádio do Restelo de comentários do desafio Atlético-Sporting, e relato do jogo Belenenses-Benfica; 0 e 30: Musica ligeira; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 30: 3.º e 4.º actos da ópera «Cármen» (Bizet); 17 e 28: Concerto em fá para piano e orq (Menotti) — piano: Yuri Boukoff e Orq. da Sociedade de Conservatório de Paris, sob a dir de André Cluytens; 18: Musica do século XX — Obras de Olivier Messiaen; 19: Horizonte; Semanário de Letras e Artes; 19 e 30: Folclore Português, Musica da Beira Alta e da Beira Baixa; 19 e 45: Musica de piano — Imagens (Debussy) — por Gyorgy Sebek; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Musica instrumental; Concerto a sete n.º 10 em ré maior op 3 (Festing); Orq. de Cordas do Festival de Lucerna, dir. por Rudolf Baumgartner, c/ solistas Hans Martin Linde e Gunther Holler — flauta; 21: Musica Barroca Suíça; 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital pela pianista Maria Antónia Fonseca, preenchido com obras de Chopin e Schumann; 22 e 20: Poemas Sinfónicos; «Sadko» (Rimsky-Korsakoff) — Orq. do Estado de Moscovo, dir. por Konstantin Ivanov; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho

3.º Programa (Cultural em MF 2) — 94,3 mc/s — Às 23: Musica de piano, de Mozart e Ravel; 23 e 30: Parte de um concerto pela Orq. Sinf. da Rádio do Hessen sob a dir. de Antal Dorati; 0 e 25: Sonata n.º 1 em mi menor op. 38 para violoncelo e piano; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 19: Lisboa à tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 15: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jorna. dos espectáculos; 20 e 45: Tempo de ritmo; 2 e 03: Diapasão; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca. 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P.B.X.»; 2: Contacto, 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Clube das donas de casa; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20 e 52: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa à Gô-Gô; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM-67; 4: Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo, 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelanea; 19 e 17: Ela; 19 e 30: Robbialac; 19 e 45: Crónica feminina; 20 e 05: Rádio Placard; 20 e 20: Norte dia a dia; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Leitura; 22 e 02: Banda de som; 22 e 30: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Cartaz musical da Europa; 18 e 20: Boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Grande Plano; 19 e 25: Leitura do programa; boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página 1; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Pausa; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Uma orquestra; 18 e 15: Noticiário regional e boletins de filmes e religioso; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Grande Plano; 19 e 25: Resumo do programa, publicações recebidas e boletim de filmes; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: A musica é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e 12 ás 14 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e 22 ás 2; **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30

Farmácias de serviço

● Em Lisboa — Turno M

(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parêntesis)

ALCANTARA — Probidade, R. de Alcântara, 15-A-B (638589).
AJUDA — Lídia Almeida, Calçada da Ajuda, 170 (637318).
ALTO DO PINA — Eusil, Rua Barão de Sabrosa, 104 (841912).
ALVALADE — Rainha Santa, R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (765262) ❋ **Alentejo, Av. da Igreja,** 28-B (712682).
ANJOS — Guerra, R. Andrade, 32-36 (845513).
AREEIRO — Belo, Av. de Roma, 53-A (776314) ❋ **Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América,** 6-B (725859) ❋ **Central do Areeiro, Av. Paris,** 2-2-A (720820).
AVENIDAS NOVAS — Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 283-A (763016) ❋ **Cardote, Lda., Av. Visconde Valmor,** 28-A-B-C (772291) ❋ **Saldanha, Av. Praia da Vitória,** 53-55 (43938).
BAIRRO AZUL — Sirius, R. Fialho de Almeida, 38-A (44000).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascensão, Rua 27, 41 (311216).
BAIXA — Frazão, R. das Portas de St. Antão, 72 (328180) ❋ **Durão, R. Garrett,** 90-92 (324166).
BENFICA — Marques, Est. de Benfica 648 (700096) ❋ **Vitex, Est. de Benfica** 373-B (780548) ❋ **S. João, Estrada da Luz,** 124-A (783179).
CAMPO DE OURIQUE — Condestável, R. Coelho da Rocha, 119 (666206) ❋ **Almeida, R. Silva Carvalho,** 136 (681726)
CAMPOLIDE — Imparcial, R. General Taborda, 28 (680931) ❋ **Rualto, Ld.ª R. do Alto de Carvalhão,** 5-A-5-B (651721).
CHARNECA — São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 — **Galinheiras** (790969).
CHILE — Lab.º do Brasil, R. Alves Torgo, 29-31 (46843).
CONDE BARÃO — Lys, R. da Esperança 17-19 (660913)
CONDE DE REDONDO — Branco, Av. Duque de Loulé, 61-65 (45048).
ESTRELA E LAPA — Gama, Calç. da Estrela, 130 (660339)
GRAÇA — Anunciada, R. do Vigário, 74 (866360) ❋ **Progressiva, R. de St.ª Marinha,** 18 (863619)
LUMIAR — Patuleia, Herdeiros, R. do Lumiar, 122-124 (790332)
OLIVAIS — Simão, Av. de Berlim, Rua D., 16-A (31058'1).
PALHAVÃ — Curie, Av. Madame Curie 5-A (778439)
PAMPULHA — Infante Santo, R. do Olival, 290 (661003)
PATRIARCAL — Cunha, Rua da Escola Politécnica, 16 (325455).
PEDROUÇOS — Restelo, Rua Duarte Pacheco Pereira, 1-C (610741).
PENHA DE FRANÇA — Dimar, Rua Conde de Monsaraz, 17-B (842533).
PICHELEIRA — Marluz, Calç. da Picheleira, 140-B-C (720703-728395).
REGO — Prates & Mota, R. do Beneficência, 91 (773728).
SANTO AMARO — St.º Amaro, Rua Filinto Elísio, 29-A-B (637070).
SÃO PAULO — Ultramarina, Rua de S. Paulo, 101 (321771).
DE ST.ª APOLÓNIA AO BEATO — Grilo, R. do Grilo, 25 ❋ **Alves de Carvalho, Rua do Vale de St. António,** 7-9 (840125)
MOSCAVIDE — Império — R. de Olivença, 48-A (Tel. 2511234).

● Linha de Cascais

ALGÉS — Nifo — R. Paulo Duque, 1 (Tel. 212036).
CAXIAS — Nova — R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — R. Costa Pinto, 186 (Tel. 2432034).
OEIRAS — Godinho — R. Cândido dos Reis, 98 — (Tel. 2430090).
PAREDE — Brandão — Av. da República, 77-C (Tel. 2471054).
ESTORIL — E. Costa — Av. Sabóia, 29-B (Tel. 260085).
CASCAIS — Cordeiro — Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 280170 - 281419) ❋ **Nova** — Est. de Alvide — Fontaínhas (Tel. 281044).

● Linha de Sintra

AMADORA — Dias — Av.ª Marquês de Pombal, lote 9 (Tel. 934589); **Campos** — R. Elias Garcia, 185 (Tel. 930072); **Clabel** — R. António Sardinha, 23-D (Tel. 938551); **S. Jorge** — Rua Pedro del Negro, loja 5 — Reboleira (Tel. 938703).
DAMAIA — Confiança — Est. Militar, lote D. (Tel. 971023).
QUELUZ — Correia — L. do Mercado, 3 (Tel. 950905); **Zeller — R.** da República, 83 (Tel. 950043).
CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034).
MEM MARTINS — Químia — Est. Mem Martins, 285 (Tel. 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim — — (Tel. 980456)
SINTRA — Marrazes (Vila) — L. Rainha D. Amélia, 20 — (Tel. 980155).
COLARES — Colares — Abrelo — (Tel. 299086).

● Outra banda

ALCOCHETE — Gameiro — L. António dos Santos Jorge, 15 — (Tel. 234100)
ALHOS VEDROS — Gusmão — R. Cândido dos Reis, 30 — (Tel. 224020).
ALMADA — Nuno Álvares — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (Tel. 270504).
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est. Nacional, 174 — (Tel. 224302)
BARREIRO — Pimenta — R. Cons. Joaquim António de Aguiar, 259 (Tel. 2273012)
COVA DA PIEDADE — Rainha Santa — Est. das Barrocas, 50-A—(Tel. 275182).
MOITA — Silva Rocha — P. da República, 6 — (Tel. 239029).
MONTIJO — Diogo — R. Almirante Reis, 42 — (Tel. 230032).
SESIMBRA — Lopes — R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028).
SETUBAL — Costa — L. da Misericórdia (Tel. 22760); **Brasil — P.** do Brasil (Tel. 24788).
SEIXAL — Godinho — L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580)

CENTRO ENFERMAGEM DE URGÊNCIA SANTA MARTA
INJECÇÕES, TRATAMENTOS E VELAS, OXIGÉNIO, SOROS E CAMAS ARTICULADAS
Rua Conde Redondo, 56, 2.º
Telef. 43738

BOLSA DE LISBOA

FUNDOS DO ESTADO

Consolidado 2 3/4%	—	—	530$00
Consolidado 3%	545$00	—	545$00
Consolidado 3 1/2%	—	—	650$00
Centenários 4%	—	—	1.480$00
Obrigações Tesouro 5%	1.003$00	1.002$00	1.004$00
Externo 1.ª Série	—	740$00	840$00
Externo 1.ª Série c.	850$00	850$00	855$00
Externo 3.ª Série	—	830$00	—
Externo 3.ª Série c.	—	830$00	890$00
Cautelas 3.ª Série	—	200$00	210$00

OBRIGAÇÕES

Águas Lisboa 5%	—	—	495$00
A. P. L. 5% 56	—	930$00	940$00
A. P. L. 5% 58	—	930$00	—
C. P. 4 1/2% 65	—	910$00	—
C. P. 5 1/2% 67	—	1.025$00	—
C. U. F. 6%	—	1.010$00	—
C. U. F. 6% 68	—	—	1.005$00
Gás Elect 4% 48	—	850$00	870$00
Gás Elect. 4 1/2% 51	—	880$00	—
Gás Elect. 5% 52	900$00	—	910$00
Gás Elect 5% 58	—	840$00	—
Gás Elect. 5% 59	—	840$00	860$00
Gás Elect. 5% 62	920$00	915$00	930$00
Gás Elect 5% 63	—	925$00	930$00
Gás Elect 5% 65	—	915$00	—
Gás Elect 6% 67	—	1.017$00	—
H. E. A. Alentejo 5%	—	—	—
H. E. Cávado 5%	830$00	830$00	840$00
H. E. Cávado 6%	—	997$00	1.000$00
H. E. Douro 5%	827$00	825$00	830$00
H. E. Douro 6%	—	999$00	1.000$00
H. E. Norte Portugal 5%	—	—	—
H. E. S. Estrela 6%	—	995$00	1.002$00
H. E. Zêzere 5% 55	—	840$00	—
H. E. Zêzere 5% 57	—	835$00	—
Lisnave 6%	1.003$00	1.001$00	1.003$00
Metropolitano 4%	—	905$00	910$00
Metropolitano 5 3/4%	1.010$00	1.010$00	1.020$00
Moçambique 5%	—	725$00	760$00
Nac. Eléctrica 5%	855$00	850$00	855$00
Nitratos 5%	—	—	850$00
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímica 5%	870$00	850$00	870$00
Port. Celul. 5%	—	950$00	—
Sacor 5% 54	925$00	920$00	930$00
Sacor 5% 60	860$00	850$00	870$00
Siderurgia 5% 2.ª	—	825$00	830$00
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	830$00
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonefe 5%	—	810$00	—
T. A. P. 4%	—	—	925$00
Termoelect. Port. 5%	—	—	835$00
U. E. P. 3 3/4%	—	—	—
U. E. P. 4%	—	82$00	—
U. E. P. 4 1/2%	—	—	—
U. E. P. 5%	—	82$00	83$00
U. E. P. 5% 60	—	860$00	—
U. E. P. 5% 63	—	—	—

ACÇÕES

Bancos

Agricultura	935$00	935$00	940$00
Alentejo	608$00	606$00	610$00
Angola	1.470$00	1.460$00	1.500$00
Burnay	—	—	2.850$00
Créd. Predial	—	1.860$00	1.880$00
E. Santo	—	13.300$00	13.400$00
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. p.	—	13.500$00	14.000$00
L. G. Açores p.	4.000$00	3.980$00	4.000$00
L. G. Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	—	5.100$00	5.400$00
Portugal n.	—	2.280$00	2.300$00
Portugal p.	2.500$00	2.470$00	2.500$00
Totta Aliança	4.350$00	4.350$00	4.400$00
Ultramarino n.	1.270$00	1.270$00	1.275$00
Ultramarino p.	1.480$00	1.475$00	1.490$00

Seguros

Alentejo	—	76$00	80$00
Douro	—	780$00	900$00
Mundial	—	—	380$00
Sagres	—	—	1.190$00
Tranquilidade	—	40.000$00	45.000$00
Ultramarino	—	8.500$00	—

C.ias Ultramarinas

Açúcar de Angola	—	655$00	670$00
Ag. Cassequel	—	515$00	530$00
Ag. Incomati	—	990$00	—
Ag. Neves	—	05$00	20$00
Ag. S. Tomé e Príncipe	110$00	105$00	—
Boror	105$00	07$00	105$00
Buz.	—	62$00	63$00
Cabinda	—	9 $00	95$00
Diamantes Angola	1.150$00	1.148$00	1.150$00
H. E. Revué	—	600$00	620$00
Ilha do Príncipe	—	435$00	—
Moçambique	—	47$00	48$00
Sonefe n.	—	—	—
Sonefe p.	—	270$00	275$00
Zambézia	—	43$50	—

Diversas

Cidla	—	7.100$00	7.300$00
Cim. Leiria	1.655$00	1.650$00	1.700$00
Cim. Tejo	—	2.250$00	2.450$00
Col. Navegação	620$00	620$00	625$00
C. U. F.	—	995$00	—
Ind. Aliança	—	—	700$00
Nac. Navegação	—	—	—
Petroquímica	—	2.500$00	—
Port. e Colónias	1.335$00	1.330$00	1.340$00
Port. Celulose	3.200$00	3.900$00	—
Port. Pesca	—	—	—
Port. Tabacos	450$00	449$00	452$00
Sacor	—	—	4.700$00
Siderurgia Nac.	1.080$00	.075$00	1.100$00
Socel	2.170$00	2.165$00	2.180$00
Tabacos de Portugal	—	785$00	—
Tabaqueira	6.950$00	6.900$00	7.000$00
U. F. Azoto	740$00	737$00	745$00

Águas, Electricidade e Gás

Águas Lisboa p.	—	—	390$00
Águas Lisboa 34	—	380$00	385$00
Águas Lisboa 36	—	385$00	—
Eléctr. Beiras	—	1.520$00	—
Gás Electr.	379$00	378$00	380$00
H. E. Alto Alentejo	161$00	160$50	161$00
H. E. Cávado	—	1.220$00	1.235$00
H. E. Douro	1.199$00	1.198$00	1.199$00
H. E. Norte Portugal	—	—	—
H. E. S. Estrela	—	—	1.750$00
H. E. Zêzere	1.300$00	1.295$00	1.305$00
Nac. Electricidade	—	1.315$00	1.320$00
Termoeléctrica Portuguesa	1.335$00	1.330$00	1.340$00
União Eléctrica Portuguesa	186$00	185$50	186$50

F. DE INVESTIMENTO

F. I. Atlântico	—	146$60	151$00
F. I. D. E. S.	—	102$50	105$70

ÍNDICE BORGES & IRMÃO
COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	22/8/68	28/8/68	29/8/68
GERAL	102,1	102,2	**102,6**
METROPOLITANAS	101,4	101,5	**101,9**
ULTRAMARINAS	107,3	107,0	**107,8**

PAÍSES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand	36$00	36$50
América:		
Dollar de 1 e 2	28$25	28$65
Dollar de 5 a 1000	28$45	28$85
Canadá — Dollar	26$30	26$80
Alemanha — Marco	7$05	7$25
Áustria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$50	8$50
Espanha — Peseta	$40,3	$41,8
Holanda — Florim	7$80	8$05
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Lira	$04,52	$04,7
Marrocos — Dirham	4$65	5$15
Bélgica — Franco	$55	$57
França — Franco	5$00	5$40
Suíça — Franco	6$58	6$78
Dinamarca — Coroa	3$70	4$05
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra	320$00	335$00
Inglaterra — 1/2 libra	220$00	240$00
Ouro Fino — Barra	36$00	38$50

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras papeis de crédito Tel. 321273

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIAS DE HOJE
CARACAS 5 PARA AS 12 — no AVIS
DOUTOR FAUSTO — no ESTÚDIO

AVIS — Tel. 47163
HOJE, ás 21.45
ESTREIA
(Adultos)
Uma corrida para a morte para salvar uma vida!
CARACAS 5 PARA AS 12
com George Ardisson e Pascale Audret
ULTRASCOPE — COLORIDO
— Às 15.30 —
Última exibição — **MATAR PARA NÃO MORRER** (Scope-color.)
(M. 12 anos)

ALVALADE — Tel. 76 30 80
Às 15.45 e 21.45
(Adultos)
Uma nova dimensão em filmes de suspense!
O JARDIM DA TORTURA
com Jack Palance, Berveley Adams e Peter Cushing

MUNDIAL — Tel. 53 87 43
As 15.15, 18.15 e 21.30 (Adultos)
SENSACIONAL REAPARIÇÃO
CINCO ANOS DEPOIS
com Marlon Brando (Scopecolor)

ROMA — Tel. 727778
As 15.30 e 21.45
(M. 12 anos)
2.ª SEMANA
Uma divertidíssima comédia
VÃO CHAMAR PAI A OUTRO!...
com Bourvil-Jean-Lefebvre-Rosy Yarte

CONDES — Tel. 32 25 23 e 32 67 10
As 15.15, 18.15 e 21.30 (Adultos)
SENSACIONAL APRESENTAÇÃO
O FUNDO DA GARRAFA
com Van Johnson, Joseph Cotten e Ruth Roman
CINEMASCOPE —— COLOR

IMPÉRIO — Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
Technicolor
(Adultos)
Rod Steiger, Lee Remick e George Segal num filme assinado por JACK SMIGHT
NÃO SE TRATA ASSIM UMA SENHORA

estúdio — Tel. 55 51 24
REABERTURA
Hoje, ás 21.45
(Adultos)
Colorido
DR. FAUSTO
com Richard Burton, Elizabeth Taylor e os actores da Sociedade Dramática da Universidade de Oxford
VEJA ANUNCIO ESPECIAL

MONUMENTAL — Telef. 555131
Às 15.15 e 21.30
(Adultos)
Reposição de verdadeiro cinema
O GRANDE CARNAVAL

TIVOLI — Telef. 50595
As 3 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
(M. 12 anos)
57.ª E ÚLTIMA SEMANA
Continuação do exclusivo deste cinema
MÚSICA NO CORAÇÃO
com Julie Andrews e Cristophes Plumer

estúdio 444 — Tel. 77 90 95
As 15.30, 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
(Adultos)
O inesquecível filme de Vittorio de Sica
DUAS MULHERES
com Sophia Loren, Renato Salvatori e Eleonora Brown

LIZ — Tel. 4 85 60
As 14.45 e 21 h.
(Adultos)
O REGRESSO DOS 7 MAGNÍFICOS
UM TIRO AS ESCURAS

EDEN — Tel. 32 07 68
As 15.15, 18.30 e 21.45
(M. 12 anos)
Duas horas de gargalhadas
MARIO MORENO
CANTINFLAS EM O PORTEIRO
com Silvia Pinal — Fernando Casanova — Oscar Pulido

SÃO JORGE — Tel. 54153 - 54154
As 15.15, 18.15 e 21.30
(M. 17 anos)
NO CICLO:
HUMOR EM FESTIVAL e em 2.ª semana de lotações esgotadas
QUANTO MAIS QUENTE MELHOR
com Marilyn Monroe, Toni Curtis e Jack Lemmon

ODEON — Tel. 32 62 83
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e ás 21.30
3.ª SEMANA
E ÚLTIMA!
com o saudoso mestre ALVES DA CUNHA numa arrebatadora criação em
DUAS CAUSAS
com Mariana Vilar e Artur Semedo
A odisseia de uma orfã que não quer denunciar o homem que a seduziu
(M 12 anos)

RESTELO — Tel. 61 03 75
As 21.30
(M 17 anos)
À QUEIMA-ROUPA
(POINT BLANK)
com Lee Marvin, Angie Dickinson e Keenan Wenos

CINE-TEATRO LIDO — Tel. 93 75 93 AMADORA
HOJE, ás 21.30 h.
(M. 17 anos)
Um filme de «COW-BOYS» totalmente fora do vulgar!
LADRÃO QUE ROUBA A LADRÃO
com James Coburn numa figura impagável.

CASINO ESTORIL — TELEFONE: 26 07 29
As 17 e 21.30
(M. 17 anos)
ADULTÉRIO À ITALIANA
com Catherine Spaak, Nino Manfredi, Maria Aazia Buceta e Akim Tamiroff

EUROPA — Tel. 66 10 16
Às 15.15 e 21.30
(M. 17 anos)
NA TERRA COMO NO CÉU
com Peter Sellers

CINEMA IDEAL
Tel. 32 41 94
Às 21 horas
(M. 17 anos)
F. B. I. CONTRA CASA NOSTRA A ULTIMA BATALHA

IMPERIAL — Tel. 45933
As 15 e às 21 h.
(12 anos)
NINGUÉM ME PODE ACUSAR SAUL E DAVID

TERRASSE — Tel. 32 09 17
As 15 e ás 21 h.
(M. 17 anos)
JAMES TONT OPERAÇÃO DOIS LUTA INGLÓRIA

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

VARIEDADES — Às 21 e 30: «A flor do cacto» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23: «Oh que delícia de coisa» (17 anos)
MONUMENTAL — Às 20 e 45 e ás 23: «Lisboa é sempre mulher» (17 anos).

CINEMAS

ARCO IRIS — Às 21: «O libertador da cidade» (12 anos).
CINEARTE — Às 21: «Mentira imperdoável» (17 anos).
PARIS — Às 21: «O direito de Nascer» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «Boing-Boing» (17 anos)
IMPERIAL — Às 21: «Ninguém me pode acusar» (12 anos).
ROYAL — Às 21: «Enigma alucinante» (12 anos).
OLIMPIA — Às 21: «A maldição dos deuses» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: «Balas assassinas» (12 anos).
TERRAÇO DE LISBOA — Às 21: «Fahrenheit 451» (12 anos)
CINEMA CASTANHEIRA — Às 21 e 30: «Por um punhado de dólares» (12 anos)
CINE-MOSCAVIDE — Às 21: «As Feiticeiras» (17 anos).
CINE-ENCARNAÇÃO — Às 21: «10 convites para a morte» (17 anos).
BOMBEIROS VOL. LOURES — Às 21 e 30: «7 contra todos» (12 anos).
SPORT LISBOA BENFICA — Às 21 e 30: «O lenço fatal» (17 anos).

● Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21 e 15: «O rei dos doidos» (17 anos).
CARCAVELOS — VICTÓRIA CINE — Às 21 e 30» «A Princesa» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Ambição do ouro» e «Cabeleireiro de senhoras» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 21 e 30: «Adultério á italiana» (17 anos) e CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «Um homem e uma mulher» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Encrenca dupla» (12 anos).

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Um homem para a eternidade» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Todos são meus inimigos» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Com a minha mulher não» e «Ou vai ou racha» (17 anos)
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «A mulher desconhecida» (17 anos).
ERICEIRA — CASINO — Às 21: «Madame X» (17 anos).

● Outra banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «A maior história de todos os tempos» (12 anos) e ACADEMIA — Às 21 e 30: «A 25.ª hora» (17 anos).
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21: «Will Penny» e «Boeing-Boeing» (17 anos)
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «O mistério da orquídea vermelha» e «O rapaz do circo» (12 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 30: «Missão inquietante» (17 anos).

V Feira do Artesanato
CASCAIS
HOJE E TODAS AS NOITES das 16 horas à 1 da madrugada
ARTIGOS DE GENUINA ARTE POPULAR
GRANDE RESTAURANTE DA FEIRA (JOÃO PADEIRO)
(Excelente cozinha. Reservam-se mesas pelo telefone 28 28 24)
Outros Restaurantes — Bar — Esplanada — Farturas

VII Eleição do «Rei» da Rádio Portuguesa

Organizada pela PAC em colaboração com o «Diário de Lisboa»

Voto em .....
Nome do votante .....
.....
Morada .....
.....

GRANDE ENTUSIASMO DOS LEITORES DO NORTE
PELA VOTAÇÃO PARA «REI DA RÁDIO»

A grande afluência de votos para eleição do «Rei da Rádio Portuguesa», que já chegaram á secretaria do concurso («Diário de Lisboa»: Rua Luz Soriano, 44, em Lisboa) é uma prova do interesse suscitado pelo popular certame junto das camadas de admiradores dos mais rotulados nomes dos microfones portugueses. Sobretudo, uma nota muito destacada: o entusiasmo patenteado pelos leitores do Norte, que se preparam para distinguir um artista nortenho com o título de «Príncipe da Rádio Portuense».

Na lista dos nomes votados surgem, já, figuras que ainda não lograram o grande gabarito a par de começarem a surgir — como inevitávelmente se aguardava — cupões que ratificam a popularidade das grandes vedetas dos tablados. Desta simbiose, como resultará a primeira contagem oficial? Uma incógnita que passará ao domínio geral dentro de poucos dias.

Para completa orientação dos leitores do «Diário de Lisboa», que estão interessados nesta realização da PAC (Publicidade Artística e Comercial), voltamos a publicar os termos do regulamento:

● O concurso para eleição do «Rei da Rádio Portuguesa» prevê, unicamente, o apuramento de dez candidatos ao título em disputa, lógicamente os dez nomes de cançonetistas portugueses mais votados pelos leitores do «Diário de Lisboa».

● Não existe qualquer limitação de votos, devendo os respectivos boletins (cupões do «Diário de Lisboa») ser enviados á secretaria do concurso: Rua Luz Soriano, Lisboa. Esclarece-se que deverão ser preenchidos com letra bem legível, não sendo considerados os que se apresentarem com rasuras.

● Os votos serão contados semanalmente, na presença dos membros da organização e dos artistas votados que desejarem assistir ao acto.

● No final da votação, os candidatos apurados apresentar-se-ão á votação pública, em plena igualdade, no festival a realizar na noite de 7 de Dezembro próximo, no Pavilhão dos Desportos de Lisboa.

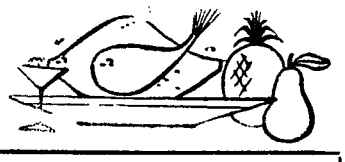
● Para tanto, a votação encerrará no dia 5 de Novembro Até dois dias depois (ou seja: a 30 dias da eleição) os candidatos apurados deverão confirmar se aceitam ou não a sua candidatura. No caso de desistência ou falta de confirmação de qualquer candidato, proceder-se-á á sua substituição pelo artista que esteja imediatamente colocado na lista de nomes votados pelos leitores do «Diário de Lisboa».

● Durante a primeira parte do festival, os candidatos actuarão para o público, aqui tornado juri absoluto. Será esse público, por votação no verso dos seus bilhetes de ingresso no Pavilhão dos Desportos, quem escolherá o «Rei da Rádio Portuguesa-1968».

● Como homenagem á Cidade Invicta, o artista nortenho mais votado (desde que faça parte dos dez candidatos indicados pelos leitores do «Diário de Lisboa» e resida no Norte ou aí tenha estabelecida a sua actividade profissional) será eleito «Príncipe da Rádio Portuense».

OIÇA!... PASSATEMPO PAC
O SEU PROGRAMA DA MANHÃ
Diàriamente a partir das 8 h. 5 m. nos E. A. L. (O. M. e F. M.)
MÚSICA — ACTUALIDADE — PASSATEMPOS
UMA PRODUÇÃO DA PAC-PUBLICIDADE ARTÍSTICA E COMERCIAL
ESTUDO E EXECUÇÃO DE CAMPANHAS EM TODOS OS VEÍCULOS PUBLICITARIOS

bom apetite



Restaurante CASTANHEIRA — DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
Est. da Torre - Lumiar - tel. 79 01 68
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

Parreirinha do Rato
Restaurante, snack-bar, cervejaria, mariscos
Ambiente acolhedor
Todos os dias pratos diferentes
Especialidades de churrasco de frango, pato, porco e cabrito
Largo do Rato, 11
(entrada pelo arco) — Tel. 685908
Parque para automóveis

XANGAI
Av. Duque de Loulé, 20-B / T. 57378
(frente á Embaixada Americana)
AMANHÃ EXPERIMENTE
CARNE DE PORCO ACRE E DOCE
E FICARÁ CLIENTE

RESTAURANTE
SANCHO
Trav. da Glória, 14 — Telef. 369780
ALIMENTOS DE 1.ª QUALIDADE
NO MELHOR AMBIENTE
SALA PARA 40 E 80 PESSOAS
★ AR CONDICIONADO ★

QUINTA DE S. VICENTE
RESTAURANTE
Telheiras de Cima, 144—Tel. 790211
(2.ª Circular ao Campo Grande)
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
(Maiores de 5 anos)

tamboril
Restaurante - Snack-Bar - Cervejaria
Especialidades diárias
AÇORDA DE LAGOSTA
e COZINHA GOESA
Rua Gomes Freire, 14
(Ao Campo Santana) — Telef. 46247

Tágide
L. da B.b[illegible] Publica, n.º 20
Tel 362123
SERVIÇO DE MESA REDONDA
2.ª-feira—Bolo de bacalhau á Conde da Guarda — Espetada de vitela á moda de Vila Real.
3.ª-feira — Ensopado de enguias c/ pão de Castelo Branco — Dobrada á moda do Porto
4.ª-feira — Lulas recheadas á moda de Peniche — Cabidela de galinha.
5.ª-feira — Caldeirada á fragateiro — Entrecosto cozido c/ nabiças.
6.ª-feira — Bacalhau no forno enrolado na couve—Iscas de fígado na frigideira de barro á portuguesa.
Sábado — Filetes de carapaus em escabeche — Coelho á moda da Porcalhota.
Domingo — Lombos de pescada c/ arroz de ameijoas — Caril de galinha á Nova Goa.
Preço por pessoa 50$00 incluindo sopa, peixe, carne, vinho, sobremesa e café

PÁRA-QUEDISTAS CIVIS
(OS PRIMEIROS DO CONTINENTE)
RECEBERAM INSÍGNIAS

TANCOS, 29 — O secretário do Estado da Aeronáutica, que hoje visitou oficialmente o Regimento de Caçadores Pára-quedistas, presidiu esta manhã, no campo de saltos do Arreplado, a 14 quilómetros desta localidade, á cerimónia da imposição de insígnias aos 16 instruendos do primeiro curso de pára-quedismo civil realizado no Continente.

Antes da cerimónia, os instruendos na maior parte filiados no departamento aeronáutico da Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico, realizaram o décimo e último salto do curso, observados pelas altas entidades especialmente convidadas e por numerosos familiares. Entre as entidades presentes, contavam-se o subsecretário da Juventude e Desportos, o chefe do Estado Maior da Força Aérea, o director-geral da Aeronáutica Civil, os reitores das Universidades Técnica e Clássica de Lisboa, o director do Instituto Superior Técnico e directores dos aeroclubes, além de outras individualidades civis e militares

No regresso a esta localidade, o secretário de Estado da Aeronáutica passou revista á guarda de honra constituída por uma companhia de pára-quedistas, tendo sido depois, saudado pela oficialidade do R. C P. A visita ás instalações do regimento, seguiu-se um almoço e o regresso a Lisboa, a bordo de um D. C.-6 da Força Aérea.

Caça às codornizes a partir de 15 de Setembro na região do Sul

Segundo um edital da Comissão Venatória Regional do Sul, podem caçar-se codornizes, na respectiva região, a partir de 15 de Setembro e até á data da abertura oficial da caça, a 15 de Outubro.

No distrito de Lisboa, a caça é permitida em todos os terrenos de lezíria situados a sul da linha do caminho-de-ferro do Norte e, no distrito de Santarém, em todos os terrenos igualmente situados a sul daquela linha e, ainda, nos campos de Pombalinho e Reguengo de Alviela.

As disposições contidas no referido edital dizem respeito aos seguintes concelhos: Alcobaça, Caldas da Rainha, Alcácer do Sal, Arraiolos, Beja, Ferreira do Alentejo, Grandola, Coruche, Crato, Elvas, Mora, Odemira, Ourique, Ponte de Sor, Santiago do Cacém, Setubal, Sines, Albufeira, Alcoutim, Aljezur, Odeceixe, Castro Marim, Faro, Leiria, Nazaré, Portimão, Serpa, Silves e Tavira.

O F. C. Porto não vai jogar ao Funchal

Devido ás obras de beneficiação por que está a passar o relvado do Estádio dos Barreiros, foi anulado o encontro que a equipa do F. C. Porto deveria disputar na segunda-feira no Funchal contra a turma do Marítimo.

Assim o conjunto «azul-branco» apenas disputará um encontro em Las Palmas (Canárias), na quarta-feira, para onde partirá por via aérea no dia anterior.

Fotografado hoje á sua chegada ao aeroporto da Portela, eis o jovem angolano José Chimanga, que foi distinguido em Portugal com o prémio «Plus Ultra 1968», por ter salvo heróicamente duas vidas ameaçadas por um leão. Chimunga segue amanhã para Madrid, onde começará uma viagem na companhia dos restantes premiados

Mestre Baptista ainda não pode tourear

O cavaleiro José Mestre Baptista que, como noticiámos, sofreu um acidente quando tomava banho na piscina da sua quinta em Alhandra, embora anunciado para a corrida desta noite no Campo Pequeno, em benefício do fundo de assistência do Sindicato dos Toureiros, não poderá comparecer perante os seus admiradores.

A propósito disse-nos:

— *Não posso tourear. A luxação no ombro direito, ocasionada pelo acidente que sofri na última quinta-feira, não me deixa levantar o braço, suficientemente, para poder cravar os ferros. Apressei ao máximo os tratamentos e as massagens no desejo sincero de actuar na referida corrida, como o tenho feito já por diversas vezes, mas não o consegui. Não me faltou vontade para isso; simplesmente não estou ainda em condições de actuar á altura das responsabilidades que tenho para com o público. O respeito que este me merece motivou a minha ausência nas recentes corridas da Nazaré, Coruche e Figueira da Foz. Necessito muito de ganhar dinheiro, mas quero ganhá-lo como retribuição justa do meu trabalho.*

A conhecida figura do nosso toureio equestre, numa louvável atitude, afirmou ainda:

— *No intuito de compensar o sindicato da minha falta, involuntária e forçada, ao espectáculo de logo á noite, permito-me propor-lhe a oferta do honorário de uma das corridas que, Deus mediante, ainda farei nesta temporada.*

VIDA POLÍTICA

● Ministro das Finanças

O general Mário Silva, comandante-geral da Guarda Fiscal, acompanhado dos oficiais que prestam serviço no Comando-Geral e nas unidades da área de Lisboa, apresentou hoje cumprimentos ao novo ministro das Finanças, dr. João Augusto Dias Rosas, e aos subecretários de Estado do mesmo departamento.

Numa cerimónia simples, mas revestida de grande significado, usou da palavra o general Mário Silva que afirmou poder o ministro contar com a lealdade da corporação nas múltiplas tarefas que lhe estão cometidas, quer de ordem fiscal, quer no aspecto de vigilância de fronteiras e segurança interna.

O ministro agradeceu e disse ter pela corporação grande apreço e poder a Guarda Fiscal contar com toda a sua boa vontade na resolução dos diversos problemas inerentes á sua actividade.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

NOVO PARTIDO NOS E. U. A.?

CHICAGO, 29 — (F. P.) — A's 4 horas locais (10 horas em Lisboa), a manifestação a favor da paz no Vietnam continuava diante do Hotel Hilton, protegido por guardas nacionais. Uns quinhentos delegados á convenção juntaram-se aos manifestantes. Estes haviam participado numa reunião de delegados favoráveis aos senadores McCarthy e McGovern, na qual se aventou a possibilidade de constituir um quarto partido político nos Estados Unidos. Uma delegação procurou a seguir McCarthy, para discutir com ele esta eventualidade, que será objecto de nova conferência, num grande hotel local.

Tropas cercam a Universidade na capital do México

CIDADE DO MÉXICO, 29 — (R.) Tropas apoiadas por tanques cercaram esta madrugada a Universidade do México que se encontra ocupada por estudantes após novos incidentes registados ontem á noite.

Armados de metralhadoras e espingardas de baioneta calada os soldados cercaram as várias faculdades pouco depois da meia-noite algumas horas após os incidentes em frente do palácio presidencial em que tomaram parte estudantes.

Estas medidas destinam-se aparentemente a evitar novas manifestações de protesto, que tomaram uma feição nitidamente antigovernamental.

Os soldados por enquanto não fizeram qualquer tentativa para entrar na Universidade e desalojar os estudantes que há três semanas ali se encontram em greve de protesto.

UM MORTO

CIDADE DO MÉXICO, 29 — (F. P.) — Ontem á noite registaram-se novos recontros na Praça do Zocalo entre estudantes e as forças da ordem, dos quais resultaram — segundo informações não confirmadas — um morto e uma dezena de feridos.

MAGNÍFICOS ANDARES
em MIRAFLORES

c/ 4 ou 5 amplas assoalhadas. Bem servidos por transportes. Boa vista de mar. Visite um andar mobilado em exposição. **Temos uma solução para cada cliente.**

Lotes 90 — 130 — 131

Av. Principal de Miraflores (junto à Praça de Touros de Algés)

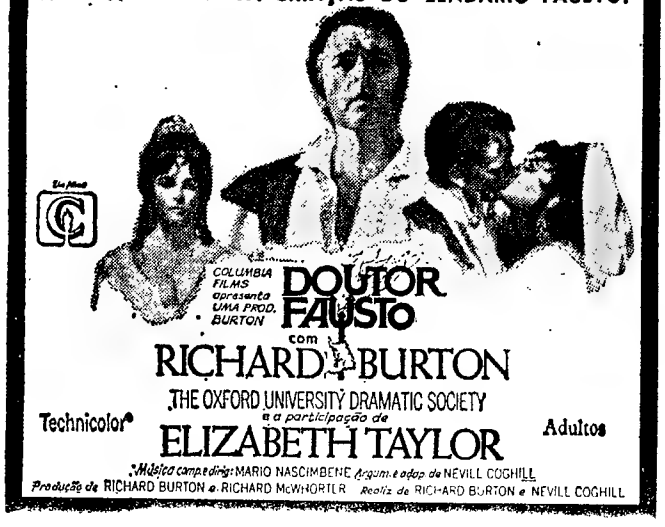
S. P. O. C. — SOC. PORTUGUESA DE OBRAS E CONSTRUÇÕES LDA. — Telefs. 21 22 88 - 21 31 02

DEVIDO À SUA ALTA QUALIDADE TÉCNICA E ARTÍSTICA E A UM TEMA CHEIO DE IMPLICAÇÕES HUMANAS E ESPIRITUAIS O

estúdio

APRESENTA HOJE ÀS 21.30 EM LISBOA

O MAIS EXTRAORDINARIO ACTOR DO CINEMA ACTUAL NA SUA PRODIGIOSA CRIAÇÃO DO LENDÁRIO FAUSTO!



EXCURSÕES À
MADEIRA
FÉRIAS MARAVILHOSAS

9 DIAS — DESDE 3.800$00 incluindo o transporte de avião, pensão completa no hotel e excursões na Ilha.

Bons hoteis de 2.ª e de 1.ª ordem e o SAVOY

Lugares ainda disponíveis para as partidas de:

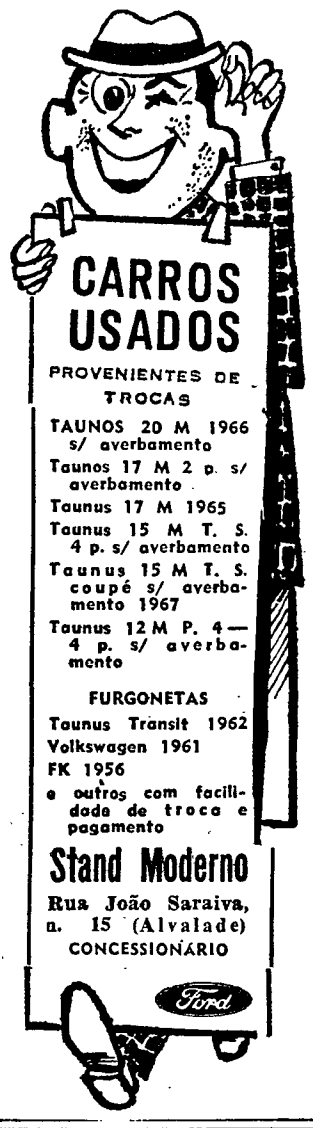
14 DE SETEMBRO
5 DE OUTUBRO

PAGAMENTO EM 12 MESES

Europeia

A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA

231, Av. da Liberdade, 235
Telef. 53 61 21
LISBOA-2



CARROS USADOS

PROVENIENTES DE TROCAS

TAUNOS 20 M 1966 s/ averbamento
Taunos 17 M 2 p. s/ averbamento
Taunus 17 M 1965
Taunus 15 M T. S. 4 p. s/ averbamento
Taunus 15 M T. S. coupé s/ averbamento 1967
Taunus 12 M P. 4 — 4 p. s/ averbamento

FURGONETAS

Taunus Transit 1962
Volkswagen 1961
FK 1956
e outros com facilidade de troca e pagamento

Stand Moderno
Rua João Saraiva, n. 15 (Alvalade)
CONCESSIONÁRIO
Ford

CURSO DE CORRESPONDENTES
PREPARAÇÃO PARA SECRETÁRIAS

Condições especiais para alunas com a secção de letras do 5.º ano ou Curso Geral de Comércio

ESCOLA LUSITANA DE COMÉRCIO
AVENIDA ALMIRANTE REIS, N.º 2-2.º
TELEF 41696

CAMPO PEQUENO

AVISO

O Sindicato Nacional dos Toureiros Portugueses participa ao publico que, devido á instabilidade do tempo e á impossibilidade de José Mestre Baptista poder actuar (devido a acidente), fica adiada para o próximo dia 19 de Setembro a CORRIDA ANUAL DOS TOUREIROS, a favor do seu Fundo de Assistência, marcada para hoje, á noite, no Campo Pequeno.

Os Bilhetes adquiridos têm validade para o dia 19.

No entanto, a importancia das entradas será devolvida nas Bilheteiras dos Restauradores, 7, a quem o pretender.

TRANSPORTADO PARA O FUNCHAL NOS AVIÕES DA TAP

SUPLEMENTO
Diario de Lisbôa
LITERÁRIO

Alexandre Pinheiro Torres
Fernando Namora
Arq. José Reis Machado
Manuel Ferreira
Rocha de Sousa
Victor Silva Tavares

N.º 526/29 DE AGOSTO DE 1968

Uma página de Fernando Namora

(dos «Cadernos de um Escritor»)

Sartre: acordo ou desacordo é começo de acto

DURANTE alguns anos, a polémica sobre o neo-realismo teve a irredutibilidade dos que trazem uma palavra reformadora para derrubar uma palvra desactualizada. Hoje, essa polémica mudou de timbre: os pregoeiros das novas ou renovadas verdades pensam que elas vingaram, tendo convertido mesmo os que lhes resistiam, e que a radical viragem nas letras, empoleirada no seu triunfo, tornou supérflua a discussão.

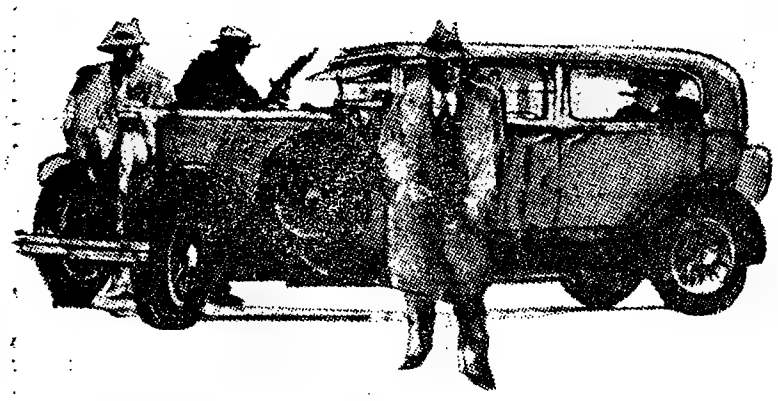
Eis um exemplo de simplismo num ambiente que não usa a simplicidade. Servimo-nos desembaraçadamente de esquemas que dispõem da validade das coisas, arredamos com um só gesto, enfatuado e intolerante, aquilo de que discordamos, distribuímos certidões de óbito sem, ao menos, verificar o bafo dos moribundos, importamos fórmulas para imediata e monopolizante aplicação que nem sempre se ajustam á nossa realidade — socialmente desfasada, como tem sido, do que se passa nos países que refundiram certas temáticas, embora nela entre a aragem estimuladora das ideias que lhe estão em avanço —, e nesse desembaraço pomos uma linguagem de eleitos, emaranhada como selva virgem, de modo a deduzir-se que apenas em bicos dos pés se terá acesso ás nossas especulações. Pomos ênfase complicativa e pomos dogmatismo. A clareza, a desafectação (e também a humildade) são alvos constantes nos mestres das ideias: não o são entre nós. O embevecimento pessoal não nos deixa olhar os outros; o embevecimento pelas nossas opiniões muralha-nos da surdez. As ortodoxias, pelo menos em terra lusa, testemunham uma crónica de orgulhos, e quando as dizemos combater esquecemos que caímos na ortodoxia oposta. Não propomos: decretamos. Daí, que os debates, sempre em dialecto espesso, reflitam uma cena intelectual organizada em cooperativas estanques, benignas para uso interno e suspeitosas no olhar em volta, reduzindo as questões a uma briga entre susceptibilidades.

Esse menosprezo agressivo ou doutoral das razões dos outros para imposição das nossas, das obras dos outros para saliência das de que somos autores, essa compartimentação que se recusa ás irrefreáveis e desejadas osmoses, tem dado um cariz particular ás controvérsias culturais no nosso País, sendo frequente que aqui se sublinhem ou enformem problemáticas que pouco exprimem lá fora, como, também, acontece que se prescrevam novidades, em nome da sua pujança noutros sítios, no momento em que, nessas fontes abastecedoras, já se considerem ultrapassadas e até substituidas por tendências que aqui se acusam de decrépitas. E assim por diante.

No entanto, mesmo pondo de lado estes contra-sensos, importa ter sempre em conta a singela, banalíssima, mas de todas as vezes prestável, lei da alternância, quando nos atrai o gosto por apagar com um simples sopro, o que, em redor ou atrás de nós, colida com as nossas preferências: as tónicas da literatura não são imutáveis, e o que hoje, porque a atmosfera envolvente, com todas as suas complexas alquimias, assim o determinou, parece acertado com o noso modo de estar no mundo e de o interrogar, não o será amanhã, podendo suceder — e assim, de facto, sucede — que a verdade da véspera, dada como extinta, volte a ser a verdade do dia seguinte, conquanto fertilizada pelas experiências que, entretanto, a sacudiram e conquanto demudada pelas novas solicitações que lhe correspondem. O viva Zola, que precede o morra Zola, o qual anuncia, por sua vez, o novo viva resgatador (em lugar de Zola poderia, óbviamente, dizer Dostolevski, Exupéry, H. Miller ou qualquer outro) é uma inevitabilidade que nos deveria acautelar para uma desapaixonada avaliação dos movimentos literários. Os prosélitos do neo-realismo não poderiam pretender que a sua verdade, históricamente fundamentada, fosse imune á eclosão de outras que a negassem — e, negando-a, a fecundassem —, não poderiam pretender, nem pretendiam, escrever hoje o que escreveram ontem e do modo como o fizeram («não explicamos como nos apetece, mas como apetece ao tempo em que explicamos» — recorrendo a Vergílio Ferreira), tanto como os que o hostilizam, com armas antigas ou aparentemente originais terão de prever a fugacidade do seu receituário. Se as condições sociais mudam, mudam as inquirições que lhes são específicas e a tonalidade que lhes dá voz. Hoje com mais rapidez do que ontem e amanhã com mais rapidez do que hoje. A inconstância das modas e a sua falta de rigor são tais (como dizia recentemente Raymond Aron) que «um autor que passava por encarnar o espírito do século torna-se em poucos anos um pensador de uma época morta».

A reacção á literatura neo-realista, quase sempre provocada por um mal-entendido que generalizou o que era particular e tomou por definitivo o que era transitório, que viu estatismo onde havia dinamismo, baseia-se, decerto, em várias motivações, a maioria delas obrando em simultaneidade, embora dissonantes, a documentar uma época perturbada, em que coabitam estádios

(Continua na página seguinte)



O império dos gangsters

por Victor Silva Tavares

Em 1873, um grupo de bravas mulheres do Ohio fundou a União da Temperança das Mulheres Cristãs (WCTU) no objectivo de ser criada uma legislação que proibisse as bebidas alcoólicas. Marchas, cartazes, bandas femininas, prelecções — e em seis Estados e centenas de localidades deixou de se beber. Oficialmente.

Vinte anos depois, e como lógico resultado da W C T U, funda-se a Liga Anti-Saloon, que «transformou as principais sociedades de temperança num poderoso meio de influência política e conseguiu a aprovação da décima oitava emenda em 1920» (*História dos Estados Unidos*, da R. B. Nye e J. E. Morpurgo, Livros Pelicano).

De facto, em Dezembro de 1917 o Senado e a Câmara dos Representantes puseram o álcool fora de lei. Com a maioria de dois terços os parlamentares modificaram a Constituição e declararam, num texto que veio a ficar célebre sob o nome de *Emenda XVIII*, que «a partir de um ano após a ratificação deste artigo, a fabricação, a venda e o transporte de bebidas embriagantes serão interditos no interior dos Estados Unidos».

Mas o que era, no concreto, isso de bebidas *embriagantes? Whisky?* Ou também o vinho?

Há rija discussão (animada por espirituosos?), sem resultados, até que em 28 de Outubro de 1919 o Volstead Act põe ponto final na matéria: é considerada como embriagante toda a bebida que contenha mais de 0,5 % de álcool. O vinho, a cerveja, a sidra são interditos, bem como o *whisky* ou o *gin*. Em consequência, as destilarias, as cervejarias e os *saloons* devem ser imediatamente fechados.

Para uns tantos mal-encarados é a galinha dos ovos de ouro. 1920. Começa o dueto Dixieland-metralhadora.

PER BACO!

Um livro-inquérito, agora na actualidade literária internacional, documenta com sabor e minucia o que foi e como foi esse dueto, fundo musical de uma época trepidante, foliona e ensanguentada na vida dos E. U. A. e particularmente na cidade de Chicago, a Ninive da prepotente burguesia americana em ascensão: *O Império dos Gangsters*, do jornalista e escritor inglês Kenneth Allsop.

Já lá iremos. Mas, para já, dê-se a palavra ao documentarista: «No início de 1800 o choro das crianças de peito era quase desconhecido graças ao perpétuo estado de adormecimento em que estas eram mantidas nos seus berços de baloiço mediante a mistura de ópio e de rum». Per Baco!

Pois são estas crianças, tornadas homens, que sofrem as primeiras arremetidas das ligas anti-álcool, e é sobre os seus filhos (por certo adormecidos pelo mesmo sistema de biberão) que se abate o proibicionismo. Resultado: a n t e s do Volstead Act, para os 3 milhões de habitantes de Chicago existem 15 mil bares autorizados; logo depois surgem 32 mil clandestinos.

LAISSEZ FAIRE!

Chicago, 1920. Italianos, escoceses, i r l a n deses, ingleses, chineses, japoneses, sul-americanos, negros, turcos, gregos — uma f o r n a l h a humana. Aciarias, fábricas de conserva, refinarias de petróleo, fábricas de automóveis, de comboios, de material eléctrico. O ouro corre velozmente. «O facto mais saliente dos anos vinte consistia em parecer que se andava em cima de dinheiro. As mensagens presidenciais ao Congresso pareciam-se mais, como alguém notou, com um relatório de contas de qualquer empresa» — Nye e Morpurgo. Grassa a especulação no mercado de títulos. John J. Raskob, da General Motors, afirma que um investimento semanal de 15 dólares garantirá a qualquer cidadão, no prazo de vinte anos, 80 000 dólares líquidos e um rendimento mensal de 400. Ford é o herói nacional por excelência. Calvin Coolidge, o «silencioso Cal», garante á nação a prosperidade p e r m a nente. «Todos os dias e de todas as formas estou a ficar cada vez melhor» — eis o *slogan* proposto á circulação por Emile Coué. O capitão de industria goza de um prestígio inigualável e lança, num terreno propício, as sementes da violência: pistoleiros contratados *(gun-*

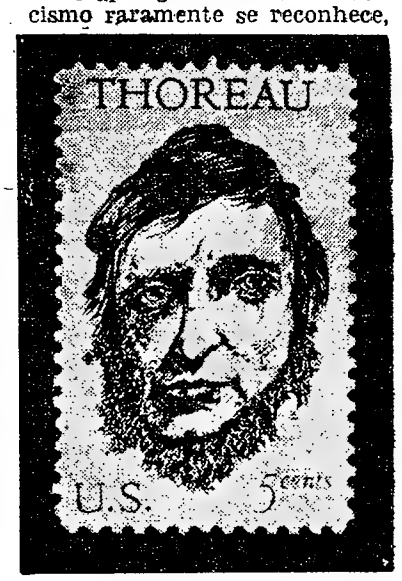
(Continua na página seguinte)

Fernando Namora

(Continuação da página anterior)

discordes e em que, portanto, nem de todas as vezes é fácil destrinçar as linhas de alienação e de desalienação. Entre essas motivações poderemos, não obstante, rastrear algumas, começando pela desejável e salubre recusa ao que se possa suspeitar de imobilismo. Mas aqui foi esquecido que a literatura neo-realista admitia, e admite, não só toda a espécie de renovação formal, que harmonize a expressão artística com a atmosfera que a solicita, mas, também, todas as pesquisas no sentido de ir mais dentro da complexidade do homem, na sua consciência individual e na sua consciência colectiva, o homem que assume livremente o porquê do seu viver e do seu agir dentro de um todo em que se insere. O homem senhor de si, do seu destino, interrogando a sua existência e o mundo, mas reconhecendo, como escreveu Alberto Ferreira, que «não há vida humana sem grupos humanos, não há progresso material sem relações humanas de produção, sem divisão de trabalho, sem intercâmbio de mercadorias e de ideias e de sentimentos», tal como «não há sociedade sem indivíduos dotados da sua singularidade». O homem total, pois, comprometido perante si e os outros.

A par desse empenho de renovação, que habitualmente arreda o que veio encontrar (e que amiúde se acompanhou do esgotamento das formas tradicionais, de um clima de instabilidade ideológica que favoreceu a cisão entre as exigências do intelecto e as da acção e, mesmo, a degenerescência da arte pelos seus simulacros, as mistificações e as automistificações), poderemos assinalar uma certa tendência da arte para o aristocracismo no momento em que se acentuou a promoção cultural das massas e, portanto, o convívio da criação artística com os interesses comuns, tendência essa as mais das vezes confundida com o intento de a «libertar», rompendo com todos os preconceitos e apologias. Este aristocracismo raramente se reconhece,



David Thoreau: apologia do indivíduo

e creio que ele manifesta uma relutância ao que se poderia entender, no neo-realismo e noutras correntes, como «popularização» banalizadora e, mais do que isso, diluente do que em arte deve existir de enigmático e ambíguo. De inacessível, em suma.

Quanto ao descomprometimento, a verdade é que a arte não pode desinteressar-se da cena do mundo, e testemunha-a, mesmo, quando quer apartar-se. Sartre disse, mais ou menos, que o nosso acordo ou desacordo é um começo de acto. Sob o apelo de dramas que abalam o homem na sua totalidade, o intelectual reencontra a todo o passo a tradição do comprometido, que o esteticismo julga poder pôr em causa, e essa tradição não se interrompe, apenas se embuça ou se ilude, nas fases em que o intelectual busca nas reformas da linguagem o seu bastante propósito, quando não mesmo o alibi para uma literatura que nada mais tem a comunicar e faz das palavras coisas e das coisas palavras. Rejeitar é tomar partido, e a linguagem é, só por si, significativa do clima humano que reflecte. Linguagem a que, afinal, o neo-realismo está atento e de cuja expressiva evolução se serve. O escritor interferente pode ser, e é em muitos casos, um escritor de vanguarda.

Contam, ainda, agentes poderosos que, ao actuarem na oposição ao realismo novo, assentam na convicção de que este deixou de ter validade, por se ter empenhado em realidades e ideações a que as surpresas do progresso se furtaram. Trata-se de uma perspectiva precipitada, que, ao influenciar-se pelo facto de a conquista da dignidade humana se ter deixado encadear por lucros aparentes, ou por inesperadas viragens que, também na aparência, lhe modificaram o curso dialéctico, não previu a lição de acontecimentos recentes e mistura-se confusamente com a vontade de ascese que supre a morte dos deuses e com a revolta contra a burocratização do homem, nas suas relações com o grupo e no seu quotidiano.

No mesmo quadro, poderemos sublinhar, uma vez mais, o intenso anseio de mudança da nossa época, com expressões variadas, enredadas, umas exaltantes, que ajustam o homem ao seu futuro, outras caóticas. Entre elas, esse desejo de redescoberta do «indivíduo», um indivíduo desesperadamente desiludido de uma colectividade que perdeu a «alma» na mitificação da eficácia e do labor superorganizados, que desumanizou as relações sociais e se despojou de objectivos. Os desertores do mundo tecnocrata, da engrenagem constrangedora, das ideologias opressivas, procuram reencontrar o homem nas searas que o estiolaram, para lhe devolverem a verdadeira dimensão. Mas através da segregação. Reduzido a um papel cada vez mais insignificante («Eis o que existe de mais raro na Terra: um indivíduo» — disse o filósofo americano David Thoreau, um dos eleitos da juventude que se quer á margem da sociedade convencional), o homem singular aliena-se para não se sentir destruído. Julga encontrar na gratuidade, sob a sanção da biologia rebelada, com a nostalgia das origens, a via para o homem liberto anunciado por Herbert Marcuse.

Herbert Marcuse

Essa deserção força a sociedade a interrogar-se, desmascara mitos e falências da civilização dos falsos desejos e das falsas alegrias, mas ao negar-se a trair «o homem em favor de uma abstracção» (para usar de novo as palavras de Alberto Ferreira), corre para outra abstracção, esvazia-se de sentido. Certa literatura de hoje — a que se pode creditar o desbravamento de terras novas ou insuficientemente exploradas da arte — espelha este estado de coisas. Assim, aliás, seria de prever — o que, porém, não nos deve conduzir a pôr de lado, como caduca, a literatura que, espelhando, situa, interpreta e racionaliza. Antes pelo contrário.

De qualquer modo, porém, o neo-realismo aconteceu na literatura portuguesa. Quer o achemos vivo ou morto, quer nos pareça que recorre a sucessivas cirurgias reparadoras para dissimular, em vão, as ruinas, quer denunciemos os novos crismas com que se tenta reanimar-lhe, também, debalde, a sobrevivência, quer consideremos útil ou desastroso o seu advento, quer, enfim, o repudiemos ou não e justificadamente nos insurjamos contra o vício nacional de classificar as obras segundo etiquetas ou segundo afinidades ideológicas abusivas — o certo é que ele está presente nas nossas letras. Não basta o desacordo ou o repúdio para o tirar de lá.

SUPLEMENTO Diario de Lisbôa LITERÁRIO

LETRAS PORTUGUESAS

Cadernos de um Escritor, por Fernando Namora

O Último Romance de Abelaira, por Alexandre Pinheiro Torres.

Um Crivo de Malhas Largas, por Manuel Ferreira.

LETRAS ESTRANGEIRAS

O Império dos Gangsters, por Victor Silva Tavares.

SOCIOLOGIA

Uma Utopia do Possível, por João Martins Pereira

ARTES PLÁSTICAS

Um Salão sem Notícia, por Rocha de Sousa

URBANISMO

Bairros de Habitação, pelo arq. João Reis Machado.

CINEMA

Meia-noite Fantástica, por José Vaz Pereira

JAZZ

Um Novo Sotaque Musical, por José Duarte.

Gangsters

(Continuação da página anterior)

men) defendem nas ruas os interesses dos patrões. É o *trust* «Gaz House» contra as recém-formadas companhias de electricidade. É o jornal «Tribune», de John Patterson, contra o jornal «Examiner», de William-Randolph Hearst. *Laissez faire, laissez faire.* Sinclair Lewis (*Babitt, Main Street*) é um despeitado. Ninguém acredita no sociólogo Walter Lippmann quando este classifica a opinião publica de irracional, cínica e fácilmente enganável. Os desportos e os espectáculos absorvem multidões. A democracia americana está finalmente «emancipada».

É então que um tal senhor Alfonso Caponi, dito «Scarface», desagua em Chicago e contacta com um tal senhor Colosimo, dito «Big Jim».

Nasce o império dos *gangsters.*

A América está cheia de sede.

CRIME E RECOMPENSA

Chicago... / Salsicheira do mundo, / empilhadora de trigo... / Disseram-me que eras viciosa e eu creio-o (...) / E disseram-me que não és franca e eu respondo: / — Sim, é verdade — eu vi o «gangster» matar / e ficar livre para matar outra vez...

(Carl Sandburg — *Chicago Poems*).

O livro de Allsop, escrupuloso e apaixonante, traça um quadro dos métodos e dos objectivos dos «gangs» que fizeram a crónica negra de Chicago, ao mesmo tempo que analisa as escandalosas relações entre o banditismo triunfante

Alfonso Caponi, ele-próprio

e a corrupção política: em 1926, por 13 000 malfeitores apanhados pelos «cops» houve apenas 490 condenações. «O criminoso tem agora 98 % de *chances* para se livrar», escrevem dois criminologistas da época. Quando em 14 de Fevereiro de 1929 sete homens do «gang» de Mug Moran são varridos, numa garagem, pelo cacarejar furioso das metralhadoras *Thompson*, trava-se este diálogo entre um polícia e um moribundo com 14 feridas no corpo:

— Quem te feriu, Frank?

— *Ninguém.*

— A que organização pertenciam eles?

— *Não sei. Estava tudo tão escuro, sargento...*

Resultava eficaz o método proposto por Al Capone: por cada dólar ganho (ilegalmente, como é óbvio) havia que reservar 75 cêntimos para os representantes da lei. Não espantará, portanto, que o mesmo Capone tenha conseguido eleger *maire* de Chicago um dos seus «simpatizantes», o «cretino sonoro» (palavras de Al) William Hale Thompson — Big Bill, para os amigos.

É que o «gangsterismo», segundo o depoimento crítico de Allsop, trazia consigo os requisitos de habilidade (por exemplo: um vasto conhecimento das normas penais, de forma a poder iludi-las), de eficiência «rapidez; capacidade de libertação de toda a escória sentimental; «crueldade util» em lugar de sadismo desbragado) e de organização (em 1922 o Sindicato Torrio-Capone registou lucros superiores a 12 mi-

Uma utopia do possível

por João Martins Pereira

CONTRA OS TECNOCRATAS
Por
Henri Lefevre
Moraes Editores
Lisboa 1968

ENCONTRAMO-NOS num certo espaço e num certo tempo. Num espaço e num tempo (histórico) que, em toda a lógica, não deveriam trazer os problemas da tecnocracia a lugar cimeiro das nossas preocupações. Sucede, porém, que a sociedade portuguesa tem vindo a acumular sucessivas camadas de «modernidade» ao longo dos séculos, os quais, á falta de uma autêntica tomada de consciência de si própria, levaram a produzir-se fenómenos político-sociais que qualquer lógica recusaria. A importação de ideologias (em todas as suas formas: políticas, jurídicas, culturais) tem em geral precedido as condições que normalmente teriam justificado o seu aparecimento entre nós. Mas acompanhando a dinamica social a cadência a que sectores universitários vão efectuando essas importações, tem-se vindo a dar um processo de sobreposição por vezes desconcertante. Um sociólogo, em face da sociedade portuguesa, olhar-se-ia numa situação semelhante á de um geólogo ou arqueólogo diante de um corte numa rocha sedimentar, onde pode fácilmente identificar séculos de pré-história da humanidade. Mais do que dualista, a sociedade portuguesa é sedimentar (o que convém não confundir com a noção corrente de estratificação social). Detectar o «centro da gravidade» dessas camadas e fazê-lo coincidir com o tempo histórico, tarefa essencial, não dispensa que nos preocupemos com o que se passa nas camadas superiores, já que são elas que nos têm feito a história.

Assim é que também já temos os nossos tecnocratas. Isso talvez não justificasse que abrissemos o livro de Lefebvre com mais do que um interesse puramente informativo, se ele correspondesse ao seu título de choque. Contra os tecnocratas? Mas, no fim de contas, «aqueles que têm o nome de tecnocratas (...) não mandam: só dispõem de um poder de decisão limitado», «o poder impõe aos tecnocratas á sua disposição as opções decisivas», a tecnocracia sugere de si uma imagem que não é mais do que «a sua justificação, a compensação da sua impotência e da sua incapacidade, o seu contributo real para a acção do poder». E isso traz como consequência que através das críticas de que se torna alvo, seja a própria técnica «que se torna suspeita». Na realidade o perigo, para Lefebvre, não está precisamente nos tecnocratas, mas antes nessa espécie, já em desenvolvimento, a que chama o cibernantropo. O cibernantropo é afinal o indivíduo-tipo que contém e propaga aquilo a que poderíamos chamar o «espírito de tecnocracia», no sentido em que Weber falou do «espírito do capitalismo». O cibernantropo é o homem da comunicação sem resíduo, do equilíbrio e da eficiência, o homem que define tudo em termos de necessidades, cada uma das quais poderá ser satisfeita por um certo «consumo» (por oposição a esse produto da subjectividade que são os desejos, imprecisos e indefiníveis, que abomina e teme), o homem que só admite o espontaneo fixado e que, portanto, faz do autómato o seu ideal. O autómato está isento de todas as «imperfeições» humanas: o desejo, a duvida, a angustia, a contradição, a faculdade de criar, inovar, imaginar. Diz Lefebvre, e com plena razão, que «seria ingenuidade julgar que se encontram menos cibernantropos na grande burguesia que na pequena (ou inversamente), nas mulheres que nos homens, nas pessoas pouco qualificadas que nos técnicos e tecnocratas, nos artistas e nos escritores que nos incultos e atrasados mentais.» E também nos países subdesenvolvidos menos que nos países industrializados. Cibernantropos existem «por toda a parte onde existem modelos, *patterns*, estereótipos, protótipos, genótipos, estatutos, papéis, mimesis, funções, estruturas, ou seja, por toda a parte».

A dialéctica obra - instituição constitui talvez o objecto de análise de maior interesse no livro de Lefebvre, se bem que não traga nada de muito original. Para ele, de resto, a problemática fundamental da «sociedade burocrática de consumo dirigido» (como designa a sociedade habitualmente dita de consumo ou de abundancia) situa-se ao nível do quotidiano, hoje organizado e institucionalizado, expropriado do seu conteudo, e que se impõe tornar «obra». O programa que propõe consiste simplesmente em reinventar o quotidiano, em criar a nova cidade. «Temos de inventar a cidade ludica de que Las Vegas só oferece uma ignóbil caricatura»: Utopia? «A partir do momento em que há movimento, há utopia. Como poderia um movimento real, social e político deixar de propôr, no caminho que conduz ao possível, as suas representações do possível e do impossível?» A estratégia de um socialismo reformulado passaria então pela apropriação da utopia, nova racionalidade se for proposta em termos de conquista do possível (e dos meios de acção para o atingir). É neste sentido que é necessário que a técnica não se torne suspeita, pois é ela, e não os sinais por que hoje se manifesta na vida quotidiana, que tem de ser investida na nova cidade. As massas, que vivem religiosamente a aventura cósmica, e se contentam com os «sobejos da técnica» (sob a forma de *gadgets*) estão ainda a tempo de se libertar.

Esta, em traços largos, a construção teórica de Lefebvre. Onde buscar aliados para o seu programa? Ele próprio vai enumerando: o surrealismo tornou-se instituição, a psicanálise ideológia, o existencialo-marxismo, apesar das suas virtualidades nunca deixou de ser mais uma filosofia especulativa, as ciências sociais (mais a psicosociologia, que a sociologia) tendem a tornar-se a grande escola do conformismo ao definir «os que se desviam e os desvios, as disfunções, o anormal e a anomeia, e a *recuperá-los*». Até aqui, portanto, só procurou o autor confundir intelectuais.

Henri Lefevre: contra os cibernantropos

Quase desiludido, acaba por concluir que «só os *grupos de base* são agentes do possível», mas não os grupos artificiais de que a dinamica de grupos quer tirar mais do que lhe seria lícito. A nova democracia terá de ser baseada na autogestão. Ou seja, a laboriosa argumentação de Lefebvre vem a terminar, reunidos os elementos anteriores, na proposição de que a autogestão é possível... Que adiantámos? Parece que pouco. Para isso não teria valido a pena imiscuirmo-nos na feroz crítica que faz aos estruturalistas (se bem que certas análises sobre a metalinguagem e o novo eleatismo, por exemplo, tenham incontestável interesse), e que, afinal de contas, constitui a maior parte do livro. Parece-nos que nem sequer valeria a pena referirmo-nos a ela, pois quando Lefebvre pergunta: «e se o estruturalismo (cuja ressonancia é preciso não exagerar: limita-se a um punhado de intelectuais que se julgam «avançados») não passasse de um episódio da França bizantina?», com mais forte razão poderíamos sugerir uma duvida paralela para o meio em que nos movemos. De contrário estaríamos talvez a contribuir para dar vigor a uma importação mais, a tornar ainda mais confuso o que já não o é pouco.

lhões de dólares; em seis anos o mesmo Sindicato atingiu a cifra colossal de 3754 milhões!); daí a meticulosa divisão em zonas territoriais, a investidura de poderes solenemente decidida em banquetes e reuniões sociais das várias mafias, a «protecção» comercial forçada e a compra de magistrados, agentes da lei e entidades municipais. Ao historiar a íntima cooperação entre *gangsters* e políticos corruptos, Allsop acaba por fornecer elementos importantíssimos para a compreensão global do papel da violência na sociedade estado-unidense — trabalho incisivo e impiedoso, porém mais convincente e sobretudo mais compreensivo sob o ponto de vista humano que o de Estes Kefauver, até agora a bíblia do assunto.

O CREPÚSCULO

«Mesmo antes da crise (de 1929), alguns economistas encararam cépticamente a prosperidade dos anos vinte. Superprodução, lenta subida dos salários, queda dos preços, já se evidenciavam no começo de 1926. Os preços dos títulos de crédito aumentavam vertiginosamente (recordava-se nostálgicamente o tempo em que as acções R. C. A. estavam a 549) mas os poucos economistas que pediam cautela eram mandados calar. Wall Street entrou em declínio, lentamente, a partir de Outubro e, a 24, o pânico eclodiu. Dezasseis milhões de acções mudaram de mãos, os títulos de cinquenta das mais importantes companhias caíram quarenta pontos num dia, milhares de grandes e pequenos investidores ficaram arruinados, acções bem conhecidas foram vendidas a um dólar». (*História dos Estados Unidos*).

A queda de Wall Street marca igualmente o declínio do império dos *gangsters*, começado a esboçar-se com a eleição de Herbert Hoover á presidência e a nomeação de outro Hoover (Edgard J.) para a chefia do F. B. I.

«Bootleggers», «hijackers», «racketters», «kidnappers», «gunmen», todos os «caids» do submundo do crime, gorilas tatuados, enfeitados de anéis monumentais, gravatas espampanantes, camisas de seda, suspensórios pintados á mão, polainitos e charutos; tombam sob a metralha dos *G Men*, posam algemados para a posteridade, dispersam-se, empenham as metralhadoras e os pistolões, vendem os *Ford* e os *Cadillac* blindados, «prostituem-se» em miseráveis golpes de mão.

O clarinete de Mezz Mezzrow geme mais tristemente «The curse of an aching heart».

É o crepusculo dos deuses da noite.

Mas seria o fim?

VITOR SILVA TAVARES

Mini-romance

A FRANCESA
Por
Nita Climaco
Edição da autora
Lisboa-Paris, 1968

São dois «mini - romances» duma autora que de 1964 para cá apresenta um romance por ano: «Falsos Preconceitos», «Pigalle», «O Adolescente» e «A Salto». Com «A Francesa» e «Encontros», as duas peças que constituem o volume de 1968, Nita Climaco deve prolongar a problemática tratada no volume de 1967, o tal «A Salto» que não lemos mas que Júlio Conrado (in *O Século*) diz constituir «sangrento e verídico libelo contra a emigração portuguesa para França».

De facto, o mini-romance que dá o título ao volume-68, narra a triste aventura de um casal de pequenos burgueses em Paris: Carlos e Laura buscam melhor fortuna mas acabam na sofrida condição de empregados domésticos de uma condessa sem escrúpulos, pelo que regressam à terra-mãe com a lição aprendida.

«Encontros» é um pouco mais original: Nita Climaco traça o itinerário de um tal Chico, cançonetista algarvio, que na capital francesa se torna por breve tempo no artista Francisco Serrano, peça aliás de mínima importância na engrenagem do *show - business* parisiense; perdidas as ilusões, Serrano volta a ser o Chico dos bons velhos tempos, servindo bebidas e gargarejando a «Granada» num restaurante típico (à portuguesa) que entretanto abrira com a mulher (ex-cabeleireira tornada fadista e proprietária) nos arredores de Paris.

As duas narrativas, se interessantes na tentativa de captar alguns mini-episódios de um drama social de maior amplitude, pecam por uma linguagem elvada de lugares-comuns e de considerandos marginais.

R. S.

URBANO
TAVARES
RODRIGUES

«um dos escritores portugueses que mais repetos lança aos leitores para que o compreendam», diz ÓSCAR LOPES, acaba de publicar

TEMPO DE CINZAS

ensaios ● notas de viagem ● páginas de diário ● novelas inacabadas ● entrevistas — um dos livros mais originais do autor de «Realismo, Arte de Vanguarda»

Col. «SUCESSOS LITERÁRIOS»
35$00

EDITORA ULISSEIA

O último romance de Abelaira

por Alexandre Pinheiro Torres

O ROMANCE de Augusto Abelaira constrói-se quase sempre á base de perguntas que se põem. Não é uma narrativa determinada que o preocupa, mas simplesmente um *questionar* que se multiplica, e que as mais variadas personagens exemplificam. Petrificadas no plano das perguntas, e não dinamizadas no plano (mais elevado? Menos elevado?) da acção, como já tive ocasião de salientar na minha análise a *Enseada Amena* (V. *Romance: o Mundo em Equação*, Portugália Editora, 1967), isto é possível sugerí eu — por Augusto Abelaira preferir o tipo de homem que ele mais de perto conhece, ou a que mais é sensível; e que ele, dentro da novelística portuguesa, entende muitíssimo melhor que qualquer outro escritor: o homem que da verticalidade do agir, numa área mais ou menos vasta, se auto ou hetero-deslocou para a horizontalidade de uma produção actuante ao nivel do que é posível no compartimento da casa onde as pessoas costumam prolongar o repouso nocturno pelo dia adiante.

Penso que, a este respeito, *Bolor* (1968) é um complemento de *Enseada Amena*. Se continuamos ainda dentro da problemática que deriva da Horizontalização do Homem, se esta é ainda no novo livro de Augusto Abelaira a imagem central, permito-me recordar que tal indício não é necessáriamente um sinal de pobreza. E por que o seria? Vou a Pavese buscar esta opinião: «Cada escritor possui uma imagem central, que podemos considerar como mito, formalmente inconfundível, e á qual a sua fantasia tende sempre a regressar e que mais o inspira. Por exemplo, em Dostoievski a multidão complacente no meio da qual nos aviltamos, em Stendhal o isolamento na prisão, etc. Esta imagem é mítica na medida em que o escritor a ela regressa como a qualquer coisa de unico que simboliza toda a sua experiência».

Se esta experiência — ou a experiência das personagens que ergue diante de nós — se restringe a uma área tão pequena como a do *bedroom*, o que acontece com Abelaira é que ele não se vai preocupar em contar-nos a história de mais um triangulo amoroso (em *Bolor* destrói-se, aliás o mito do triângulo para se edificar, como esquema geométrico das relações entre os comparsas, um poligono cujo numero de lados é uma incógnita), mas simplesmente á margem de tal experiência fazer algumas perguntas fundamentais sobre as razões *ultimas* que estão na base da sua estrutura.

Parece-me claro agora que Abelaira entrou num questionar metafísico que se aparenta com o de Jankélévitch. Os conceitos de *primidade*, ou *ultimidade*, ou *primultimidade*, do filósofo francês, estão ligados ao de um *instante privilegiado* em que uma determinada coisa acontece, pondo-se o problema de se saber *porquê* aconteceu nesse instante, e definir, ou descrever fenomenologicamente, o próprio *instante*. O que Abelaira aduz é que o «instante privilegiado» (e privilegiado porque «altera», de vez, a biografia da personagem) é, talvez, um instante qualquer; apenas privilegiado porque alterou a biografia, mas que na prática não pode considerar-se mais que um «acidente insignificante» (pág. 24). Augusto Abelaira chama-lhe por vezes Acaso. Quando Humberto de *Bolor* vive na inquietação de saber por que motivo encontrou Maria dos Remédios na vida, que contingência probabilistica fez com que se reunissem 2 grãos de areia de um universo que tem 3 mil milhões, tal inquietação adquire o carácter espasmódico de sucessivos sobressaltos metafisicos. Porquê? Pergunta: o amor ou casamento de Humberto e de Maria dos Remédios não será, afinal, a resultante de um Acaso, de uma espécie de Fatalidade, de uma Contingência, que pela simples razão de constituirem o resultado irónico do Cálculo das Probabilidades, é tão efémero como é efémero — antes do resultado — a probabilidade de dentro de uma urna com 3 mil milhões de bolas brancas, onde se misturam duas pretas, estas duas se encontrarem na tiragem consecutiva que da urna se vai fazendo de todas as bolas?

Certamente que esta imagem é caricatural, mas a surpresa de Humberto perante a Contingência está ao nivel desta caricatura, porque a Contingência é, afinal, a principal interlocutora de Humberto. Ele interroga-a a propósito inclusivamente da probabilidade que o arrastou, tanto a ele como a Maria dos Remédios, a pertencer áquela sétima parte de bolas dentro da urna que estão situadas na melhor zona dela, aquela em que por exemplo nem chega a saber o que é a *fome*, tipo de insecto que vai verminando os seis sétimos que restam.

Encontradas as personagens pela força da Contingência que é depois o Amor? Não se definirá ele em função da mesma força? Como se caracteriza o primeiro instante em que o amor foi sentido? (E aqui nos aproximamos do conceito de *primidade* de Jankélévitch). Não é ele diferente do segundo, e de todos os outros que seguem até ao ultimo? E quando é que surge o *ultimo*? Como agarrar o *momento* em que operou a passagem de um para outro? Como ter consciência dos instantes sucessivos? Estamos, penso eu, perante uma metafísica da mudança no plano dos sentimentos. Tudo se altera por um mecanismo cuja contingência constitui o próprio motor do questionar metafísico.

Deste modo as frases de amor possuem a temporalidade dessa mesma contingência. Com uma lógica sem panos quentes vai Abelaira pondo a nu a efemeridade dos absolutos. Pondo em xeque aquilo que mais sólido parece ser, que mais ficará de pé? A destruição operada por Abelaira começa pelo vocabulário amoroso. A mulher dirá: «tu és tudo para mim»; o homem responderá: «tu és tudo para mim». Mas a pág. 102 o autor de *Enseada Amena* insiste: «ninguém dá tudo, neste mundo não há absolutos». De resto que é esse *tudo*? E Abelaira chega, a págs. 107, á conclusão lógica desta análise: «A infelicidade é o substracto fundamental dos sentimentos.

Assim, não é de surpreender que, acreditando as personagens (ou o Autor) nisto, tudo se torne comutativo. É que não nos importa que as coisas sejam ditas por Humberto, ou por Maria dos Remédios, ou por Aleixo, ou por Catarina, ou por Guilherme que é também Aleixo, porque as personagens assumem a personalidade umas das outras, o que faz com que pouco interesse ao leitor que o romance seja escrito na primeira, segunda, ou terceira pessoa. Aliás não é escrito na primeira, nem na segunda á Butor, nem na terceira, mas numa primeira pessoa que é simultaneamente uma segunda pessoa, para haver para o fim do romance uma tentativa das personagens chegarem a um *nós*, que, afinal, abrange com plena consciência das personagens (ou do Autor) aquele mundo limitado que, na aparência, pouco mais além vai do quarto de cama.

Esta problemática do «momento privilegiado» não deixa Abelaira de a conduzir, por ciculos sucessivamente concêntricos, mas cada vez mais amplos, ao problema do «espaço privilegiado», e, nesta amplificação, o livro de Abelaira expande-se de sentido e de alcance critico, sendo esse precisamente o momento em que o Leitor Distraido descobre que o mundo de ar confinado de um compartimento de uma casa é um simbolo claro de um mundo (Mundo=Urna) cuja chave ultima de intelecção é a Efemeridade ou Arbitrariedade.

Posta em questão a fragilidade das palavras ditadas pela Contingência, Abelaira defende a tese que não são apenas as palavras que ligam dois seres, dentro do Amor, ou fora dele. Até aqui pôs-se, dentro do romance, o problema segundo o qual a comunicação só era possível ao nível das palavras. Mas em *Bolor* encontramos defendido o ponto de vista de que é preciso valorizar os outros sentidos, porque há também uma comunicação muito

Um novo sotaque musical

por José Duarte

O MUNDO ocidentaliza-se e o Ocidente, simultâneamente, universaliza-se. O «jazz» é uma música que nasceu da fusão de duas culturas: a africana e a europeia, sem renegar os elementos de uma ou de outra, tal como os povos se associam e procuram uma síntese. Às vezes reprova-se que o «jazz» não chegue «tão longe» como o vanguardismo ocidental, mas é exactamente nessa recusa de se afundar na Europa, ou mergulhar em África, que reside a sua originalidade, a sua bivalência, o seu equilíbrio difícil, sempre exposto a objecções e críticas contraditórias. Sabe-se o que a humanidade ganha ao unir e ultrapassar blocos culturais. E é sabendo aquela bivalência que se compreendem os aparentes paradoxos surgidos em toda a produção «jazz» ao longo destes 70 anos da sua história.

O «jazz» desconfia da predominância rítmica africana, como o faz dos excessos formais europeus. E por isso aproxima-se da Europa, com as marchas de New Orleans e os concertos de Duke Ellington, ou de África, com os temas cubanos de Dizzy Gillespie e os congoleses de John Coltrane.

Assim, o «jazz» é um resumo unitário de hesitações, tendências, uma realidade que nasce e vive num mundo onde extrai a sua verdade. E só sobrevive porque sempre se soube adaptar ao movimento da História. O «jazz» não é uma simples dança, uma arte fechada sobre ela mesma, mas sim uma nova maneira de pensar a música.

Jean Cocteau definia o «jazz» como uma sintaxe, definição esta contestável na medida em que sintaxe é um conjunto de regras que organiza frases, um enquadramento dum discurso. Ora, neste aspecto, o «jazz» seguiu de perto a música europeia. «Jazz» é mais sotaque que sintaxe, mais uma pronúncia do que uma construção.

Esta, também, uma razão para o seu êxito, para a sua aceitação europeia. Mas a razão mais importante está por dizer, e por vezes até aqueles que a sabem a escondem, dando força a quem a explora, exibindo-a em sentido depreciativo. O «jazz» deu ao Ocidente qualquer coisa que lhe faltava. O Ocidente desprezava, menosprezava o corpo e a sexualidade. A música europeia era fortemente pensativa. O «jazz» introduziu-lhe o ritmo extático, ritmo que lhe vem das raízes de África, da civilização de Eros, reabilitou o transe, impôs a doacção total, defende a comunicação instantânea, recorda a receptividade física. Se a música é realmente uma arte de expressão, ela pressupõe a comunicação entre quem cria e quem recebe, uma comunicação que no «jazz», pela improvisação, é directa, imediata, e na música «clássica», pela execução, é fechada, intelectualizada.

No «jazz», se existisse maestro, não seria ele o único a suar, a agitar-se, a «viver» a música, a acabar um concerto despenteado, afogueado, exausto, pela sua doação à obra, em contraste com a calma do violinista, ou a serenidade da harpista.

«Jazz» é música que não se ouve só sentado num bom «fauteuil» duma boa plateia, duma boa casa de espectáculos, em limite até, «jazz» é uma música que não se ouve, vive-se e vive-

Louis Armstrong em África: a árvore reconhece o fruto

Augusto Abelaira — perguntas com respostas

importante ao nível deles. Na pág. 33 lê-se: «...nem sempre as palavras são necessárias, duas pessoas podem mergulhar na mesma felicidade, numa felicidade comum, embora entregues a coisas diferentes (...) sabem-se juntas e é tudo»; e na pág. 34: «só te sentes preso a alguém quando conversas? (...); e na pág. 35: «aprende a olhar, pois as palavras são cegas, são surdas, não têm sabor nem tacto...»

Dissemos: o romance de Abelaira constrói-se quase sempre á base de perguntas. Com efeito, elas constituem a maioria, mas Abelaira, sem entrar numa arbitrária especulação metafísica desligada da experiência (e ele vai cuidadosamente buscar uma *experiência* que é a de todo o homem adulto moderno e não apenas a de um homem *excepcional*) vai-nos dando as respostas que mais interessam. O seu livro deixará, certamente, a quem o ler, em estado de grande alarme interior. Aquilo que mais nos é caro é posto em questão. Mas um livro que não ponha nada em questão não é um livro, e *Bolor* (penso com a maior seriedade) é um grande livro, um livro que profundamente nos toca.

University of Cardiff
Maio de 1968

-se totalmente, usando todas as possibilidades, escalas da receptividade humana. O «jazz» também se entende com o corpo, em movimentos ou gestos espontâneos, como que respostas físicas a solicitações rítmicas e sonoras.

A oposição entre «música intelectual» e «música carnal» reside apenas na gradação do afectivo, que em ambas é primordial e as alimenta, as anima.

Para o perfeito entendimento do «jazz» vale tudo. Do estômago às mais recônditas circunvalações, começando pelos ouvidos a quem se deve pedir ausência de preconceitos sonoros ou habituações rítmicas. Só assim uma nova Beleza musical despertará o nosso TODO impressionável.

Aliás, esta utilização total das possibilidades humanas funciona no «jazz» com o mesmo valor e importância, quer para quem cria música como para quem a escuta. E é com esforços paralelos, simultâneos, que a comunicação se alcança. Esforços para escapar ao puro instinto sem nada perder de vitalidade, para escapar à repetição sem perder essência, para escapar à experiência sem perder originalidade.

Esforços, afinal, eminentemente modernos.

Um salão sem notícia

por Rocha de Sousa

A SAUDE dos nossos olhos é uma coisa relativa no jogo das aparências que mascaram tantas vezes o verdadeiro domínio do concreto. No plano das artes visuais, e descontando a importância dos meridianos, é mais aparência o nosso saber da Europa do que a tímida vanguarda que produzimos.

Assisti em Luanda aos reflexos desta realidade, aumentados e desfocados por uma distância que pouco tem de geográfica: depois de descontados os meridianos por um lado, ficam os paralelos fora de questão por outro. Assisti portanto à representação da mesma crise e das mesmas virtudes isoladas, no jogo irremediável, por vezes esplendoroso de crença, dos fragmentos que sobejam na informação corrente e das vozes que não resistem ao apelo da actualidade. A luta foi pequena na sua localização temporal, o comentário público foi breve na ausência de quadros especializados.

Assim se fez o II Salão de Artes Plásticas de Luanda, em luta com o atraso, com a falta de experiência, com uma distância difícil. No isolamento que foi preciso vencer. De acordo com a vontade promotora que foi preciso definir e responsabilizar.

MEMÓRIA TÍMIDA DE UM ACONTECIMENTO PROVINCIANO

Em princípio, este Salão não envolve a novidade que poderia confortar os apetites do nosso meridiano cultural. Depende do ponto de vista, com certeza; mas seria para Lisboa mais excitante ver-se em acção no centro de Luanda, por intermédio de artistas aqui reunidos com superior critério, do que ouvir a memória tímida de um acontecimento provinciano. Neste sentido, foram sem dúvida mais importantes os Salões de Arte Moderna do Funchal, com artistas convidados e propostos didàcticamente em competição regulamentada. No entanto, esse é apenas um sistema de fomentar a actividade correspondente, uma forma de diálogo em termos de penetração do meio. A conjugação deste sistema com o aproveitamento das potencialidades locais, se for bem conduzida pela entidade coordenadora, pode igualmente revestir-se de efeitos positivos.

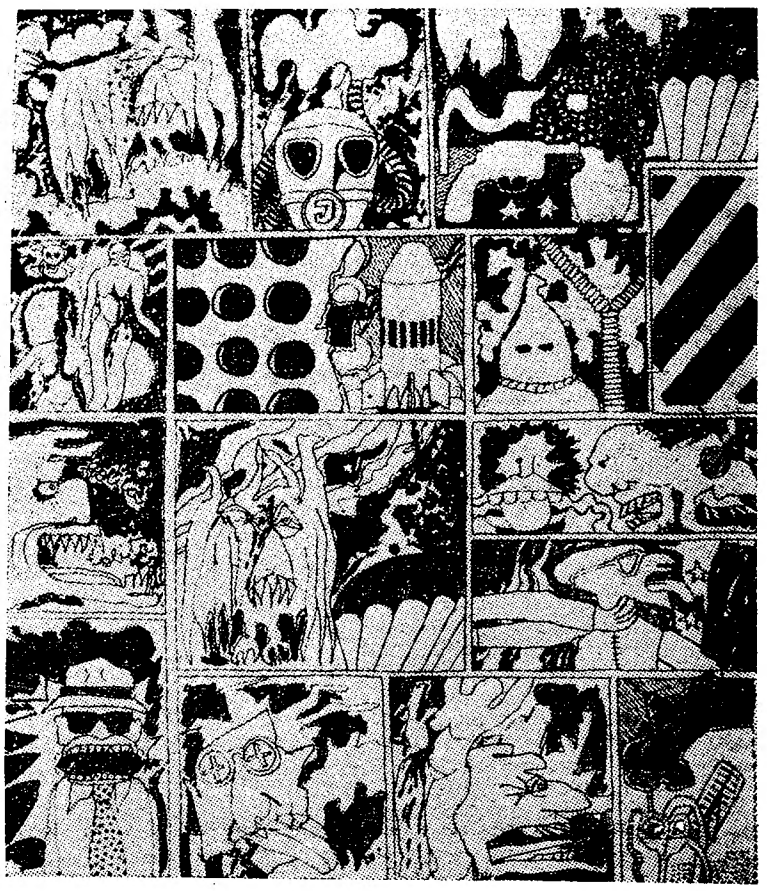
O Salão a que me refiro, promovido pelos serviços culturais da Câmara Municipal de Luanda e defendido por pessoas que desejam sobretudo elevar a iniciativa a um plano esclarecido, é uma experiência sem precedentes naquela zona e foi este ano reestruturada no sentido de ganhar a devida eficácia. Os prémios instituídos atingem somas consideráveis, capazes de estimular a participação dos artistas, e foram entretanto elaborados documentos propondo aos responsáveis um regulamento apropriado ao conceito actual que informa estas exposições, com garantias de facto quanto ao transporte e seguro de obras enviadas de Lisboa, coordenadas criticamente por um organismo ou pessoas qualificadas, como a Sociedade Nacional de Belas-Artes ou um conjunto de críticos. Estas medidas, paralelamente às decisões de selecção e premiação este ano tomadas com mais profundidade, referem com razoável clareza o empenho do organismo promotor em acertar no melhor critério e em receber sugestões e colaboração efectiva.

RETRATO DE CAPÍTULOS DE UMA SITUAÇÃO

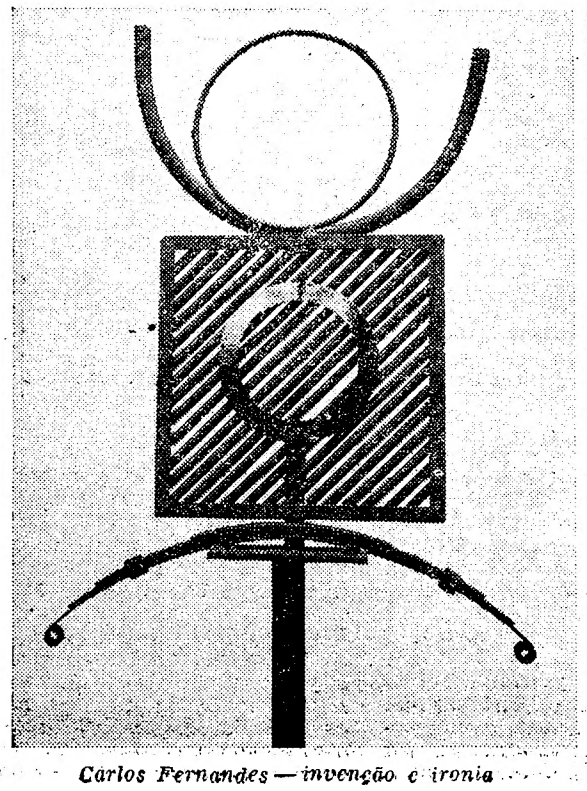
O projecto deste Salão de Artes Plásticas em Luanda diz-se arrojado (absurdamente) na medida em que se articula de acordo com o esquema já referido ao nível de uma recriação estrutural; e ainda na medida em que se propõe estritamente orientado a uma actualidade possível, que resta definir de modo satisfatório. A exposição fica portanto marcada pela independência que se procura atribuir-lhe em ordem ao centro financiador, declaradamente fora de compromissos alheios á promessa activa de cada artista num sentido de vivacidade vanguardista. Para além da representação metropolitana, que se tenta agora programar de forma conveniente, os autores angolanos serão apenas aqueles que estiverem inscritos no domínio da orientação ali enunciada. Já o foram este ano, de resto, apenas com a reserva da sua idade possível no horizonte em que se movem, procurando, melhor ou pior, uma explicitação actual das suas preocupações e da aprendizagem entretanto conseguida. O que se viu tem escala invulgar no meio, feitas as contas rigorosas do balanço geral e da selecção mais cuidada. Os autores admitidos no Salão, os autores premiados com a margem de erro humanamente aceitável, estão todos radicados em centros urbanos, enquadrados num tipo de vida que lhes reconstitui parcialmente a Europa, e onde a manifestação plástica de carácter popular se dilui, despersonalizada, em contacto com instituições orgânicamente novas. Os artistas de origem europeia, os que verdadeiramente se reconhecem solicitados pelo estatuto estético do Salão, cumprem de um modo fundamental um comportamento criador paralelo a uma cultura urbana que só por feliz acaso inscreve assimilações claras, bem elaboradas numa perspectiva moderna, dos factores locais mais característicos. Em última análise, e para além da circulação dos hábitos urbanos, trata-se de um problema de formação, no qual as respostas têm de ser as que mais de perto definem uma cultura transplantada, em grande parte ainda solitária, quase sempre reabastecida pelo sistema de comunicações mais eficaz. Para além das incipiências que fàcilmente se registam no quadro da produção exposta, para além dos desníveis e dos confrontos ainda demasiado heterogéneos, os autores seleccionados a que me refiro funcionam segundo um padrão estético dali decorrente. Um padrão que retoma, como não podia deixar de ser, o tipo de experiências já catalogadas em Lisboa, herança mais ou menos vivida da tradição artística deste século.

O Salão instituído em Luanda, meritório por ter podido reunir essas tentativas isoladas, esse activo de propostas pessoais desenquadradas de qualquer sistema de exposições e de consumo, só se deve entender como arrojado em relação a um agregado urbano cuja massa populacional vive profundamente adormecida neste campo. À medida que os salões colectivos daquele tipo vão perdendo razão de ser um pouco por toda a parte, apesar das respostas úteis que eles ainda permitem mesmo em Lisboa, um núcleo de pessoas em Luanda trava a sua batalha doméstica para instituir por essa via uma escala de valores de intervenção crítica no meio, com apoio numa produção que se procura sucessivamente esclarecer e afinar. Se procurarmos encontrar iniciativas paralelas em Lisboa, num tempo relativamente próximo da nossa memória, teremos pelo menos um exemplo frisante da substituição de uma classe por outra, de uma geração por outra, com resultados

(Continua na 7.ª página)



António Olé — sátira a um quotidiano carregado de mitologias



Carlos Fernandes — invenção e ironia

Teresa Gama — um quase desespero

Bairro de habitação, factor de progresso

por João Reis Machado

Prosseguimos hoje, com o artigo «Bairro de Habitação — Factor de Progresso», do arquitecto João Reis Machado, a publicação da série de trabalhos sobre Arquitectura e Urbanismo organizada pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos, de colaboração com o «Diário de Lisboa».

● Já publicados:

— *«As Cidades em que Vivemos», pelo arquitecto Keil do Amaral («Suplemento D. L.» 25/7/68).*

— *«A Evolução da Cidade», pelo arquitecto Carlos S. Duarte («Suplemento D. L» 1/8/68).*

— *«As Casas que se Constroem», pela arquitecta Luz Valente Pereira («Suplemento D. L.» 8/8/68)*

— *«O Valor da Paisagem», pelo engenheiro-agrónomo e arquitecto paisagista Gonçalo Ribeiro Telles («Suplemento D. L.» 15/8/68).*

— *«Paisagens do Futuro», por Gonçalo Ribeiro Telles («Suplemento D. L.» 22/8/68).*

O Urbanismo como técnica, tem por objectivo ultimo o desenvolvimento — desenvolvimento nacional e regional, desenvolvimento rural e urbano. Porque inclui a análise dos meios mais eficazes para atingir os seus fins, é uma actividade complementar de outras disciplinas de vocação operacional. Através da organização do espaço em que o Homem vive, colabora na produção da riqueza. Procurando assegurar para cada pessoa uma dignidade própria, relaciona-se com o direito ao trabalho, com as virtudes politicas e civis, com o acesso á educação, á saude e á cultura.

Perante as transformações económicas profundas que desde há um século se têm operado nas regiões industrializadas, diversos países foram postos perante a alternativa: *ou proceder a um planeamento racional da utilização do solo, ou assistir a um rápido desgaste de recursos e valores naturais e humanos.* Aglomerados e industrias, distribuindo-se livremente de forma desorganizada, conduzem á destruição irrecuperável de bons solos agrícolas, contaminação de cursos de água e bacias, poluição atmosférica em zonas habitadas, divórcio entre locais de habitação e de trabalho com o consequente aumento dos custos de transporte, congestionamento do tráfego, destruição de centros históricos devido a demolições e abertura de novas vias, alastramento dum «habitat» defeituosos, custos elevados de funcionamento de administrações e serviços, especulação generalizada com o preço de terrenos e empobrecimento cada vez mais acentuado das regiões subdesenvolvidas. *São estes alguns dos principais sintomas de um território desorganizado e da inexistência ou inoperancia dos planos de urbanismo.*

A fisiologia do desenvolvimento processa-se sempre através de impulsos transmitidos a partir de centros de irradiação. Se esses centros não correspondem a um plano de ordenamento, apenas os centros históricos, e só eles, atraem as actividades. Considera-se que nos países com extensas faixas costeiras, o crescimento económico se iniciou sempre em um ou mais portos de mar, propagando-se ao longo das estradas existentes entre eles. Com o decorrer dos séculos surge a concentração que, por fim, se transforma em congestionamento. *Só a acção dos governos pode inverter a inclinação dessa rampa natural que conduz as novas empresas a instalar-se de preferência em regiões já congestionadas.*

A perspectiva do *desenvolvimento harmonizado* de que falava J. L. Lebret, só a pouco e pouco se vem afirmando e, ainda hoje, pela força dos interesses criados, está muito longe de ser conseguida, «reconhecendo-se todavia que esta ideia prossegue caminho, o que constitui um notável progresso».

Os termos em que é referido o afluxo aos grandes centros, traduzem a violência do fenómeno — «revolução e explosão urbanas», «macrocefalia», «diluvio», «megalópole», etc. Segundo as previsões o mundo será povoado dentro de 30 anos por seis mil milhões de pessoas. Julga-se que nesse total 3,7 mil milhões habitarão zonas urbanas (62 por cento). Nos Estados Unidos prevêm-se para essa altura cerca de 400 milhões de individuos, dos quais 320 se localizam nas cidades (80 por cento). *E em Portugal? Se admitirmos como segura a percentagem de 50 por cento, aos 2 milhões que em 1960 constituiam a população urbana do Continente, há que juntar, pelo menos, mais 3 milhões de habitantes. Estaremos nós preparados para essa formidável migração? Em termos simples, têm as zonas urbanas capacidade para mais casas e para mais automóveis?*

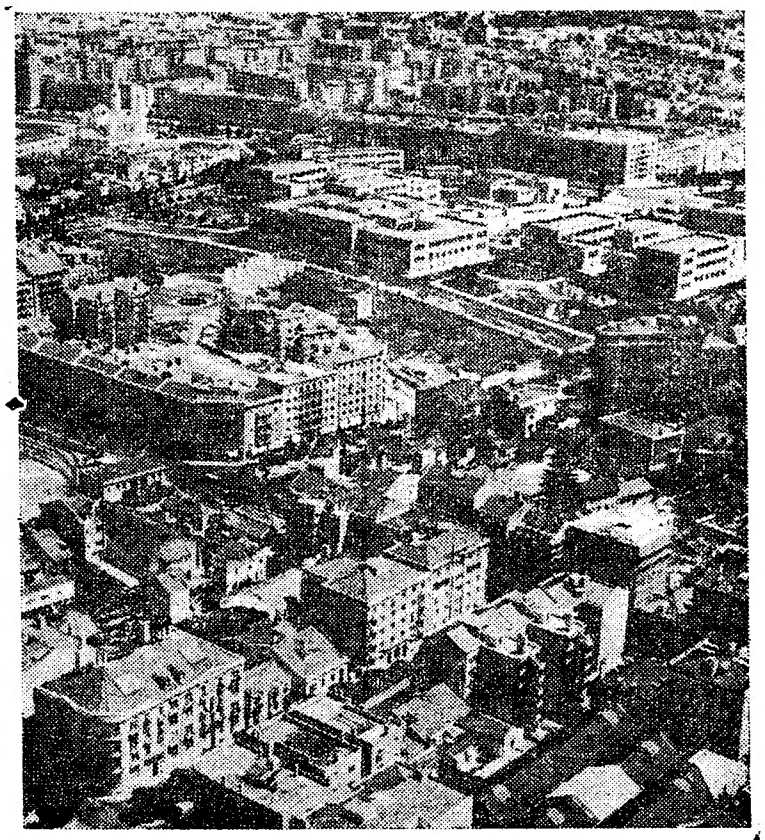
A cidade adquire uma sedução cujos símbolos se encontram na arquitectura

As populações abandonam os campos e aglomerados provincianos emigrando em direcção aos grandes pólos, lutando frequentemente pela sobrevivência, outras vezes por condições mais vantajosas e aspirações a prosperidade. *O movimento desencadeou-se. Independentemente de um esforço a favor do «desenvolvimento harmonizado», há que encontrar soluções de carácter imediato. Organizar e estruturar os grandes pólos e construir novas zonas residenciais é uma dessas medidas.*

URBANISMO PROBLEMA DE CIVILIZAÇÃO

O afluxo aos grandes nucleos urbanos é um fenómeno vital em qualquer país, cujas consequências nem sempre estão previstas. Essa força humana colossal tem que ser acompanhada. Constituindo um elemento de informação, condicionante de qualquer plano, procura-se que seja canalizada no melhor sentido.

A presença das populações nas cidades pode fomentar um conjunto de transformações de ordem cultural, social, económica e politica que determina a evolução da sociedade. O urbanismo é assim um problema de civilização. Os habitantes dos principais centros urbanos encontram-se no fulcro das grandes iniciativas económicas e politicas, próximos das escolas e universidades e, aparentemente, com maior facilidade de acesso aos principais acontecimentos culturais. Construir a cidade é, de facto, preparar a evolução das relações entre cada homem isolado e a sociedade, é segundo considera P. H. Chombart de Lauwe, estudar a forma como se processa a interacção da pessoa com os meios sociais. Actuar sobre o meio físico urbano, é actuar sobre a vida particular de cada um, sobre os orçamentos familiares, sobre a educação da criança, sobre a conduta e maturidade do adolescente, sobre a saude fisica e mental do adulto. Por esse motivo as administrações de algumas cidades, começam a fazer assentar as suas decisões em inquéritos rigorosos, que permitem uma aproximação da realidade sobre a qual vão actuar. Desenha-se assim a tendência de abdicar de processos empíricos ou de interesses demagógicos e pessoais em favor de uma terapêutica estudada por grupos bem organizados de especialistas.



O meio urbano é um conjunto biológico complexo que consome e produz

O meio urbano é um conjunto biológico complexo que consome e produz e, consequentemente, é um factor de riqueza material, cultural e espiritual. Pressentem-no aqueles que abandonam as regiões subdesenvolvidas e se acumulam nos grandes centros ou na sua periferia. Através de inquéritos feitos, confirma-se que a razão fundamental na origem das migrações internas diz respeito a problemas de trabalho. O desejo dos que procuram a cidade é conseguir uma ocupação que lhes convenha, libertando-se de actividades confinadas ou impostas.

Por outro lado, as imagens do mundo urbano difundidas pela Imprensa, Rádio, Cinema e TV exercem uma atracção especial, que diz também respeito á vida fora do trabalho. Assim, por exemplo, o circulo de parentes e conhecidos tem, normalmente, no campo ou cidades de província, grandes condicionalismos e limitações de que as gerações mais novas pretendem libertar-se. Nessa cidade ideal, a possibilidade de comunicar com os outros, a independência, e, simultâneamente, a procura de relações mais vantajosas, é um atractivo muito importante. Mencione-se, ainda, que muitos são sensiveis ao prestigio, ao recreio, á possibilidade de educar os filhos, ao desenvolvimento cultural, etc.

A cidade adquire, assim, especialmente para os mais novos, uma sedução cujos símbolos se encontram na arquitectura, nas grandes praças e monumentos, nos parques e estádios, no comércio, nos espectáculos públicos, nos meios de transporte, etc.

Corresponde, porém, a cidade ás expectativas e aspirações de promoção, ou transforma-se, pelo contrário, numa fonte de revolta, desadaptação e desenraizamento?

CIDADES PARA HOMENS OU HOMENS PARA CIDADES

Na realidade, viver na cidade não significa sempre ter acesso ao trabalho, á habitação, aos aparelhos domésticos, á saúde, ao ensino, á promoção profissional e cultural. Até pelo contrário, numa grande percentagem de casos, verificam-se aqueles sintomas existentes no emigrante, que, implantado e abandonado num meio hostil, fica incapaz de se adaptar ás novas condições de vida.

A maioria dos que procuram a grande cidade parece ser constituída por uma mão-de-obra pouco qualificada. Os sectores profissionais de ingresso dispõem-se por camadas, numa hierarquia mal determinada, desde trabalhadores rurais e operários da construção civil, a empregados de escritório, comerciantes, etc. Frequentemente, em contacto com a realidade, desaparece a imagem da grande metrópole que havia sido criada em excursões ou romarias. As dificuldades multiplicam-se. No trabalho, o emigrante encontra a insegurança e, por vezes, condições extremamente duras. Nos transportes públicos, encontra o desgaste que é devido a percursos morosos e prolongados. A habitação, o orçamento doméstico, são outros tantos problemas que continuará a enfrentar.

A habitação económica desaparece das zonas centrais e os dormitórios crescem progressivamente, na sua grande maioria constituídos apenas por casas e por ruas. Na ausência de uma técnica urbanística eficiente, multiplicam-se, por outro lado, os bairros clandestinos, sem condições de segurança e salubridade. O problema dos «tugúrios», «ilhas» e «bairros de lata» transforma-se num trabalho incessante e colossal.

São célebres os inquéritos feitos pela Urban Renewall Division of Sears Roebuck and Co., de Chicago, que mostram em toda a sua amplitude a importância do problema: os bairros decadentes, sem equipamento e abaixo dos «standards» minimos, reunem 45 % dos principais crimes da cida-

de, 55 % da delinquência juvenil, 50 % das prisões, 35 % dos incêndios, 45 % dos custos dos serviços municipais, incluindo o policiamento, e 6 % dos impostos.

O BAIRRO DE HABITAÇAO É UMA ESCOLA

Se fosse necessário um «slogan» publicitário, diríamos que não são precisas casas, mas bairros. De facto, construir habitações em grande número, sem que estejam integradas em bairros bem equipados, é colaborar na propagação dos conflitos sociais denunciados pelo inquérito americano.

Um bairro de habitação, bem estruturado, tem um papel fundamental a desempenhar neste fenómeno da concentração demográfica em pólos de desenvolvimento. É no quadro residencial que se exerce e se materializa um conjunto de actividades, tendentes á promoção das populações. Mas para que essa acção seja viável, torna-se, também, necessário um doseamento equilibrado das categorias sócio - profissionais. O ocupação das habitações tende, por isso, a ser objecto de um «contrôle» coordenado, que torne possível o êxito do conjunto, evitando dificuldades insuperáveis resultantes de conflitos e tensões.

Para que esse êxito se torne realidade, verifica-se hoje indispensável a boa impressão criada nos primeiros habitantes de cada bairro. A atitude das sucessivas vagas de emigrantes, torna-se dependente do ambiente que aí encontram. Por esse motivo, como objectivo número um, deve cada bairro ser concluído em globo, casas, ruas, pavimentos, jardins, escolas, comércio, serviços administrativos, telefones, etc., e só depois se deve dar início á ocupação das habitações. Desde início, um funcionamento simultâneo de casas e equipamento, contribui para que os habitantes sintam que o bairro espera por eles e que tudo se tentou para que sejam bem recebidos. *As primeiras impressões dos primeiros habitantes constituem os elos de uma cadeia que vão condicionar o comportamento das restantes famílias.*

Como afirma o arquitecto R. Auzelle, nas suas 323 citações sobre urbanismo, «consagram-se somas consideráveis, em muitos países, á construção de habitações, criam-se organismos de estudo com o fim de conseguir investigações e experimentações neste domínio, e, no entanto, recorre-se, ainda, com demasiada frequência, á rotina e improvisação, num campo em que quase todos os dados tradicionais perderam significado». *A construção de bairros de habitação é, de facto, uma técnica nova, avessa a empirismos.*

É hoje um conceito corrente entre os que se dedicam á organização de trabalho e aumento da «force de frappe» das empresas modernas, existir paralelamente á realidade pública e á económica, uma outra, mais importante, que é a realidade humana. *A experiência demonstra que as empresas tradicionais são, inexoràvelmente, batidas por aquelas, mais actualizadas, que concedem um lugar de primeiro plano aos problemas humanos, á formação das pessoas, á satisfação das suas exigências e aspirações fundamentais.*

Viver num bairro bem estruturado é uma exigência fundamental. Por esse motivo se reconhece que o aumento da produtividade de qualquer país depende em larga escala do problema da habitação.

Um salão sem notícia

(Continuação da 5.ª página)

que de facto consolidaram posições num conceito possível de modernidade.

Não se está longe em Luanda de uma situação semelhante.

APRESENTAÇÃO POSSÍVEL DE SEIS AUTORES

Feitas as reservas devidas, no retrato sucinto da situação, os autores não podem ficar de fora. E no conjunto destacado, o que mais recentemente tem logrado intervir na vida artística local, Teresa Gama, Carlos Fernandes, José de Guimarães, Luís Jardim, Carlos Almeida e António Ole são os elementos mais importantes da exposição agora proposta.

Teresa Gama, até há pouco comprometida numa pastosa e confusa ordenação do guacho, através de uma pintura tumultuosa mas descaracterizada por dentro, conseguiu entretanto definir-se sobretudo como temperamento criador de força invulgar no campo da escultura. O programa exposto pela sua representação está longe de ser novo em relação a uma perspectiva exigente fora do contexto em que a autora se formou e onde procura superar-se. No entanto, ao trabalhar com materiais recuperados, reagrupando e resignificando os ferros ou os detritos do consumo urbano, Teresa Gama dá-nos conta de uma paixão oficinal que se casa perfeitamente com a coragem das suas peças. A extrema vontade afirmativa que se lê nessas propostas, e que se define de um modo dramático nos ferros submetidos á violência do fogo, é testemunho quase desesperado de uma presença invulgar.

Carlos Fernandes, conhecido em Lisboa pelos seus trabalhos gráficos para a Editora Ulissela (Boris Vian, *A Espuma dos Dias*; Blaise Cendrars, *Rum*) é ainda o espírito requintado que produziu as ilustrações para um texto de Jorge Luís Borges do *Manual de Zoologia Fantástica*, publicado no Suplemento & *Etc* do Jornal do Fundão. Se descontarmos a sua representação na pintura a guacho, excessivamente frívola, esteriotipadamente gráfica, poderemos reencontrá-lo na ironia de um trabalho realizado com tintas plásticas em que associa os efeitos incómodos de uma complementaridade exacerbada com um sinal de trânsito incisivo na sua advertência inutilizada. A mesma invenção e a mesma ironia reconhecem-se num outro objecto de sugestões totémicas, construído segundo uma simetria estrutural que se apoia em peças ainda marcadas pela sua utilidade urbana. Reconhecíveis no seu perfil, reagrupadas de acordo com uma rigorosa disciplina formal, essas peças sugerem a dimensão mítica que as destrói na sua utilidade de origem.

José de Guimarães, único concorrente na modalidade da gravura, revela adequado conhecimento dessa prática e um domínio experimental dos seus meios expressivos. A fase mais interessante do que entretanto está procurando estudar situa-se na descoberta de formas muito simples, de evocação geométrica, conjugadas com os efeitos de uma ambiguidade óptica instaurada por processos deliberadamente sucintos.

Luís Jardim, também conhecido em Lisboa onde expôs durante certo tempo, aborda o desenho, agora segundo uma perspectiva quase pictórica, na obsessão das meias tintas tracejadas, dos planos que se confundem, dos horizontes que mùtuamente se destroem. O manifesto amadurecimento tecnológico do seu trabalho, no confronto estabelecido, está sobretudo coberto pela expressiva ordenação de imagens que alegòricamente reinventam uma actualidade inquietante. O seu modo de propor é no entanto mais original do que o seu modo de realizar.

Carlos Almeida, presença repentina, presença sem história, é dono seguríssimo de uma representação de muito bom gosto, embora desapoiada no momento actual, conseguida pela tintagem de panos onde se ordenam composições abstractas de grande cuidado textural

E António Ole, novíssimo na idade e novíssimo em Luanda na pretensão corajosa dos seus trabalhos, é a descoberta singular das figuras mais representativas. Não há nenhuma espécie de brilho artesanal nos seus desenhos, vistos com a lupa de uma exigência ilógica para o caso, mas há de certeza a redescoberta atenta do mundo das bandas desenhadas, numa mistura de dados irónicos que também referem e satirizam um quotidiano carregado de mitologias. Contundente na sua aparente ingenuidade, decidido na recuperação saborosa e densa de sinais diferentes, António Ole desmascara a cómoda ignorância de uma cidade.

ROCHA DE SOUSA

Depressa, tome Rennie!

O SEU EXTINTOR DE BOLSO

A tensão do dia-a-dia abate-se sobre nós. Atinge-nos por dentro, no estômago, pela indigestão, azia, excesso de ácidos

Digestif Rennie apaga esse ardor como se fosse um extintor de bolso. Sem água, sem um minuto de espera! Uma Digestif Rennie elimina imediatamente a sensação de ardor. Uma segunda Rennie, dissolvida lentamente na boca, assegura-lhe um alívio mais duradouro.

Rennie
Força digestiva!

CIESA-NCK

Meia-Noite

(Continuação da 8.ª página)

a sempre agradável e aliciante sensação de estar viva. Porque procura. Porque não receia a ironia, o azedume, porque reivindica o tal grãozinho de loucura. Porque os tempos não estão para flores e MMF sabe isso e luta com as armas que tem. *Johnny Guitar* não era poético? Mas Sterling Hayden deixou de ser Johnny Guitar para ser, em *Dr. Strangelove*, um general do Strategic Air Command que «os arraza a todos» E a apaixonada Vienna (Joan Crawford) abandonou pràticamente o cinema para ser administradora e grande accionista da Pepsi-Cola. Por isso, nada de fantasias e jogo no seguro: Christopher Lee será sempre Christopher Lee.

Eis a figura que MMF faz, se a compararmos com algumas das publicações cinematográficas mais conhecidas. Parece uma mulher — uma mulher jovem, fresca, bela que atravessa, bruscamente, uma galeria de cadáveres sentados em secretárias côr-de-chumbo.

MMF ignora festivais, zomba dos prémios, acha que o juri dorme durante as sessões, parlamenta com produtores falidos, regista em fita magnética as palavras dos realizadores malditos e, entre Julie Christie e Julie Andrews decide-se por Barbara Steele. O último *enfant terrible* duma literatura cinematográfica que, apesar dalgumas rábulas talentosas, oscila monocòrdicamente entre a chateza retórica das posições de princípio a propósito do filme em que os personagens comem sanduíches de fiambre com alface ou vão para a cama ou tomam um táxi numa noite de chuva e o tom burocrático que se adapta ao bocejo duma *press release* de relações públicas.

MMF corta galhardamente entre esses dois extremos de abjecção, tal como os Irmãos Marx, re-inventa a realidade, dinamita a impostura convencional que rejeita todo o fantástico como atitude negativa, todo o erotismo como decadência, todo o sadismo como pura manifestação de brutalidade. Se o Mundo nos pertence ou virá a pertencer-nos, é

Christopher Lee, Drácula «no seguro»

lícito esperar que a nossa imaginação tenha um lugar dentro dele. Ou seja, em linguagem de telex, a mensagem básica da impertinente MMF.

As colunas da revista alargam-se: a literatura, as artes plásticas, o teatro, a decoração, os happenings, as bandas desenhadas são hóspedes entusiàsticamente acolhidos. Estamos, como já havíamos afirmado, muito distantes da expedição brincada aos domínios populistas do filme de terror. Mas torna-se necessário reconhecer que foi uma jornada apaixonante, que, por entre maëlstroms e espirais que giram sem parar, se redescobre que Julio Verne tinha razão, que as antecipações são as realidades de hoje, que fôra prevista a cápsula voadora e existem as naves cósmicas e que certas ilustrações ingénuas do século passado não diferem muito dos fatos dos cosmonautas dos anos sessenta. Uma meia-noite fantástica que só agora começa...

JOSÉ VAZ PEREIRA

Castro Soromenho uma vez ainda...

Um crivo de malhas largas

por Manuel Ferreira

A PROPÓSITO de um artigo que publicámos aqui neste suplemento sobre Castro Soromenho, recentemente falecido no Brasil, adiantámos que ele foi não só o primeiro como de certo modo o único romancista tipicamente africano de língua portuguesa.

Tal afirmação teria sido considerada insólita. Numa assentada se eliminariam nem mais nem menos do que alguns romancistas angolanos, moçambicanos, são-tomenses e ainda (o mais grave) os cabo-verdianos Manuel Lopes, Baltasar Lopes, Luís Romano, para já não citarmos os novelistas António Aurélio Gonçalves, Teobaldo Virgínio e outros, dado que estamos a circunscrever o problema apenas ao romance.

O delito tem uma história. Com matizes várias. Desfiá-la nos seus meandros não é a nossa intenção, mas tão só tecer breves considerações, indispensáveis ao esclarecimento da nossa posição.

Porventura antes de mais nada, será oportuno preliminarmente registar que não é matéria passiva a terminologia aplicada a este fenómeno que releva do segundo quartel deste século, e vem a ser a literatura de motivação ultramarina. Com efeito, é só a partir dos anos 30 que os escritores começam a encarar as vivências ultramarinas como condição primeira para a formação de uma literatura específica, afastando-se de uma tradição presa aos cânones lisboetas, embora antecedentemente possam ser detectados casos esporádicos e significativamente anunciadores da época que se avisinhava. Uns chamam-lhe literatura portuguesa em África, outros de além-mar, outros literatura africana de expressão portuguesa e ainda há os que preferem a designação de literatura ultramarina de expressão portuguesa.

Mas onde por certo as discrepâncias adquirem maior vulto será nos dois pontos que vamos referir. Na tendência ou na determinação por parte de alguns para tomar a literatura cabo-verdiana como um fenómeno em tudo idêntico ao fenómeno literário moçambicano, angolano ou são-tomense, enquanto para outros o cabo-verdiano, embora parente próximo, seria um caso «sui generis»; e na circunstância de a todo e qualquer romance, quantas vezes de inferior qualidade, só pelo facto da sua acção decorrer numa zona do Ultramar lhe poder ser aplicada a chancela de angolano ou moçambicano ou são-tomense, independentemente de valores específicos exigidos por uma situação original.

Dir-se-ia que na pressa de se pretender uma literatura tropical (e na verdade vivemos e sofremos por ela), se não olha nem à qualidade nem à natureza. É como se tudo o que viesse à rede fosse peixe. E depois se classificam de notáveis, escritores que não atingiram aquele ponto sem o qual não é possível falar de verdadeira literatura. E mais. Pois se é legítimo estabelecer, dentro do espaço metropolitano, diferenciações insuspeitas entre um romance beirão e um romance alentejano, como vamos pôr em dúvida, por muito ingénuos que sejamos, ou por muito pouco que saibamos das coisas do Ultramar, o corte fundamental que separa um romance beirão de um romance inserido na povoação do Camaxilo?

Este crivo de malhas espantosamente largas que amiúde tem sido manejado na análise dos valores que vão surgindo pelo Ultramar, é responsável por muita confusão e anda na origem de sérios embaraços causados aos que, embora menos avisados, indagam, no entanto, do que se passa no mundo da nossa cultura. Cremos que o processo não serve a ninguém. Nem aos autores lisonjeados e muito menos à literatura nova que procura, a todo o custo, trilhar um caminho de dignidade.

Sim, não basta um ou outro negro ou mestiço a falar um português adulterado, uma pincelada de exotismo local, não basta um modismo metido a despropósito ou a propósito, não basta a coloração dada pela toponímia ou pelos patronímicos. Sim, não basta. Dissecar uma nova sociedade em evolução, eis o que importa. Ir ao fundo da questão, eis o óbice. Mas penetrar na complexa realidade africana é tão difícil, exige uma acuidade tão profunda, uma adesão humana tão solidária, que só os verdadeiramente experienciados e servidos por uma larga e saudável cultura, o alcançaram. Razão por que as obras de ficção mais expressivas são as de autores nados e criados naquelas parcelas ou, então, de metropolitanos desde tenra idade ali radicados e, portanto, possuidores da mundividência regional. Contistas quase todos, por sinal. Aos outros, àqueles que vão da Metrópole já depois da adolescência, e ainda por cima a muitos falecendo uma formação cultural humana e sólida, interpõem-se-lhes barreiras tantas vezes insuperáveis: de língua, de contactos, de conhecimento directo das relações sociais, enfim, da íntima realidade envolvente. Daí que tenham falhado em pleno muitas das tentativas de metropolitanos que procuraram ensaiar o romance africano. Com a agravante de, para mal dos nossos pecados, e ressalvando algumas excepções, nem sempre eles serem escritores de mérito, porque se o fossem poderiam ter-se perdido como autores de temática africana, mas salvo como autores metropolitanos. À guisa de simples anotação, deverá dizer-se que, relativamente á poesia, o caso tem diversificações, dando-se até a circunstância de autores da metrópole se revelarem mais aptos no tratamento de uma poesia de motivação africana do que muitos dos poetas locais.

Deste modo encerramos aqui as considerações relativas á segunda questão já que deixámos a primeira para depois: o ser incorrecto taxar de ultramarina uma obra literária pelos simples facto de fixar a sua acção numa área do ultramar, sem cuidar de penetrar no verdadeiro húmus autóctone. Nem pelo facto de algumas obras de Grahm Green se situarem em áreas afro-negras se lhes deu a classificação de obras africanas.

Claro que haverá um tratamento especial para os casos notórios, entde outros, o de Rodrigues Junior, Luís Cajão, Fernando Reis, Fausto Duarte e Maria da Graça Freire. Mas mesmo aqueles que se distinguem pela aderência á realidade africana: Rodrigues Júnior (Moçambique), Fernando Reis (S. Tomé), Fausto Duarte (Guiné), supunhamos, não poderão ter tomados, apesar da contribuição trazida e da sua importância para o conhecimento das áreas humanas tratadas, como autores de verdadeira africanidade e, cada um deles, por motivos diversos. Daí o termos destacado o nome de Castro Soromenho e reservado para ele um lugar ímpar: por ser cronológicamente o primeiro e o mais importante romancista da África portuguesa e por ter sabido tornar-se o intérprete cuja perspectiva era o da totalidade social ambiente.

Fica por abordar a primeira questão, a do fenómeno cabo-verdiano, e fá-lo-emos a seguir.

Meia-noite fantástica

por José Vaz Pereira

MIDI/MINUIT FANTASTIQUE percorreu um longo caminho desde um modesto número inicial, dedicado a Terence Fisher, o realizador de *Os Estranguladores de Bombaim* — filmado em «Strangloscope»!, *A Maldição do Drácula, As Duas Faces do dr. Jekyl)*. Tratava-se duma ingénua homenagem que nada tem a ver com a opulência requintada que agora se atingiu. É evidente que as alterações têm sido profundas. *Midi/Minuit Fantastique*, ou MMF como é conhecida pelos fanáticos, modifica-se para nos provar que existe.

Nesse crescimento, ultrapassou-se o conceito limitado dum certo tipo de revista para se deparar com uma autêntica tribuna de defesa do mais maldito cinema maldito: o filme de terror, o filme fantástico, o filme de antecipação e companhia (neste caso respeitável, porque não?).

MMF era descoberta buliçosa, lúdica dum novo mundo em que o próprio mau-bom gosto dos cartazes e dos anúncios dos filmes representava um poderoso meio de evasão, um reencontro com certas correntes de literatura popular perdidas desde o século XIX, uma espécie de libertação psíquica da soturnidade cotidiana através das glórias comprometidas da série B.

Era como se, sùbitamente, a porta para o fantástico,, para o onírico ficasse escancarada e que na volúpia do tesouro encontrado se confundisse duma maneira arrogante e alegremente inconsequente o trigo e o joio. Como se, para entrar no universo alucinante de Edgar Poe, tivessemos necessàriamente de passar ao pé de Vicent Price, lendo um número de MAD, em *robe de chambre* e erguendo a sua célebre sobrancelha perante a nossa intromissão de principiantes. O manifesto de MMF, nessa fase, era o populismo, a ingenuidade, o comercialismo para que resvalara a degradação dum género desprezado.

Foram os pecados de juventude que não se renegam. Ou, se quiserem, a fase heróica. De Tarzan, do conde Zaroff, de King-Kong, das «coisas» que vinham dos outros planetas...

Pois MMF aristocratizou-se. O entusiasmo adolescente e o elogio colegial desapareciam. Despontava o ensaio, o distanciamento, a frieza analítica, uma cosmovisão em que o erotismo, o sadismo e o romantismo fantástico se amalgamavam, refundiam, se entrelaçavam. Como tudo, dum momento para o outro, fosse a sério. Como se nos propusessem uma iniciação mais lenta, mais densa e mais sábia. Como se aguardássemos uma explosão ou uma quarmesse e encontrássemos um edifício sólido como um bunker, autoritário e longínquo como um castelo de Kafka, fascinante como uma estrutura de Fritz Lang, em *A Morte Cansada*.

Irrupção das artes plásticas na Meia-Noite Fantástica. (Desenho de Roland Grünberg)

Mas, mesmo dentro desta involução, deste praia-mar revolucionário que iniciou o desfile pelas galerias do poder, desta fronda que tomou ares palacianos, algo da antiga chama ainda não se extinguira. Os novos quadros contavam com a velha guarda. O poder trazia a eficácia, a penetração, a gravura escolhida à lupa, o lay-out refinado para «happy few», a colaboração de prestígio. A nostalgia por Mandrake e por Tarzan não impedia a chegada em força de Barbarella e de Jodelle — o que é cinema e o que não é cinema na sociedade de hoje, eis a questão. Os cultos surgiam. Deuses, heróis e monstros povoavam galaxias e galaxias dum espaço desconhecido. Jean-Claude Forrest faz Barbarella amar um anjo cego, Frantz-André Burguet escreve que Jodelle é «a mais garota, a mais desenvolta, possívelmente a mais tonta e também a mais fria e inocentemente cruel de todas» e que «elle est toujours presque nue, beaucoup plus nue que nue». Uma distância que poderia perder a memória.

Barbara Steele, a noiva de Midi/Minuit

Mas a nova MMF, com galantaria, ia pôr a eficácia recem-adquirida ao serviço do idealismo que «começara toda a aventura». E, apesar das inevitáveis desilusões ao longo da estrada (de que só escapam aqueles que nunca caminharam nas estradas), ao lado das outras revistas de cinema, Midi/Minuit FANTASTIQUE (a tónica é deles) continua a dar

(Continua na 7.ª página)